CINEARTE

Carole·Lombard

ANNO IX N. 401
RIO DE JANEIRO, 15 DE OUTUBRO DE 1934
Preço para todo o Brasil 2$000

Arte de Bordar

RISCOS PARA BORDAR
E ARTES APPLICADAS

APPARECE NOS DIAS 15 DE
CADA MEZ

ARTE DE BORDAR é uma revista mensal de riscos para bordar e artes applicadas. Contém 20 paginas de grande formato e dois grandes supplementos que vêm soltos dentro da revista com os mais encantadores e suggestivos riscos para bordados em tamanho de execução. A capa da revista, em quatro e cinco côres, traz sempre um lindo motivo de almofada ou toalha e, no texto, o risco correspondente com todas as explicações para executar o trabalho.

ARTE DE BORDAR contém riscos para: Sombrinhas, Almofadas, Stores, Kimonos, Monogrammas, Pyjamas, Guarnições e Toalhas para altar, Guarnições para "lingerie", Roupas brancas, Roupas para creanças, Guarnições para cama e mesa. --- Trabalhos: Em "Crochet", Rafia, Lã, Pellica, Panno couro, Feltro, Estanho, Pinturas, Flores, etc.

QUALQUER LIVRARIA, BANCA DE JORNAES E TODOS OS VENDEDORES DE JORNAES DO BRASIL TÊM Á VENDA A PUBLICAÇÃO

ARTE DE BORDAR.

ASSIGNATURAS — 6 mezes 60$000
SOB REGISTRO — 12 mezes 30$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

TRAVESSA DO OUVIDOR, 34
RIO DE JANEIRO

AGUA DE COLONIA
NOVELLY

DE Roger Cheramy
PARIS - S. PAULO

PERGUNTE-ME OUTRA

AMY (Maceió) — Mas, é uma penitencia agradavel... congratulation! Boris tambem me mandou um retrato e uma carta muito gentil. Jean Howard é apenas figurante. Appareceu em Films da Metro, não sei onde está agora. Deve responder. Beatriz é muito delicada com o publico.

Não comprehendo, não... Por que? 1º — Fox-Studios, Beverly Hills, Hollywood, Cal. 2º — Ella vae fazer um Film em Paris, mas envie para Gaumont — British, London, England. 3º — Ainda não sei. 4º Está nos Estados Unidos. 5º — Não sou o Gonzaga. Retrato de Phillips Holmes, quando tiver um novo.

—

ROBERTO VELLANI (Campina Grande — Parahyba) — Desculpe-me meu caro, mas eu sou apenas o "Operador" que responde as cartas e nada posso responder sobre o assumpto da sua carta. Raras vezes falei com o director citado. Envie o seu retrato e dados para os Studios brasileiros. E' a unica cousa que posso suggerir.

—

GLADYS (Rio) — Eric Pommer é apenas o productor de "Music in the Air", da Fox, com Swanson e John Boles. Joe May, o conhecido director de "Soberoa do mundo", "Veritas vincit" e outros, é quem dirige. Aliás Tommer, parece-nos, nunca dirigiu.

Só nas notas de publicidade das agencias... Elle tem sido super-visor, de alguns Films, isto, sim. E agora é productor.

—

HELENA (Rio) — Hobart Bosworth interpreta o seu 533º papel Cinematographico em "Music in the Air", da Fox. Ha 25 annos que o inesquecivel interprete da "Detráz da porta", trabalha no Cinema.

—

ROUCHO — (Rio) — Groucho Marx acaba de fazer um papel serio no palco, representando na peça "Twentieth century", que a Columbia filmou com John Barrymore. O actor burlesco abandonando a sua conhecida caracterização, fez o papel que Barrymore vive no Film, acredita?

—

JAMES (Rio) — Em "The Great Ziegfeld", da Universal, o Film que reproduz a vida do celebre empresaria, marido de Billie Burk, veremos todas as figuras que elle tornou famosas e passaram ao Cinema — Marion Davies, Peggy Hopkins Jayce, Helen Morgan, Marillyn Niller, Ann Pennington, Gilda Gray, Mary Eaton, Ina Claire, Nita Naldi, Dorothy Mackal Billie Dave, Suby Keeler, Mae Murray, Lilyan Tashwan etc. todas interpretadas por "doubles". June Knight, que tambem era das "Ziegfeld — Follies", apparecerá no seu proprio papel.

Quando John Barrymore era um idolo no theatro tal qual Valentino na tela. Ao seu lado, a sua primeira esposa, Michael Strange, novelista famosa.

—

MARLENE (Rio) — O novo Film da Marlene será "Red Paw", original do escriptor francez Jarques Deval. Josef von Sternberg dirigirá.

—

EXTRA (Porto Alegre) — A importunação é prazer, eu sou um "casting-director" differente dos outros... Tomei nota dos factos no Central e Apollo, para aproveital-os no "Supplemento". Idem do Cinema Castello. Por que vocês "fans" não escrevem a Metro aqui, reclamando esse atrazo? Sim, interessam-nos noticias da associação de amadores de que fala. Póde mandar que registrarei.

Os "shorts" brasileiros naturalmente irão até ahi. Você sabe que qualquer Film extrangeiro censurado depois da data em que entrou em vigor o decreto do governo, só poderá ser exhibido juntamente com um complemento de cem metros brasileiros e isso aliás é uma cousa que os "fans" podem e devem fiscalisar. Mas vão ser feitos Films maiores, mais tarde, "Extra". O Cinema Brasileiro não fica nisso, pode estar certo. Não posso garantir, mas é provavel que "O Testamento do Dr. Mabuse", venha ao Brasil".

Fritz Lang agora está em Hollywodd e seu primeiro Film na Metro será "The Journey".

Eu tambem gosto de Lang, foi elle quem descobriu Brigitte Helm... já sabia da exhibição da Argentina e tambem li algumas criticas. O "Som", voltará! Quanto á ultima pergunta escapa a minha alçada e sinto não poder informar.

—

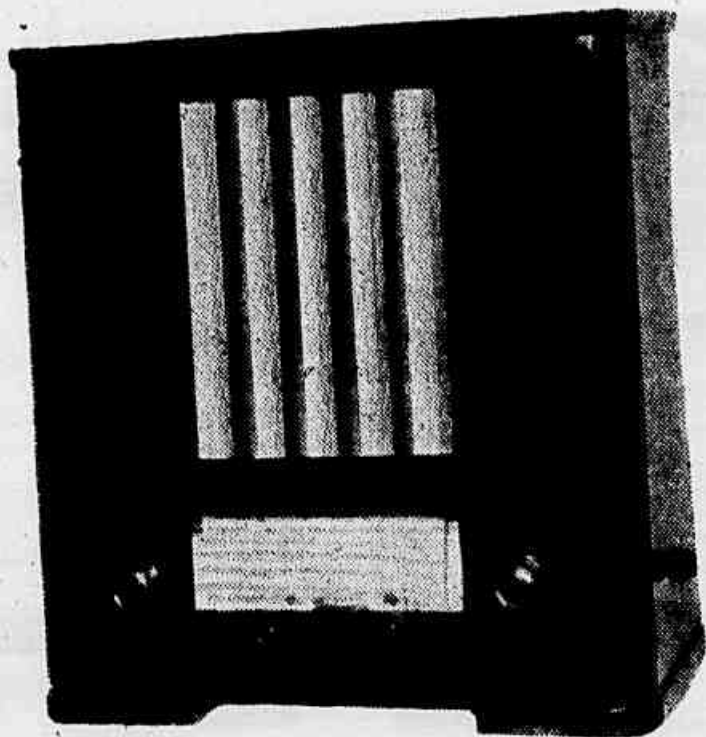
ZEZE' (Jacarehy) — Muito boa a primeira parte de sua carta e talvez aproveite para publicar. O director agradece a homenagem da "Sussuarana — Actualidades..."

1º — Foi Paul Leni. 2º — E', são "fans" de poucas memoria... 3º — Talvez o Walt Disney possa informar-lhe... a altura do Mickey no desenho que é filmado... 4º — Não me lembro, mas acho que não eram do processo do Dr. Comparato. 5º — Não sei em que ficou. Está retirado do Cinema, mas breve falaremos delle, numa série de reportagens com os productores.

—

ANTIOPE II (Maceió) — Velhinho é verdade, mas "engraçado" e... interessante. Aqui estou para responder-lhe "Antiope".

1º Aos cuidados desta redacção. 2º — Na Ufa, fez muitos, dariam uma lista enorme. "Eu e a Imperatriz" foi dos ultimos.

Na Fox, fez "Meu Beguin", "Eu sou Suzanna", "Meus labios revelam" e "Serenade" que não foi terminado. 3º — Paramount-Studios, Marathon-Street. Hollywood, Cal.

4º — O mesmo endereço de David Manners (aliás ella trabalhou com elle em "The Great Flirtation, ha pouco). 5º — "A Mummia", "A bella desconhecida", "O cancioneiro", "O marido da guerreira", "Kismet" (não é trocadilho com a sua amiguinha...), "Escandalos romanos", "O ultimo vôo", "Vozes do coração", Gato preto", etc.

RED KISS (Maaceió) — Duas cartas, de uma só vez é impossivel responder sem infringir o regulamento de **"CINEARTE"**, emfim, como a segunda é apenas uma apresentação de "Antiope", tenho que refirir-me a ella... O prazer é meu.. Infelizmente não tenho mais a letra da canção que a amiguinha deseja. E o endereço de Gilberto não posso fornecer! Escreva-lhe aos cuidados desta redacção. Procure na sua collecção de "Cinearte", (porque sei que você é leitora antiga delle) e verá que já publicamos entrevista de Gilberto Souto com David Manners (Cinearte n. 361), depois as descripções do "Mumia" e "Marido da guerreira"... Good-bye, "Red-Kiss".

AMY SWEET (Maceió) — Sei o que é "retiro", sim... Acredito que seja "adorable". Gosto de vocês porque são constantes. Tenho saudade de muita gente que não me escreve mais... E que milagre você tambem não estar apaixonada pelo David Manners...!

FIM (São Paulo) — Não, não temos nenhum correspondente official ahi. As de Santos e sobre o "America", foram aproveitadas da sua carta, como sempre apreciadissima. O Film de Gary em que elle faz um dentista foi "One Sunday Afternoon" (A mulher preferida) com Fay Wray, Frances Fuller e Roscoe Karns. A critica de "Voando para o Rio" deve estar neste numero. "Viuva alegre" não se sabe ainda quando será exhibida.

JOSE' MULATINHO (Recife) — Não tenho o endereço completo. Experimente Pathé-Nathan-Paris.

ALI-SINGH (Belém) — Já sabia dos "shorts" da Leviol mas obrigado.. Vou pedir a Gilberto para entrevistar Sally Eilers. Muito obrigado pelas notas sobre o Cinema ahi. Vou aproveital-as. Acho esplendida a situação de Pará Cinematographico. Não me lembro do Film que fala.

Que Alah, seja comvosco, "Alli... e pergunte-**me** outra.

PEPERY S. M. (Rio) — Não sei o actual endereço dessa estrella.

AGENOR PERETTI (Encantado) — Sobre o assumpto nada posso responder. Escreva para os Studios brasileiros.

SVENGALI 2º (Curityba) — A secção européa falará nos novos trabalhos de Katherine, quando tivermos noticia. No momento não sei. Não figurou em "Catharina, a Grande". Clara está descançando.

São se sabe ainda para quem será o proximo Film. Os irmãos Mills, em "Espiã 13". Muito boa a sua carta, como sempre.

RUDY (Rio Claro) — Então tambem gostou do "Supplemento?" A secção Cinema de amadores, opportunamente. Sergio está fazendo muita alta. O numero de Valentino não existe mais na gerencia. Aqui vae o annuncio: "Rudy Raymond avenida 7, n. 46-A, Rio Claro, São Paulo deseja adquirir o numero de Cinearte, consagrado a Rudolph Valentino".

GILKA (Rio) — 1º — Fox — Studios, Beverly Hills, Hollywood, Cal. 2º Cine-Allianz Berlim. 3º — Universum - Film - Aktiengesellischatt, Neubabelsberg, Berlim. 4º e 5º — Paramount — Studio, Marathon - Street, Hollywood, Cal. Vou pedir ao Gilberto para entrevistar John Boles.

RUDOLPH ROLAND (Fortaleza) — 1º e 2º — Carmen" com Claudette Colbert. 3º — "Paraiso de um homem", na minha opinião, é um dos maiores. 4º — Fala-se em "Red Pawn" e "The Ladies and the Lions" e ainda noutro titulo e, não sei, se serão a mesma historia. O que sei é que Sternberg dirigirá 5º — Voltou para a Fox.

EMILIA DE ALMEIDA — Está no Rio, retirada do Cinema, ha bastante tempo. Elle está escrevendo um livro, é só o que sei. Obrigado, mas não me interessam as informações que offerece.

MOVIE CRAZY (Rio) — 1º — Só me lembro de "Demonios do céo", no momento. 2º — Dois ou tres. 3º — A maioria são feitos lá. Os Films esporadicos, aqui.

A suggestão é interessante, mas não acha que serão mais lições de inglez, além dos que os films nos dão...?

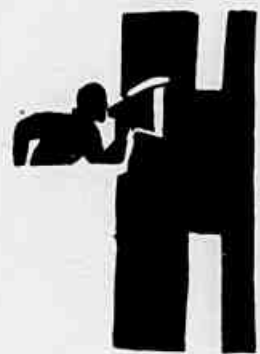
Sobre Spencer Tracy, opportunamente falaremos em todos os seus films, eu sou um dos seus grandes admiradores.

HUMBERTO CALIXTO (Parahyba do Sul) — Interessante, como sempre a sua carta. Obrigado pelos elogios ao "Supplemento".

A "Pagina dos leitores" depende destes, não temos recebido cartas. "Cinema de amadores", opportunamente. Até logo, Humberto.

OPERADOR.

O futuro do Director

(De Irving Thalberg, Director de Producção da M. G. M.)

A uns cincó annos, quando o som pela primeira vez foi introduzido nos films, perguntaram-me qual seria o futuro do director cinematographico.

Directores de dialogos eram procurados por todos os lados e o novo aspecto dos films fazia crêr que o logar do director, no futuro, soffreria mudanças radicaes.

E devido ás grandes sommas arriscadas nos contractos de directores, essa pergunta era, então, uma das mais serias questões a resolver.

Minha resposta nesta occasião foi a mesma que tenho hoje: o futuro de um director era mais brilhante do que nunca.

E' cada vez mais crescente a evidencia de que diminue a opportunidade para se obter historias ineditas e originaes.

Tal responsabilidade, assim como a sobre o genero, o acabamento e a qualidade do film, pesa cada vez mais sobre os productores.

Para o director, porém, que póde estylisar a sua direcção, ha uma sempre crescente opportunidade para augmentar o valor financeiro e artistico do material que tem em mão, assim como resaltar o brilho do elenco de artistas, com que trabalha.

Seria desnecessario apontar o mais extraordinario director, pelas suas qualidades humanas e emotivas, pois a maioria do povo pertencente á industria, concordaria com o nome d'aquelle cujo trabalho se caracterisa pelas qualidades acima citadas.

O mesmo póde ser dito para aquelle que se especialisa em estylo comico, humoristico ou malicioso.

A habilidade de certos directores para transformar a menor situação em brilhante "humor", creou esse typo de direcção que passa a ser designado segundo o seu autor.

E assim, quando outros usam o mesmo methodo nos seus trabalhos, estes são chamados o "toque-assim-assim".

Eu poderia citar um sem numero de exemplos, de homens que têm estylisado a sua direcção a um tal ponto — que os seus films representam sempre ineditismo, sensação, novidade, mesmo quando as historias focalisadas são bastante conhecidas.

Pessoalmente, creio que isto representa o mais poderoso factor, no futuro do cinema.

A faculdade dos directores para ajudarem os actores, diminuiu muitissimo com os films falados. Não ha a menor duvida sobre isso.

Passou para sempre o dia em que o artista poderia ser feito em cinco minutos, arrancado de uma fileira de extras.

Naturalmente, devem surgir dos mais differentes pontos muitos novos e esplendidos artistas.

Mas taes descobertas serão todas creaturas do extraordinario e evidente talento proprio.

Terminou tambem o dia em que o artista apparecia no "set", sem a menor noção da historia que viveria para a camera.

Hoje, o mais insignificante artista de "bits" é uma pessoa que encara a serio e com profunda comprehensão o seu trabalho. E assim estará apto para dar uma perfeita interpretação ao seu papel.

Tanto os grandes e importantes astros quanto ao demais artistas coadjuvantes, os "featured-players", são sem a menor excepção, homens e mulheres conscientes de sua arte, creaturas de reconhecido talento e genio — dentro do seu genero de trabalho — e não automatos.

O director para elles não é mais um instructor manejando-os á vontade em seus papeis. O director perfeito, hoje em dia, pela estylisação que faz da historia e do film, apresenta os artistas ao publico num constante novo brilho e aspecto, augmentando assim, tremendamente, o valor proprio, o prestigio e a popularidade dos mesmos.

Boris KARLOFF
Bela LUGOSI
UNIVERSAL PICTURES
APRESENTA
Dois demonios humanos na macabra creação satanica da Cinematographia!
Frakenstein e Dracula se associarão para estarrecer o mundo!
O GATO PRETO
Coisas jamais vistas! Selvagem! Macabro! Unico!
DE HOJE A 21 DE OUTUBRO
REX
marsal

CINEMA BRASILEIRO

O "Diario Official" já publicou a acta de Assembléa geral de constituição e respectivos estatutos da Waldow Filmes S. A. a frente da qual está Wallace Downey, tendo como accionista além do conhecido ex-director da Columbia, os senhores Patrick Charles Bouchard, James Lawrence Fagan, Kenneth Hargraves Murray, Didimo Amaral Agapito da Veiga, Thomas Leonardos, Simeon W. Harris e Eugene Claudius Harter. A companhia tem escriptorio na Praça Mauá 7, sala 1806.

Já está no Rio o apparelhamento para cinema falado montado sob a direcção de um technico americano num grande caminhão, prompto para filmagem. Os demais trabalhos de producção, estão a cargo do studio da Cinédia, onde Wallace Downey pretende iniciar um film de grande metragem.

* * *

Pan-Film é o nome que tem a nova empresa formada com a fusão do "Brasil em fóco" de Jayme Pinheiro e "Botelho Film" de Armando Carijó.

"Saltos de Guahyra", "Curiosidades Paranaenses" e "Industria Salineira" são algumas das pequenas producções já lançadas e que preencheram as formalidades do artigo 13 do decreto cinematographico.

* * *

O numero 14 de "Cinédia Jornal" contem o final do Campeonato Brasileiro de Polo e aspectos da fazenda Itaquerê em Nova Europa, São Paulo.

* * *

"Canção das aguas", o lindo film da Cinédia que tem o Bando da Lua já foi lançado no Palacio Theatro. Edgar Brasil tem neste pequeno film algumas opportunidades para demonstrar as suas excellentes qualidades de photographo.

* * *

Mais alguns films estrangeiros sujeitos á obrigatoriedade de exhibição conjunctamente com complemento brasileiro: — *A espiã 13* (Operator 13). *Quatro irmãs* (Little Women). *A Ceia dos Accusados* (The Thin Man). *O crime do vagão particular* (Murder in the Private Car). *Somos de circo* (Circus clown). *Ouro* (gold). *Cupido no suburbio* (Ah! quelle gare). *Um idyllio em Paris* (Paris interlude). *Testa de ferro* (The Cat's Paw). *Uma canção para você* (Ein Lied Fuer Dich). *O criminalogista* (The Crime Doctor). *Alegre consortes* (Merry Wivesof Reno). *Coração de aço* (Mester of Men). *A filha de S. Ex.* (La jeune fille d'une nuit), aliás "*Tochter Ihrer Exzellenz*", titulo da *versão original allemã*, deste film, sob sob o qual foi censurado e apparece no certificado; no inicio do film. *A princeza dos milhões* (Die Schone Tag von Aranjuez), aliás "*Adieu les beaux jours*", o titulo da *versão franceza* deste film e com o qual foi censurado, no inicio do film. *Bocca para beijar* (Born to be kissed). *Hip, Hip, Hurrah!* (Hips, Hips, Horay). *Segue o espectaculo* (Murder at the Vanities) *A volta do terror* (The Return of Terror).

* * *

O "Cinédia Jornal no 15" é todo constituido de uma pequena reportagem sobre a cidade de Petropolis.

* * *

A Sonofilm de S. Paulo, que é um desdobramento da casa Byington, apresentou dois pequenos films com Jararaca e Ratinho e já tem outros promptos com Baptista Jr. e outros artistas conhecidos do nosso theatro e "broadcasting". A photographia está a cargo de Guilherme Guerrick, tendo como technico de Som, Moacyr Fenelon.

* * *

Humberto Mauro apresentou um interessante film sobre a Feira Internacional de Amostras.

* * *

A Vox-Film de Carmen Santos, tendo Humberto Mauro como technico tem terminado um lindo film sobre as ilhas da bahia de Guanabara. Como se sabe, o antigo director brasileiro é tambem um admiravel photographo.

* * *

"Cine Variedades n.º 1", de Luis Seel foram exhibidos no Odeon com grande successo arrancando verdadeira salva de palmas em todas as sessões. Luiz Seel que foi o autor de uma serie de films identicos,

Amelia de Oliveira, a estrella de "Gigollette" e "Dever de amar", films antigos do nosso cinema, ao lado de Dustan Maciel dos films Pernambucanos.

com uma interessantissima combinação de desenhos e imagens exhibidos no demolido theatro Lyrico teve agora com o decreto uma opportunidade de ver a sua arte melhor apresentada e mais admirada...

* * *

Berilo Neves é o autor de alguns films que serão apresentados pelo "Programma O. K." de Mattos Pimenta.

* * *

Lemos no "Debate" de São Paulo:

"Com a execução do art. 13 do decreto 21.240 de 4 de Abril de 1932, publicado no "Diario Official" de 26 de Maio de 1934, o cinema brasileiro entrou numa phase que promette para breve tornal-o uma grande realidade.

O sr. Chefe do Governo Provisorio, houve por bem e acertadamente tomar tal medida, pois, em se tratando de exhibições obrigatorias das pelliculas nacionaes, incentiva ao productor a trabalhar com mais carinho, e arregimenta ao mesmo tempo capitaes para esse fim, capitaes estes que não são empregados na incerteza de lucros, uma vez que é sabido o quanto rende a industria do "celluloide" dentro do Brasil. Não será uma illusão se prever para um futuro bem proximo uma evolução extraordinaria da cinematographia brasileira, e consequentemente uma nova fonte para trabalho, divulgação das nossas cousas tão desconhecidas no proprio territorio e uma renda apreciavel para os cofres publicos.

* * *

Victor Capellaro não descança. Está agora em grandes preparativos para a filmagem da "Marqueza de Santos", assumpto sonhado por innumeros productores e directores nacionaes, mas nunca realizado. Agora, pode-se dizer que veremos na tela a "Marqueza de Santos".

Capellaro tem iniciativa e é um grande realizador. Algumas scenas, sabemos, serão filmadas no Rio. Infelizmente nada mais podemos adiantar aos leitores, porque Victor Capellaro cerca todas as suas iniciativas do mais absoluto sigillo, até ver o film prompto, politica que hoje, em Cinema Brasileiro, não é desaconselhavel...

* * *

Procurando preencher todos os programmas com os pequenos films de que cogita o decreto, os nossos productores não abandonaram, entretanto, os films de grande metragem. Além de Capellaro, Luiz de Barros dá as ultimas providencias e já iniciou a filmagem da sua producção que provavelmente terá o titulo de "Carioca". Tambem a Cinédia já começou a preparar uma producção. Paulo Vanderley e Ignacio Corseiull Jr. estão tratando do scenario e a estrella será, sem duvida, Marina Sales.

Nem toda a imprensa está indifferente ao que se faz pelo Cinema Brasileiro. Eis o que acabamos de ler no "Diario da Tarde" de Bello Horizonte:

DECRETO 21.240

"Este decreto todos os "fans" devem sabel-o de cór. Principalmente, os enthusiastas da cinematographia nacional que, com elle, tomará uma nova orientação. Será officialisada, isto é, terá o amparo do governo, que torna obrigatoria a exhibição de um film nacional nas sessões cinematographicas.

Veiu, pois, tal decreto, em boa hora, abrir novas perspectivas á producção de films no paiz, producção essa que se tornou uma das principaes industrias norte-americanas pelos seus lucros immediatos e pelas outras vantagens praticas decorrentes de sua utilisação.

Nós que sabemos que o cinema é uma das conquistas mais interessantes e engenhosas do seculo 20. Distrahe e instrue.

Serve de espairecimento para o espirito, ao mesmo tempo que nos transporta aos rincões mais longinquos do globo e nos põe em contacto com as civilizações e costumes bizarros de outros povos da terra, trazendo-nos um bom cabedal de conhecimentos geraes.

O cinema vae focalizar a tenda humilde do proletario e o palacio do rico: vae aos laboratorios scientificos e aos campos de sports; penetra no fundo oceano e sobe ás camadas da stratosphera: revive e agita factos apagados da historia incentivando, assim, o gosto pela sciencia, pelas artes e pela musica.

Por tudo isso se vê que a cinematographia é uma industria genuinamente moderna pela sua capacidade de totalisação com o abranger, de uma só vez, todas as conquistas da actividade humana que se processam nas cinco partes do mundo.

Dahi concluirmos que o decreto 21.240 do Chefe do Governo Provisorio encontrará terreno favoravel.

O cinema nacional saberá aproveital-o marcando uma nova phase de progresso para gaudio da industria".

* * *

Registramos aqui tambem com muita satisfação a campanha que, pelo Cinema Brasileiro, tem feito "A offensiva", orgão integralista no Rio de Janeiro.

* * *

"Tapyrapés" é o titulo de um grande film documentario que a Cinédia vae lançar em breve. A expedição organizada pela Cinédia, sob o patrocinio dos irmãos Oliveira Borges de S. Paulo, tendo como chefe Roberto Pompilio, acompanhado por Luiz Navarro e auxiliados por Frederico Duchene e Delphino Cerqueira Netto attingiu um dos affluentes do Araguaya, o rio Tapyrapés cuja região nunca fôra filmada, e trouxe aspectos interessantissimos que foram photographados pelo operador da Cinédia, Ramon Garcia. Serviu de guia no rio Araguaya, Luiz Pereira e de interpretes junto aos indios Carajás e Tapyrapés, o indio Uaxurê e Frederico Kegel, respectivamente.

Esta foi [illegible] de uma serie de excursões que a Cinédia pret[illegible]ganizar para trazer para a tela os lugares mais curiosos e inéditos do interior do Brasil. Todos são unanimes em affirmar a organização da expedição que permittiu a Ramon Garcia, seguindo instrucções directas da Cinédia, photographar os aspectos mais curiosos de Leopoldina ao rio Tapyrapés.

Ki Hy Carlisle a encantadora morena que vimos em "Segue o espectaculo" é a heroina de Bring Crosby em "Here Is My Heart", da Paramount.

oooOooo

A "20th Century" vae filmar "Folies Bergere" com a verdadeira atmosphera das "Follies" e girls parisienses verdadeiras.

oooOooo

Franchot Tone estará entre Margaret Lindsay e Jean Muir em "Gentlemen Are Born", da First National.

oooOooo

Miriam Hopkins não figurará mais em "Border Town", de Paul Muni, da Warner. Neste film, o "fugitivo" trabalhará com Margaret Lindsay e Bette Davis.

CABELLOS BONITOS

Kitty e Mary Carlisle (não são irmãs...)

A LEITORA acaba de surprehender as suas amiguinhas com um novo penteado!

Que significa isso?

Simplesmente, que a leitora está **apaixonada**! Nada mais, nada menos!

A côr verde significa esperança, o calor quer dizer verão, o louro significa belleza. Mudar de penteado quer dizer amor!

Dizendo que o louro significa belleza, não sabemos se Jean Harlow é a responsavel pela associação que fazemos dessas duas palavras. Não sabemos se toda a gente concordará comnosco. Apenas registamos um facto, que não tem contestação possivel.

A Garbo não é loura? Mae West já não demonstrou, á saciedade, que os homens são capazes de subir mil degraus, para ver uma loura? A propria Cleopatra, cuja belleza deu brado, não era ruiva?

Que não se zanguem, entretanto, as morenas! A historia e o Cinema estão cheios de admiraveis mulheres de cabello escuro. Basta só citar os nomes de Dolores Del Rio, de Claudette Colbert e de Ray Francis!

E quanto a preferencias segundo se diz, os homens gostam mais de casar com morenas!

No fim de contas, não é a côr dos cabellos que importa.

A leitora póde ser loura, morena, ruiva ou castanha e bella do mesmo modo! Muito acima da côr do cabello está o cuidado que se dá ao cabello! E não é só entre a gente de cinema.

Cá fóra, tambem. Ha pouco, o director duma grande companhia escolheu para exame vinte "girls" entre duzentas que procuravam trabalho.

A primeira coisa que o homem fez, com espanto de todas que esperavam um "test" de pernas, foi gritar ás pequenas:

— Tirem os chapéos!

Surgiram vinte cabelleiras, louras, escuras, castanhas, ondeadas, crespas, lisas. Umas eram sedosas, brilhantes; outras baças, mal tratadas. Cada qual dizia uma historia, uma historia de cuidado ou de desleixo.

Não é preciso dizer mais nada. Todas as pequenas com o cabello em más condições foram recusadas.

Ha qualquer coisa no cabello duma mulher que é como um livro aberto. Um director de Hollywood tem o costume de dizer que basta olhar, com attenção, para a cabeça duma "girl", para lhe conhecer o passado, o presente e o futuro! Não vamos tão longe, mas ha certamente, nessas palavras, uma grande dóse de verdade.

Mas, em summa, que será preciso para se ter o cabello bonito?

E' smples. Basta laval-o, ondulal-o, frisal-o! Escaval-o! E esquecel-o! A preoccupação com o cabello é peor do que as sardas! E' signal de que a cabelleira não vae bem!

Quem tem cabello bonito não lhe liga importancia. Os outros, sim! Admiram-no. E' uma coisa facil de perceber, olhando-se de vez em quando para o melhor espelho do mundo: — os olhos duma amiga!

Mas o cabello será assim uma coisa tão importante na belleza da mulher? perguntarão as leitoras.

E'. Póde-se ter uns olhos lindissimos, um sorriso de "outro mundo", umas pernas de estatua.

Se o cabello não prestar, nada disso adeanta!

Consola, porém, saber que de nós proprias depende, e de mais ninguem, o bom ou mau estado do cabello. E' difficilimo por exemplo, mudar o feitio do rosto, ou passar de baixa a alta, mas existem mil maneiras de se melhorar e embellezar o cabello. Ha a ondulação permanente, que parece tão natural como a luz dos proprios olhos; ha o "scampooing", que lava e dá brilho ao cabello mais feio, ha uma variedade enorme de penteados, que enfeitam e corrigem defeitos.

Descurando-se do cabello, perde-se. Dando-se-lhe trato, ganha-se. Que é preferivel?

Ao escovar-se o cabello, escovem-se tambem as pestanas. Ficam sedosas e parecem mais compridas. As estrellas de Cinema sabem disso.

Faz pouco tempo, o director Menzies, "technico" no assumpto, como todos os directores, examinava cuidadosamente o "make-up" de algumas actrizes. Parou em Dorothy Dell.

— Optimo! Nunca vi umas pestanas assim! Quem foi que as arranjou?

— Minha mãe! respondeu promptamente a actriz.

Seria admiravel, se, pouco antes de nascer, pudessemos ter com nossas mães, uma pequena conversa a respeito de belleza. Todas nós pediriamos: "Quero cabello louro ondeado! Covinhas na face, mãos bonitas, um sorriso maravilhoso, e"...

E mais coisas! Talvez, porém, quando crescessemos, não nos sentissemos satisfeitas! O melhor mesmo é acertar as coisas como ellas são!

A "Ahmed Prod." vae produzir seis films, um dos quaes com "Jadaan" o celebre cavallo de Valentino em "Filho do Sheik". A Ahmed pretende conseguir Vilma Banky e os demais artistas que appareceram no derradeiro film do saudoso "Rudy", para o elenco.

—:o:—

Elissa Landi e Cary Grant são os principaes em "Enter Madame", da Paramount. Lembra-se da versão silenciosa com Clara Kimball?

"Murder in the Clouds", da Warners, reune Ann Dvorak e Lyle Talbot.

—:o:—

"Feliz Accident", em hespanhol, da Universal, reune José Crespo, Anita Campilo e a maravilhosa Mona Maris. E o productor Moe Sackin vae fazer mais 4 films do genero...

—:o:—

A Warner vae refilmar "Glorious Betsy", feito em 1928 com Dolores Costello. A estrella será Jean Muir e Leslie Howard, o galã.

Cinema de Portugal

(De J. Alves da Cunha, correspondente de CINEARTE).

Duas scenas de "Gado Bravo". Em cima: Olly Gebauer e Siegfried Arno o artista que morreu numa noticia falsa.

ESTREOU-SE finalmente em Lisboa e Porto o film GADO BRAVO, do Bloco H. da Costa, que ha mezes era aguardado com grande interesse por todos os amigos do cinema. A vasta publicidade feita á volta da sua realização; os elementos estrangeiros que contava como cooperadores; o facto de ser H. da Costa o productor, um homem entendido em coisas de cinema, conhecendo bem os mercados estrangeiros e o publico portuguez a quem elle tem apresentado as melhores pelliculas do cinema estrangeiro, na qualidade de distribuidor; o facto de ser encarregado da direcção do film um novo no "métier" Antonio L. Ribeiro, mas que é um jornalista distincto e um critico de valor, tudo fazia prever uma obra de importancia, a primeira grande producção capaz de franquear, pela sua esmerada factura, as fronteiras estrangeiras.

Foi, essa expectativa, satisfeita?

E' o que vamos dizer, atravez das impressões que nos causou a visão da nova pellicula nacional.

Comecemos pelo argumento: a historia dos jovens namorados cujo amor se vê temporariamente atormentado pela chegada de uma nova mulher que, com a sua fascinante belleza, domina o homem, é uma coisa trivial. Serve aqui, para focar as lezirias (logar onde se desenvolve a maior parte da acção) sempre photogenicas e coloridas com os campinos cuidando do gado, pois que o galã é um rico creador de gado e cavalleiro tauromachico.

O film abre em plena praça de touros, no Campo Pequeno (em Lisboa), onde o heróe é acclamado pela assistencia da tourada. E após algumas scenas de *cabaret* em que o nosso cavalleiro conhece vagamente uma actriz cantora viennense, passa para o Ribatejo, pondo em fóco as bellezas naturaes da terra e alguns costume campesinos. "Gado Bravo" tem um importante caracter documental e sob este aspecto ha detalhes interessantes.

Entretanto, a referida artista chega um dia ás paragens Ribatejanas, accidentalmente, pára nas propriedades do cavalleiro e começa aqui a intriga. Este esquece, nos braços da seductora estrangeira a sua ingenua namorada, uma portuguezinha gentil e graciosa. Vem o ciume da namorada. E depois de algumas scenas levemente violentas e uma tragediasinha, o casal vê-se de novo no remanso do seu amor sincero que o leva ao altar.

E' como se vê e como já disse, um argumento sem qualidades excepcionaes, aggravado ainda pelo facto de exhibir algumas scenas que não fazem parte intrinseca da acção. Quero referir-me aos episodios interpretados por Siegfried Arno (o empresario da artista) que peccam por vezes por uma exaggerada expressão burlesca, propria de comedias curtas e caricatas, e que não se integram harmonicamente no enredo. Outro senão, é a sonorização, cuja deficiencia se torna algo notoria.

Quanto ao resto, parece-nos mais cuidado. A photographia offerece quadros de uma belleza visual extraordinaria, dando-lhe imagens trabalhadas com gosto, com relevo e sentido cinematographico. E' esta a melhor qualidade desta producção; a que não merece qualquer objecção. A musica e as canções de sabor portuguez são agradaveis e ajustadas.

A interpretação a cargo de Raul de Carvalho (o cavalleiro tauromachico), Olly Gebauer (a actriz estrangeira), Siegfried Arno (o empresario da actriz) e Nita Brandão (a ingenua, namorada do cavalleiro), é equilibrada, embora nenhum delles seja extraordinario. Noutros pequenos papeis vemos Arthur Duarte, Alberto Reis e Marianna Alves.

GADO BRAVO foi super-visado pelo allemão Max Nossek, já com experiencia dos stúdios allemães onde dirigiu alguns films. Devemos dizer, em conclusão, que esperavamos qualquer coisa um pouco melhor. Qualquer coisa onde não se evidenciasse apenas a belleza photographica e a photogenia de costumes portuguezes.

* * *

Juntamente com "Gado Bravo", foi exhibido para o publico, pela primeira vez, um film já realisado ha uns dois ou tres annos e apresentado então numa sessão particular para os congressistas do Congresso da Critica Internacional, que nessa altura muito o louvaram. O film foi agora actualizado, com uma sonorisação musical apropriada. Trata-se de DOURO FAINA FLUVIAL, um documentario de relevo e digno de ser projectado em qualquer tela do mundo, pela sua esmerada apresentação.

Mostra-nos a faina ribeirinha no Douro, junto á cidade do Porto. A belleza da ponte metallica D. Luiz I sobre o rio, nunca nos foi dado ver com tanta imponencia. Ha outras imagens fortes e impressivas, com os contrastes da força humana e da força mecanica. E verdadeiros quadros de poesia e de pictoresco. E' uma symphonia de imagens, onde a vida de um dia de faina ribeirinha, dessa faina rude que é o sustento do homem e da mulher que ganham o pão dia a dia, com o verdadeiro suor do seu rosto, corre pela tela. Não ha pois aspectos palacianos, nem visões de artérias elegantes. Mostra a vida da gente humilde junto á Ribeira e que ali trabalha.

Merece os mais rasgados elogios, pela obra tão lindamente realisada, o photographo Antonio Mendes que foi o operador e realisador, coadjuvado na realisação por Manoel Oliveira. Quem conhece Antonio Mendes e alguns dos seus esplendidos trabalhos photographicos, comprehende bem que DOURO FAINA FLUVIAL lhe deve a maior parte da sua belleza.

Fala-se na realisação de um novo film em Portugal, com uma historia portugueza e interpretado por artistas portuguezes, para a Ibérica-Film de Barcelona.

* * *

A Tobis Portugueza prosegue nos trabalhos de realisação de "As Pupillas do Snr. Reitor", dirigida por Leitão de Barros.

* * *

Após uns dias de exhibição foi interdicto o film "Gado Bravo", em virtude de uma queixa apresentada em juizo pelo poeta Antonio Botto que é o autor dos versos do referido film.

O queixoso pretende uma indemnização sob o pretexto de que lhe deturparam os versos. Espera-se ver resolvida a questão para "Gado Bravo" continuar a sua carreira de projecção pelos cinemas.

O esplendido Spencer Tracy é o galã da lindissima Ketti Gallian no seu primeiro film para a Fox — "Marie Galante". O director é Henry King.

* * *

A nova versão de "Mulher de brio", da Metro, com Constance Bennett e Herbert Marshall passou a chamar-se "Outcast Lady". Connie estará melhor do que Garbo no papel de Diana...?

A PRINCEZA

Martha Eggerth no papel de Sylvia. A Ufa já nos mostrou outra "Princeza das Czardas", com Liane Haid, lembram-se?

FOI quando patinava no bosque, onde se reunia para esse divertimento toda a **jeunesse dorée** de Budapest, que elle a encontrou pela primeira vez, em companhia do seu amigo, o Conde Bonifacio Konscianu, que aliás tudo fez para que depois os dois jovens se separassem, um tanto bruscamente... E o Principe Edwyn von Weylersheim ficou desolado por não poder continuar a conversar com a encantadora Sylvia Valescu.

Naquella mesma noite, porém, voltou a vel-a, e a ouvil-a, porque Sylvia é a primeira artista de uma companhia de operetas, e foi no palco que ella tornou a surgir aos olhos delle, por signal que o Principe mandou vir um carro cheio de flores para juncar o palco! E isso, se lhe valeu um agradecimento e depois uma doce entrevista com a "estrella", custou-lhe tambem ter de ir no dia seguinte para as manobras, porque o seu commandante se indignou com o "escandalo".

Mas, Edwyn promettera a Sylvia que a veria no dia seguinte, ás duas horas, no banquete que lhe ia ser offerecido... e, á hora aprazada lá chegou, contra toda a disciplina militar. Com isso o Principe evitou que Sylvia fosse para a America, pois que um empresario americano acabára de contractal-a, e ella não assignou o contracto, apenas pela certeza agora do amor de Edwyn.

Quem não ficou contente foi o Conde Bonifacio, o Boni, como todos o tratavam. E o Conde sendo amigo do Principe pae de Edwyn, achou que devia prevenir este, mesmo porque sabia elle que o seu amigo queria casar o filho com a Condessinha Stazi von Planitz...

E o velho Principe foi procurar o seu amigo, Conde Feri, empresario do "Orpheum", onde cantava Sylvia, a "Princeza das Czardas", como a appellidavam, por saber que Edwyn iria lá.

Lá estavam com o empresario, a "Princeza" e Boni, e como o Principe estrasse no momento em que Sylvia abraçava o Conde, contente porque ia vêr o namorado, o fidalgo suppoz que se tratasse da esposa de seu amigo Conde, e os dois não tiveram coragem para desmentir.

E o velho Principe abriu-se com a supposta esposa do seu amigo, pedindo-lhe que désse conselhos ao seu filho, para não se deixar levar por... uma artista!

Pouco depois, quando chegava Edwyn, Sylvia sahia indignada por ter sabido que o rapaz era noivo da Condessa Stazi!

Não sabia ella que pae e filho haviam tido uma discussão, na qual Edwyn jurára que não se casaria com aquella que lhe queriam impôr.

Mas o Principe vae ter com a "Princeza das Czardas", no theatro, e tudo explicava quando lhe chegou a ordem de embarque para Vienna!

Passaram-se dias sem noticias de Edwyn. Por outro lado, o Conde Feri, empresario, procurou dissuadir Sylvia daquelle amor. Disse-lhe a sua differença social do seu amado, contou-lhe a impossibilidade de viverem juntos; elle mesmo, Feri, se casára com uma artista, e tres mezes depois ella se via obrigada a deixal-o, essa Mathilde que elle tanto amára... E convenceu-a de ir para a America, com a companhia, partindo todos para Vienna.

Foi no Grande Hotel... Nos salões nobres havia festa. Ia ser annunciado o noivado do Principe Edwyn com a Condessa Stazi. Foi quando chegaram os da companhia, e Boni com elles, pois que não deixava a "Princeza das Czardas".

Boni veiu a encontrar-se com a Condessinha Stazi e resultou que os dois começaram a comprehender que... se amavam!

Mas o velho Principe vendo Sylvia fica contente por estarem ali os amigos de seu filho, e os apresenta.

De novo, frente a frente! Sylvia está indignada por saber que vão annunciar o noivado do Principe que ella quer tanto para si, para legalizar o seu sangue de artista... tornando-a uma Alteza egual a elle...

Quer partir. Boni que se resolveu partir com a Condessa Stazi, é quem arranja as cousas, de modo com que Sylvia e Edwyn façam as pazes. Mas ha a contrariedade dos paes do joven Principe, e quem consegue vencel-a é o empresario Conde

A Columbia vae fazer uma versão hespanhola de "Twentieth Century". Mas é bom que a agencia no Brasil não se lembre de trazel-a...

Lyda Robert vae casar-se com R. A. Golden, assistente de director...

O Principe e a Princeza...

(DIE CZARDDAS FÜRSTTIN)

FILM DA UFA

Sylvia Varescu	**Martha Eggerth**
Edwyn	**Hans Sohnker**
Boni	**Paul Kemp**
Stazi	**Inge Lizt**
Princeza	**Ida Wüst**
Feri	**Paul Horbiger**

Direcção de:

GEORG JACOBY

A Condessa Stazi...

das Czardas

Feri, que reconheceu na velha Princeza a esposa que delle se divorciára, aquella Mathilde que até então escondera ao esposo a sua verdadeira personalidade de artista de revista...

E foi Mathilde quem consentiu no casamento do filho com a "Princeza das Czardas", tornando-a uma Princezinha de verdade, que tambem vae apaixonar o mesmo publico que se apaixonou pela inspiração de Franz Schubert — essa adoravel Martha Eggerth!

PETER e Joan Alison, recem-casados, estão viajando de trem em viagem de nupcias, para uma cidade de verão na Europa. Um cavalheiro sombrio e sinistro toma o mesmo trem. Parece que um engano foi feito. Este homem havia comprado lugar no mesmo compartimento reservado para o casal. Peter é cortez e convida o extranho a compartilhar com elle o quarto.

O homem se apresenta como o Dr. Verdegast, que tem um passado envolvido em mysterio, e está em caminho para fazer uma visita a um velho amigo, Hjalmar Poelzig.

Como os tres vão na mesma direcção e para moradias que ficam proximas, desembarcam na estação devida, e alugam um omnibus para o resto do caminho que tinham a fazer.

E' uma noite terrivel, tempestuosa.

No caminho o omnibus soffre um accidente, virando. O "chauffeur" morre e Joan é ferida ficando inconsciente.

Peter e Verdegast auxiliados por Thamal, creado e "guarda-costas" de Verdegast, carregam Joan para a casa de Poelzig que fica perto.

Verdegast manda chamar Poelzig e vae dar attenção ao ferimento de Joan, conseguindo fazel-a dormir por meio de uma injecção.

Poelzig entra com um olhar extranho e morbido. Quando cumprimenta Verdegast sente-se que existe entre elles uma forte inimizade.

Verdegast diz a Poelzig que voltou em busca de Karen, sua esposa, da qual o destino o havia separado todos esses annos. Poelzig procura afastar esse assumpto, tornando-se Verdegast hostil. Peter entra na sala interrompendo-os. Os tres homens tomam uma bebida, quando Verdegast fica repentinamente pallido, deixando cahir seu copo no chão. Em frente a elle está um gato preto! Elle atira uma faca no gato. Neste momento Joan vem do seu quarto como se estivesse em transe.

Uma mudança rapida passou sobre ella. Está curiosamente bem disposta e audaciosa. Peter a convence voltar ao quarto e fica derreado com o estado de Joan.

Verdegast diz ter uma phobia de gatos pretos e conta a Peter a antiga superstição. Diz ser o gato preto a viva incorporação do mal e na sua morte a sua ruindade entra para o corpo vivo que está mais ao seu alcance. Poelzig com expressão immovel, diz que o gato preto não morre.

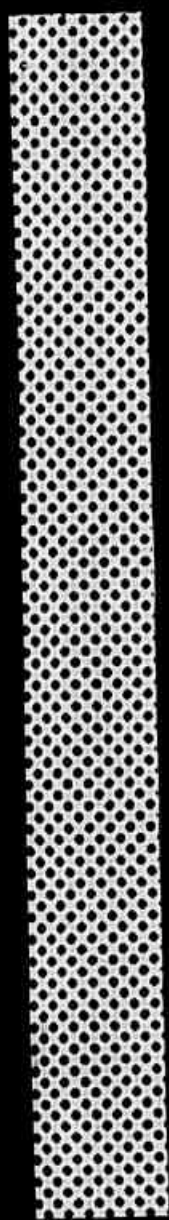
O Gato Preto

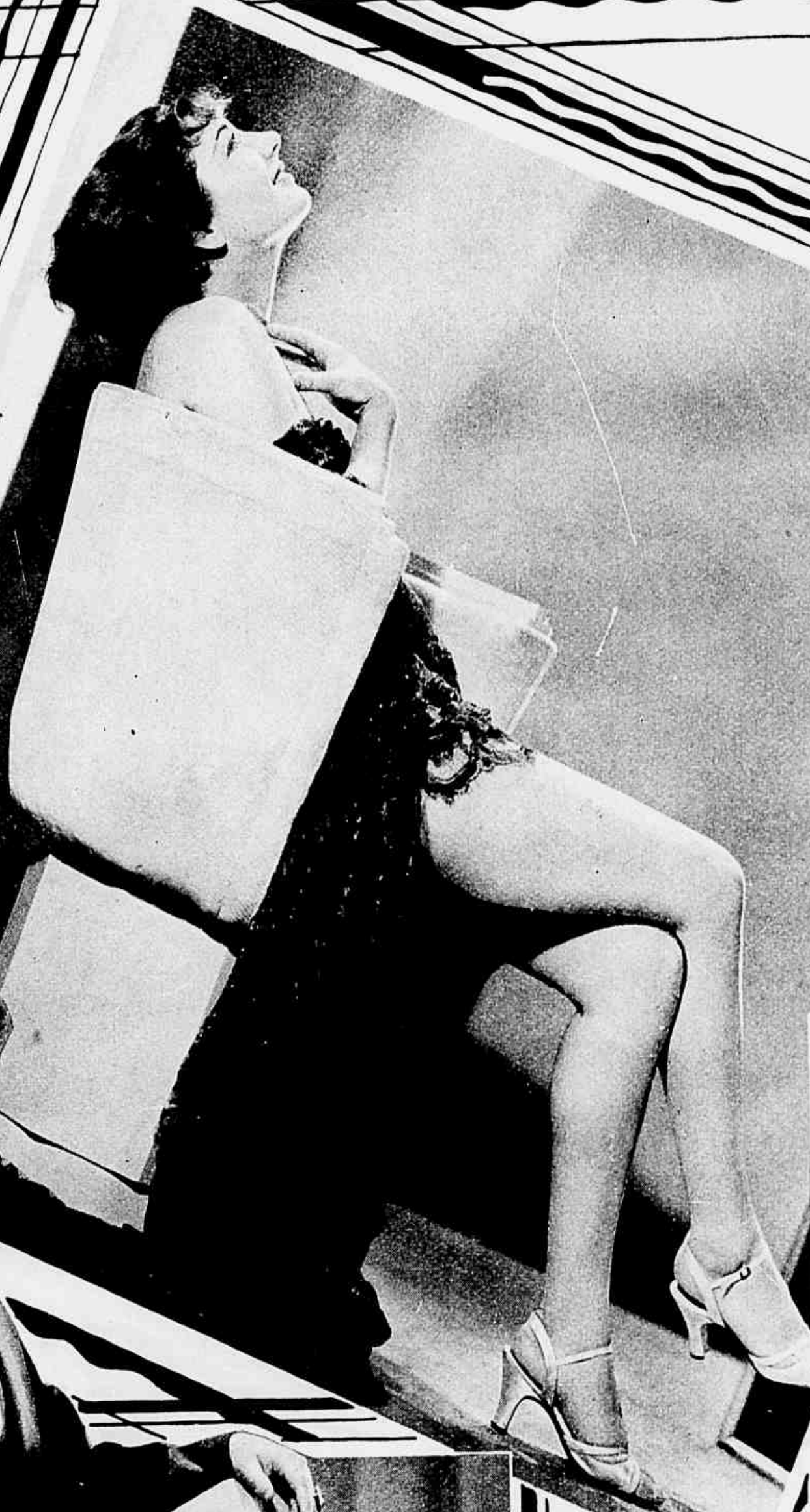
Retiram-se todos para seus quartos e Peter fica extranhamente incommodado com a atmosphera da casa e os gestos de Verdegast e Poelzig. Estes dois recomessam a discussão sobre a esposa de Verdegast. Poelzig o leva para uma curiosa camara onde lhe diz ter morrido ha muitos annos, sua esposa e sua filha. Ver-

(Termina no fim do numero).

(THE BLACK CAT)
FILM DA UNIVERSAL

Poelzig	**Boris Karloff**
Dr. Verdegast	**Bela Lugosi**
Peter	**David Manners**
Joan	**Jacqueline Wells**
Karen	**Lucille Lund**

Direcção de: Edgard Ulmer

ALICE WHITE

e alguns modelos do costureiro de Universal City...

PHILLYS
BARRY
MIRIAM
HOPKINS
LOIS
JANUARY

FUTURAS ESTRÉAS

(Films vistos em Hollywood por GILBERTO SOUTO)

MME. DU BARRY (Warner Bros.) — Dolores del Rio deve estar contente com o seu contracto, pois a Warner Bros., a tem coberto de attenções e cuidados desmedidos. **Wonder Bar** já nos deu uma Dolores, cheia de seducção, elegancia e um encanto unico — agora, DU BARRY nol-a mostra mais fascinante do que nunca, em meio de ambientes luxuosos, no fausto da corte de Luiz XV. Nunca vi Dolores tão bem photographada — ella tem "close-ups" que a mostram em toda a sua belleza exotica, verdadeiramente seductora. Dolores conquista um grande triumpho, e este film marcará para a querida "estrella" mexicana uma nova epoca em sua carreira brilhante. Ella nos dá uma DU BARRY perfeita.

Madame Du Barry

Treasure Island

O film, dirigido por William Dieterle, se destaca pela sua comedia — ha em todo o film uma dóse grande de bom humor, léve malicia e alguns dialogos e incidentes ligeiramente picantes. Reginald Owen, no rei, está soberbo. Elle vem em segundo logar — não se sabendo mesmo a quem mais admirar, se o trabalho, esplendido de Dolores ou o desempenho soberbo de Reginald Owen. O elenco é grande e nelle vemos Verree Teasdale, numa duqueza — magnifica no seu porte altivo, como extraordinaria na sua **performance.** Não ha, propriamente, romance amoroso pois a presença de Victor Jory — um artista de valor — é superficial. Maynard Holmes, no Dauphin, está impagavel. Anita Louise conquista um grande successo no papel da joven Maria Antonietta. Esse papel deu-lhe, a seguir, um contracto longo com o studio. Osgood Perkins, Henry O'Neil, Virginia Sale, Dorothy Tree, Ferdinand Gottschalk, Louise Howell e outros completam o elenco. Montagens soberbas, reproducção de ambientes e palacios deslumbrantes. Dolores tem vestidos que ainda a tornam mais encantadora. Uma das melhores scenas do film é a da morte do rei, quando Dolores vem a elle e canta aquella canção popular. Como triumpho artistico para a linda mexicana é dos maiores.

THE BELLE OF THE NINETIES (Paramount) — Aqui está o mais novo dos films de Mae West, cuja **preview** constituiu um dos maiores exitos para a Paramount e a sua famosa "estrella". Na noite em que foi mostrado, de surpresa ao publico no Fox Wilshire Theatre, o cinema veiu abaixo ao peso de applausos, gritos, e do enthusiasmo da platéa composta de varios milhares de espectadores. O nome de Mae West prova, portanto, ser um dos mais populares do momento. O film agrada immenso — pois é vasado dentro dos moldes do primeiro trabalho que a "estrella" fez — **Uma Loura para Tres.** Mae West é, novamente, uma artista de burlesque – naquelle tempo dos numeros de "vaudeville" e quando as coristas eram gorduchas, e se apertavam dentro de espartilhos pavorosos... Mas domina o film todo. A sua exuberante personalidade, o seu modo de dizer as linhas do dialogo, de cantar, de mover-se — o seu olhar, malicioso, os seus suspiros... Vocês a conhecem bem — tornam deste film, mesmo que elle agora seja apresentado com o sello da pureza, o certificado official da censura — uma obra de espirito, graça e malicia deliciosa. Um grande triumpho para Mae West. Trabalham ao seu lado, John Mac Brown Roger Pryor, John Miljan, Warren Hymer, Libby Taylor (aquella preta, que na vida real é a propria creada de Mae e com ella trabalhou em "Santa, não sou"), e Katherine de Mille — ainda mais seductora e mais fascinante do que nunca... Leo McCarey dirigiu. Karl Struss photographou. A scena em que vemos os pretos cantando aquella canção semi - barbara e religiosa; a cuja musica Mae West mistura notas e versos de outra canção — ouvindo-se a combinação de ambas e auxiliada por "close-ups", fusões e varios "shots" de camera — é uma das mais interessantes e, realmente, mexe com os nervos da platéa. Esta, na noite da "preview", rompeu em prolongados applausos. A Paramount tem, principalmente, neste paiz, um exito formidavel. Espero que os brasileiros gostem e saibam apreciar devidamente essa talentosa, admriavel e sempre esplendida Mae West.

The Belle of Nineties

TREASURE ISLAND (Metro Goldwyn-Mayer) — A velha historia de piratas que immortalizou na sua obra prima, lida e devorada com avidez por todos os garotos do mundo. Esta mesma historia já foi filmada, ha muitos annos, pela Paramount com Shirle Mason, no papel de Jim Hawins e Lon Chaney, no do pirata, Long John Silver. A Metro nos dá uma versão falada e soberba em todos os seus pontos. Wallace Beery volta a conquistar um grande triumpho artistico com o seu difficil papel de pirata. Elle está soberbo. Jackie Cooper agrada, como sempre e reclama sinceros applausos em varias scenas, bem vividas e interpretadas. Lewis Stone, Otto Kruger, Lionel Barrymore, Cora Sue Collins, estão no elenco. "Chic" Sale, que interpreta o velho da ilha, Ben Gun, arranca boas gargalhadas. Elle nos dá um typo gosadissimo. Dirigido por Victor Fleming. O film tem scenas grandiosas, como espectaculo e nota-se um cuidado desmedido na producção.

MILLION DOLLAR RANSOM (Universal) — Um argumento que lembra de longe aquella serie de films de "gangsters". Desta vez trata-se de rapto — o **kidnapping** — e como está tratado, offerece certa originalidade. Phillips Holmes, no joven millionario que trata com os "gangsters" o seu proprio rapto — vae muito bem. E' sempre um prazer para os "fans" ver a Phil Holmes num film, pois elle sabe, como poucos, desempenhar-se bem de um papel. Edward Arnold, volta a fazer um "gangster" e de maneira notavel. Mary Carlisle, Wini Shaw, Andy Devine, Marjorie Gateson e Edgard Norton completam o elenco que foi dirigido por Murray Roth.

ONE MORE RIVER (Universal) — Um excellente film — que gira em torno do divorcio, na Inglaterra, sómente é concedido deante de uma razão — o **adulterio.** O film de principio ao fim é um trabalho homogeneo — de direcção, de interpretação, photographia, etc.. Ha angulos e movimentos de camera que procuram, intelligentemente, quebrar certa monotonia de longas scenas dialogadas. James Whale póde considerar-se senhor de um novo exito. Não sei como as platéas estrangeiras receberão a este film — pois ella depende immenso dos dialogos, admiraveis, pela sua significação e, verdadeiramente, base do film. Ha, porém, movimento, graça, comedia e typos curiosos. O elenco é soberbo, não se podendo fazer excepção nelle. Diane Wyniard é a heroina e ao seu lado, tambem brilham: Frank Lawton, C. Aubrey Smith, Mrs. Patrick Campbell (extraordinaria na velha Lady), uma nova artista, interessante e esplendida, Jane Wyatt; Colin Clive, no marido, Henry Stephenson, Reginald Denny, que tem uma scena notavel, no seu discurso politico, Lionel Atwill e Allan Mowbray, nos dois advogados e E. E. Clive, num agente, typo que elle compõem optimamente e que é um dos motivos engraçados do film. Toda a sequencia do julgamento do divorcio é admiravel — pela sua simplicidade e pelo lado humano, real pelo lado que foi dirigido e desempenhado. O film está alcançando enorme exito aqui e mantendo-se em cartaz semanas a fio.

Frances Drake e John Lodge apparecerão em "Menace", da Paramount.

Claire Dodd comparecerá ao "Rendez-vous at Midnight", da Universal.

O primeiro trabalho de John Gilbert, no cinema, foi num film de William S. Hart.

Eugene Frenke, o marido de Anna Sten

O Romance de

PRIMAVERA em Moscou. Uma linda joven de cabellos dourados, que saltara dum bonde, no barulhento Twerskog Boulevard, é quasi atropellada por um automovel, deixando cahir ao chão alguns livros, que levava comsigo.

Furiosa, dispõe-se a apanhal-os, mas nesse instante o homem que dirigia o carro; parando o vehiculo e apeando-se, approxima-se, sorridente, ajudando-a a recolher os volumes. A colera da joven, porém, em vez de deminuir, augmenta. Recebe os livros, de mau modo, e retirase, sem uma unica palavra de agradecimento, emquanto o estranho a contempla, deslumbrado.

Duas semanas depois, o mesmo homem entra, por acaso, numa casa de espectaculos cinematographicos. O film aborrece-o, mas, subito, o joven desconhecido firma o olhar, interessadissimo. Acaba de ver na téla a moça dos livros! Trata-se duma nova actriz em que o Soviet Film Bureau deposita grandes esperanças. O joven diz de si para si que nunca viu mulher tão linda e logo resolve travar relações pessoaes com ella. Antes de mais nada, trata de lhe apurar o nome. Anna Sten!

Sendo pessoa influente, o desconhecido confia em conseguir facilmente uma apresentação para a actriz. Fala com um amigo do Film Bureau. Espera dois, tres dias. Arde de impaciencia e, afinal, acaba por ir procurar o tal amigo, que se desfaz em desculpas, dizendo que teria muito gosto em arranjar o encontro, mas que, infelizmente, Anna Sten não gosta de perder tempo com admiradores!

Passam-se os mezes. E' a epoca do Natal em Berlim, em 1929. O desconhecido veiu de Moscou, de aeroplano. Chefe duma firma que negocia principalmente em navalhas de barba, faz dessas viagens com frequencia. A Revolução mudou a face dos russos. O russo typico, barbado, desappareceu com a derrocada do mundo antigo. Hoje, na Russia, toda a gente faz a barba.

O desconhecido continuara a acompanhar a carreira de Anna Sten na téla, mas ainda não conseguira ser-lhe apresentado. Um dia, porém, ao entrar na Camara de Commercio Russa, na capital allemã, quem vê elle? A "Deusa" em carne e osso, a mulher dos seus sonhos, a conversar encantadoramente com um grupo de pessoas amigas! Cheio de coragem, approxima-se. Anna Sten, agora, não é mais do que uma patricia em terra estranha! Demais, está em companhia de amigos communs!

O desconhecido a si proprio se apresenta. Chama-se Eugene Frenke. A actriz estremece. Córa. Encastella-se numa grande reserva, mas, dali a pouco, quando elle lhe aviva a memoria, recordando-lhe o incidente do automovel em Moscou, Anna dá uma gargalhada. Sim, sim, bem se lembra! O riso de Anna é o riso alegre e franco duma creança. A face, muito redonda e bella, é tambem a duma creança, e nos olhos, grandes e azues, não ha a menor sombra de malicia.

Assim começou o romance de Anna e Eugene. O encanto e a delicadeza de maneiras do joven moreno impressionaram a actriz. Demais, tratava-se de pessoa importante, de um homem que a podia aconselhar e guiar. Viajando de quinze em quinze dias para Moscou, Frenke tornou-se uma especie de mensageiro entre Anna e sua mãe, que ficara na Russia.

A actriz fôra mandada para Berlim pelo novo governo do Soviet, afim de fazer films na **Tara**. Anna não se deu bem e o seu descontentamento começou a influir de modo desfavoravel na sua carreira artistica. Os chefes da fabrica não andavam nada satisfeitos. Pensavam em fazer uma grande versão cinematographica do celebre romance **"Os irmãos Karamazov"**, mas tinham medo de entregar á joven actriz o importante papel que lhe haviam destinado.

Anna Sten permanecia na ignorancia do que se passava, mas Eugene Frenke estava bem ao par de tudo. Por essa epoca, já elle assumira a direcção completa de todos os negocios da artista. Conquistara-lhe o amor e, com o amor, uma confiança cega.

Foi um momento decisivo da carreira de Anna, uma phase de transformação radical, que deu em resultado vir a tornar-se a actriz, mais tarde, uma das grandes "estrellas" da America, terra que nem sequer sonhara em visitar.

Deixemos falar o proprio Eugene Frenke. O jornalista, que o ouviu, estava sentado com elle a uma das mesas do famoso restaurante Barbetta, em New York. Vinham de assistir a uma "preview", num cinema de Brooklyn, do

film de Frenke "The Girl in the Case", enthusiasticamente recebido pelo publico.

Depois dum "brandy and egg", Eugene começa immediatamente a falar na mulher com quem está hoje casado e que adora apaixonadamente:

— Eu sabia muito bem que Anna ia tomar parte nos "Karamazov" e que haviam resolvido recambial-a para a Russia, com a pecha de "incapaz"...

Os olhos negros de Eugene fulguram. Fala com calor, enbora se exprima ainda num inglez um pouco incerto.

— Jurei que não fariam tal coisa á minha Anna! Conversei com elles e, finalmente, chegámos a um accordo. Eu pagaria o salario de Anna do meu bolso, desde que a deixassem entrar no Film...

Anna continuava sem saber o que se passava, mas, entretanto, ia seguindo obedientemente todos os conselhos que lhe dava o zeloso mentor. Aprendera já, por exemplo, a vestir-se com gosto, pondo de lado os trajes espalhafatosos e as côres berrantes, tão do seu agrado. Sob a vigilança attenta e carinhosa de Frenke, corrigira numerosos defeitos de dicção, abandonara certas impropriedades de gesticulação. Em poucos mezes, trocara as maneiras de camponeza pelas duma verdadeira dama.

— Tenho um temperamento um tanto parecido com o dos ciganos, exclama Eugene. Anna estava muito "presa á terra". Ensinei-a a voar, a libertar-se. Convenci-a a não ter medo á vida. Mais ainda, a não ter medo de ninguem!

O resultado não se fez esperar. Anna mudou completamente. Em seu lugar, surgiu uma nova e radiante creatura, uma esplendida mulher confiante nos proprios recursos, uma actriz, que engrandeceu o seu papel em **"Os irmãos Karamazov"** com uma interpretação vigorosa e

magistral. O film alcançou grande exito, mas muito maior foi o successo de Anna. Dahi em deante, a sua posição no cinema ficou assegurada. Tornou-se "estrella" da noite para o dia. A insignificante e timida actrizinha de outros tempos viu-se acclamada pelas multidões.

— E a gloria não lhe mudou o caracter? pergunta o jornalista a Eugene.

Frenke hesita um pouco, antes de responder.

— Não. Só a assustou. Muitas vezes, depois de ser apresentada a gente importante, Anna perguntava-me, alarmada: "Dei alguma "rata"? Estava nervosa?" Apenas. Para mim, continua a ser a mesma creança. Gosta de cozinhar os meus pratos predilectos. Gosta de vestidos simples. Gosta de dar longos passeios e do jogo da paciencia. Tem um lado mystico, tambem. Tanto eu como Anna nos interessamos pelo espiritismo. Já recebemos communicações...

—Conte-me mais alguma coisa sobre o "romance".

Como foi que v. a pediu em casamento?

— Não fui eu, responde Eugene promptamente. Foi ella!

E, diante da estranheza do entrevistador, Eugene prosegue:

— Vou-lhe explicar. Eu alugara a Anna uma das dus casas, que mandara construir em Berlim. Só necessitava duma casa, mas, na Allemanha, os terrenos vasios pagam impostos pesados. O governo quer que se construa. Por isso, vi-me obrigado a edificar dois predios. Morrendo minha esposa, Anna costumava visitar-me, a mim e á minha filha pequena. Um dia, appareceu-me mais bella do que nunca.

— Vou-me mudar!" disse-me.

(Termina no fim do numero)

Gardel, o

(De GILBERTO SOUTO, em New York)

CORTAMOS as grandes avenidas! Rompemos a barreira cerrada dos signaes. Apostamos corrida com milhares de autos — parece que todos têm uma pressa louca nesta Babel Moderna que é New York! Para onde vão? De onde vem? Ninguem o sabe! Mesmo não ha tempo para perguntar. Todos estão sempre com pressa. Ninguem pára e discute ou solta um *Não Pode* ou faz a classipergunta: *Sabe com quem está falando?* Custa mais caro processar o chauffeur que pôz abaixo o paralama do nosso carro do que mandal-o para a garage e pagar a conta... Atravessamos a famosa Park Avenue, onde os millionarios e as familias da velhinha New York possuem mansões aristocraticas... Lá ao alto, quasi junto ao céo — as *penthouses*, ninhos de amor onde o capricho dos jovens *playboys*, vivem seus romances de amor!

As *penthouses* que vêm a lua e as estrellas. Sêres previlegiados! Quantos nos bairros humildes e sordidos, da parte do *Eastside* de New York conseguem vêr a lua e as estrellas? As massas cyclopicas de cimento armado escondem dos pobres miseraveis que labutam e soffrem, que passam fome e frio — os raios frios da lua e o piscar ironico das estrellas...

Cada policia parece um moinho de vento — cujas pás são seus braços enormes fazendo signaes para os carros que passam... Estava eu cortando o coração de New York — a velha New York da St. Patrick Cathedral — uma maravilha de arte religiosa dentro da cidade commercial... O corpo massiço do Radio City perdia-se ao longe e como o Empire State e o Edificio Crysler pareciam brinquedos de menino, ao longe horizonte de pedra e aço!

Atravessemos o rio. A ponte immensa por onde desfilam milhares de carros, autos, omnibus... Tres filas. Tenho a impressão de que tudo vae despenhar-se e mergulhar no rio, lá em baixo, que corre de vagar — sujo e de aguas esverdeadas.

Parece existir na mente de cada um a idéa do suicidio... Cada um parece ir esbarrar de encontro ao carro do outro. Nota-se a sede de velocidade, de accidente, uma febre de destruição.

Por baixo, por cima — novas fileiras de carros que vôam. Que se chocam. Uma symphonia barbara de sons e aço e ferro e metaes que batem e chocalham... Para onde vae essa gente febril? De onde vem esse mundo de almas que caminham e caminham sem cessar?...

Chegamos a Astoria. Nervos tensos. Fontes latejando... um calor que mata e que suffoca. Como o Rio parece uma cidade nordica — gelada e fria, comparada ao calor insuportavel que faz em New York!

O studio da Paramount — onde, outr'ora, se faziam grandes films. Digo "grandes" porque Lubitsch os dirigia. Ali se fez "Alvorada do Amor". Mas, caso excepcional, raramente New York nos tem dado um grande film.

Sómente em Hollywood se fazem trabalhos maravilhosos e obras extraordinarias..

O Paramount Studio é moderno e grande — mas não póde hombrear com o de Hollywood. Não é propriamente a parte material de um studio que origina um film de valor — é a organização. E' a mentalidade. A perfeição geral de cada elemento que nelle toma parte. Por isso — nada se compara a Hollywood. Hollywood, querendo — só faria films notaveis... Se não os faz — a causa é outra.

Ia eu ser apresentado a Carlos Gardel — o rei do tango. O melhor dentre todos. O mais famoso, o mais querido, adorado, mimado pelos seus compatriotas, pelos meus patricios — por Paris, que elle sabe adorar, em troca; pela aristocracia rica e futil da Riviera galante... Em Monte Carlo... Gardel — que agora é do cinema.

Gardel o cantor de "Luzes de Buenos Aires", "Espera-me coração" e "Melodia de arrabalde", tres films da Paramount, feitos na França, que renderam rios de dinheiro — enchendo cinemas, sessão atraz da outra. Gardel — um argentino typico. Um buenarense da gemma! Tanto quanto eu sei ser carioca. No seu modo de falar, nos seus gestos, na sua fala e nos seus ditos — na sua personalidade esfusiante. No seu modo de contar factos e no seu sorriso genuino da cidade do Tango...

Havia gente minha conhecida. Primeiro, foi aquelle sorriso bonito e cheio de *glamour* que me veio receber e que me encheu de saudades de Hollywood — que eu deixara ainda não havia duas semanas... Blanca Vischer — uma garota que estaria melhor dentro das paginas de um diccionario — logo após a palavra ENCANTO.

Blanca que eu conheço ha tanto tempo — desde que lhe fui apresentado numa festa de Hal Roach, celebrando a volta de Gordo e do Magro da Europa... Blanca que eu sempre vejo e cuja carreira venho acompanhando com alegria. Ella merece.

Possue um desejo e uma vontade grande de vencer — e aquelle seu papel como "leading-lady" de Carlos Gardel em "El Tango en Broadway" já não era a prova da sua perseverança? Blanca não se contém. Deixa a sua cadeira, junto á mesa do "make-up" e aperta-me as mãos — contente, sorrindo, alegre... Não só por eu ser conhecido seu — mas por que tambem eu era de Hollywood — a cidade que ella tambem já se habituou a amar e da qual tinha saudades...

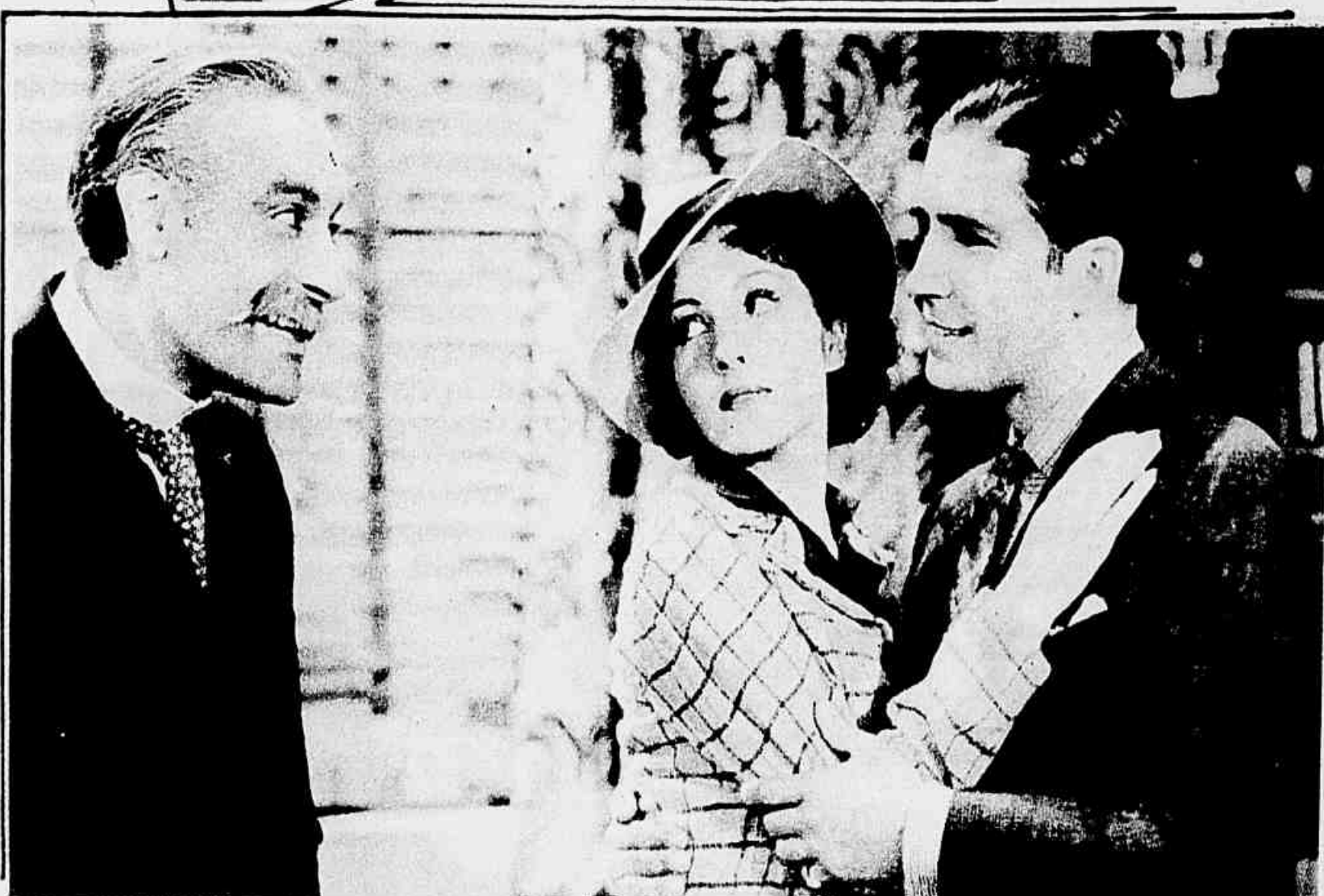
Hollywood dominadora... Hollywood que faz escravos... Hollywood a quem a gente, mesmo estando aqui — já sabe sentir saudades nos dias que virão, quando o destino nos levar a outras cidades!

Falarei mais tarde de Blanca. Agora, era Gardel que me era apresentado. Estava de "smoking" e se preparava para fazer um "insert" para o seu

Carlos Gardel e Gilberto Souto no studio da Paramount, em New York.

Uma scena de "El Tango en Broadway", com Gardel, Blanca Vischer e Jayme Devesa, que tambem trabalhou no anterior film de Carlos Gardel "Cuesta Abajo".

Rei do Tango

Carlos Gardel, Gilberto Souto, representante de CI-NEARTE e o director Louis Gasnier.

film, uma scena ligeira, onde apenas, a sua mão, tirando dinheiro do bolso se veria na tela.

Louis Gasnier dirigia o film. Fazia-o falando francez todo o tempo — pois o inglez de Gardel se resume a algumas palavras e poucas phrases. O resto e a lingua internacional — "a manual", como diz, com graça, o Paulo Magalhães...

"Do Brasil? — pergunta-me elle", Bem...

"Do Rio?", prosegue elle — "Optimo!" Gosto do Rio...

Passei lá alguns dias no correr de uma viagem á Europa. Mas — quem póde deixar de gostar da "cidade maravilhosa? — (como diria o "speaker" Cesar Ladeira...)

Gardel era-me completamente desconhecido. Havia-o visto, apenas, pela primeira vez, dias antes no film "Cuesta Abajo", que a Paramount mostrara aos jornalistas sul-americanos em sessão especial. Notei, porém, que elle nunca antes tendo sido um actor, sem pratica de representar — pois a sua profissão tem sido annos a fio cantar tangos... elle, entretanto, me impressionara pela sua simplicidade e pela maneira natural com que trabalha.

Elle me pergunta que opinião tinha eu do film. Dou-a, sinceramente. Não é um trabalho excepcional. Não é um grande film — mas tem qualidades. A principal dellas e o seu ambiente alegre, apaixonado, bohemio da estudantada de Buenos Aires — que é como qualquer outra de ambiente latino.

Na cidade portenha são as aventuras e o romance — entremeados de um tango que soluça e sempre fala na mulher "que se fue y nunca mas volvio"... No Rio — na minha cidade querida — Romance de amor, as aventuras galantes e um samba... que diz: "Deixaste o meu lar... Abandonaste o meu carinho..."

Sempre uma mulher! E será que nunca ellas deixarão de "abandonar?... Gardel movia-se de um lado para outro. Para elle trabalhar ali era difficil — principalmente por não conhecer bem o inglez. Mesmo que o director lhe falasse em francez que ella conhece correntemente — o "camera-man" lhe dirigia a palavra e era preciso que outros traduzissem para elle.

Gardel não estava satisfeito — completamente com o seu primeiro film, "Cuesta abajo". Não é, na sua opinião, um film perfeito. Elle, eu soube por outros, é o mais severo critico de si mesmo. Dahi talvez a sua exigencia para com o seu primeiro trabalho, feito na America.

Estive com elle horas. Depois de haver cessado de trabalhar — elle pôsa para esta photo, vindo ao nosso grupo juntar-se o director, esse Louis Gashier vocês conhecem bem, veterano e que dirigiu Gardel nos seus anteriores films feitos em Joinville. Seguimos então para o restaurante a comer. Pedi o meu prato e Gardel olha para o garçon e faz um gesto com as mãos... Estava pedido o seu almoço. O garçon comprehendeu-o immediatamente. O idioma "manual" nunca falha! Conversamos e eu lhe pergunto: Qual o dia mais feliz da sua vida?

Elle diz então: "Não foi um dia. Foi uma noite... A mais feliz e da qual tenho recordações gratas. Foi quando cantei o meu primeiro tango de successo. O tango que, realmente, me deu "chance". Com elle consegui chamar a attenção do publico e dos empresarios. E quer ver a ironia do seu titulo? Chamava-se "Mi Noche Triste"... Rimos. Eu falo de tangos. Elle commenta-os. Na sua vida elles têm sido "tudo" — na minha foi "algo..."

"Cumparsita..." para que o ouvi? Para que o senti? Por que não o posso esquecer? Mas... meus caros amigos — perdêem-me se falo de mim, aqui. Não pude resistir ao ambiente — falavamos de tangos!

— "Já perdi a conta dos tangos que tenho cantado. Já faz muito tempo desde que cantei o primeiro. Era menino. O argentino como o brasileiro, gosta da sua musica, mais do que nada neste mundo. Nós do tango — que, primeiro, é a emoção desconhecida, cuja letra nos faz pensar em momentos que virão sempre na vida de cada um de nós — depois, annos mais tarde, e a sensação e... a seguir — sempre uma saudade!"

No brasileiro — repetem-se as mesmas passagens, mas o tango cede logar ao samba, á canção dolorida que fala: "Deixa essa mulher chorar..." ou então "Da Batucada da vida!"...

Gardel tem cantado pelo radio em New York. E que sensação elle não causou? Quanta americana millionaria não sentiu no seu pequenino coração algo fascinante...

Promessas, desejos... sonhos! Elle tanto trabalhava, de dia, no seu film, e á noite, cantava na National Broadcasting Company — a organização maravilhosa da cidade gigante.

"De todos os meus films — "Luzes de Buenos Aires" é o meu preferido. Foi o primeiro que fiz. Apesar de não estar familiarizado com a technica do cinema e mesmo ter tido muito pouco de theatro — procurei ser, pelo menos, natural. Mas sei que os meus cantos foram a causa principal do seu agrado.

Gardel teve uma temporada de palco em Hespanha — numa companhia de revistas de Buenos Aires. De Madrid foi a Paris e lá trabalhou nos theatros *Empire* e *Palace* e, de madrugada, no cabaret *Florida*. Foi a temporada mais feliz da sua vida. Ganhou rios de dinheiro.

Era festejado pelo que de melhor e mais rico possue esse Paris adoravel! Foi mimado — recebeu presentes de nobres e millionarios e o seu successo não parou — correu da Cidade-Luz para Vienna, do Pratter, Berlim, do Wilhelmstrasse e Londres, de Piccadilly Circus...

Emquanto estavamos almoçando—chega-se a nós um dos rapazes do departamento de Publicidade da Paramount, Eddie Shelhorn — que foi um dos meus bons amigos em New York.

Eddie precisava de notas sobre Gardel e... como obtel-as quando as respostas seriam por mimica. Não é culpa de Carlos... elle fala até linguas demais.

Castelhano, com a sua pronuncia suave e cheia dos deliciosos defeitos do buenarense (defeitos na opinião dos castelhanos... está visto!), o francez que elle sem sentir fala como Parisiense, o italiano como filho da Cidade Eterna, — por que aprender inglez? Sómente para falar com a publicidade... Não — gestos! Sirvo de interprete. Eu, com o meu hespanhol comico de brasileiro que insiste em acreditar em que está falando portuguez errado.

Soube, assim, tambem que na semana vindoura, Gardel seria entrevistado por "La Critica", directamente de Buenos Aires, por telephone... Elle estava contente.

Emocionado e ansioso pela hora de falar á sua gente. E ouvir — um compatriota a falar-lhe no idioma que sómente o buenarense sabe e gosta de exprimir-se...

Como é typico e como é gracioso. Como possuem termos de gyria que sôam tão bem e dizem mais que todos os rigores severos da grammatica!

Voltavamos ao studio e Gardel foi ao seu camarim mudar de roupa. Fico por ali e vou falar a Vicente Padula. Elle recorda-se vagamente de mim, a quem fôra apresentado ha muito tempo.

Mas a sua primeira pergunta foi por Gonzaga — "Como vae elle? e Padula o faz em Portuguez. A sua longa temporada em Hollywood, onde elle privara da amizade de Olympio Guilherme durante a filmagem de "Fome", lhe dera muitas phrases e muito vocabulario nosso. Elle recorda tambem o Rio, onde estivera de passagem e quando revira Gonzaga. Mandou um mundo de saudades para a nossa cidade e um punhado de lembranças para Gonzaga.

Quando elle me falava em portuguez — alguem se mette na conversa e começa a falar com a fala descansada dos caipiras — mas com o mais delicioso e impagavel sotaque hespanhol... Agora, imagem a combinação!

Era Jayme Devesa. Não o conhecia. Mas, elle me fala do Rio e... imaginem, de mais antigo studio de cinema que a nossa cidade já teve — a *Omega-Film!*

Fico a olhal-o. Elle me fala do velho studio da rua Affonso Penna — aquelle sonho bonito de Jansen, o director americano.

Devesa andou pelo Rio, por esse tempo. Elle havia trabalhado, creio eu, num film que Jansen fizera em Buenos Aires, antes de vir para junto da Guanabara. Por isso, elle morara no Rio. Esperara trabalhar num proximo film da Omega e nunca chegou o dia... Não me lembro delle. Parece que esteve tambem na Brasilia Film ao lado do Aragão. Naquelle tempo, eu andava occupado com a Pearl White e suas series.

Sómente mais tarde acreditei no Cinema Brasileiro — quando vi, na tela, "Barro Humano" — que se deve a Gonzaga.

E... New York — a cidade gigante, de milhões e milhões de almas — onde a gente não encontra a mesma pessoa na rua, duas vezes — me pareceu, naquelle instante, uma aldeia de duas ruas e uma praça... Ali eu encontrava Blanca Vischer, de Hollywood — Padula que andara pelo mundo, por Paris, por Madrid, pelo Rio...

Devesa que procurara trabalhar para o Cinema Brasileiro, e Alfredo Le Pera. Vocês não o conhecem. Elle escreve os argumentos e a letra das musicas de Gardel e tem estado com elle, annos a fio.

Le Pera pergunta-me pelo Raul Roulien. Pergunto-lhe se o conhece e elle sorri e conta-me a seguinte historia: "Raul e eu somos velhos amigos, de Buenos Aires. Elle trabalhou numa companhia minha. Por signal, nesse tempo, elle fez greve. Quebrou contracto; fez polemica, campanha pelos jornaes, naquelles seus arroubos de moço. Foi uma guerra. A Sociedade de Artistas de Buenos Aires teve que se reunir e por pouco que elle não foi expulso — mas, assim mesmo, esteve suspenso por insubordinação..."

Como é pequenino o mundo. Naquella tarde — tantas e differentes historias. Um rosario de actos, de pessoas e casos. Seria a influencia do tango que sempre traz um mundo de recordações...?

(*Termina no fim do numero*)

Shir

rias proprias da gente grande. E' uma anomalia nos studios: uma creança genial, a quem os mimos e a lisonja ainda não estragaram.

Apesar da sua curta carreira no cinema e de não possuir "estado maior", Shirley é muito mais interessante do que as estrellas brilhantes do Celluloide.

Seus dois irmãos George e Jack estão numa "high school". São rapazes de intelligencia normal, doidos por automoveis e por... Shirley.

Os paes da pequena não sabem explicar a rara vocação de Shirley. Nunca se sentiram attrahidos para o palco, nem ha gente de theatro na familia.

— Talvez exista alguma relação com o meu amor pela dansa, murmura a sra. Temple. Bebé ainda, Shirley não podia ouvir musica que não movesse o pequenino corpo. Quando começou a andar, gostava de se apoiar nas pontas dos pés. Por isso, ao fazer tres annos, mandamol-a para uma escola de dansa.

Shirley nasceu em Santa Monica, na California, e póde dizer-se que, ao aprender a falar e a dansar, já estava a preparar-se para a sua carreira no Cinema. Aos tres annos e meio, começou a trabalhar nas comedias da serie Baby Burlesque.

— Vou ter uma criança, annunciou-me a garota; fitando em mim, solemnes, os grandes olhos azues.

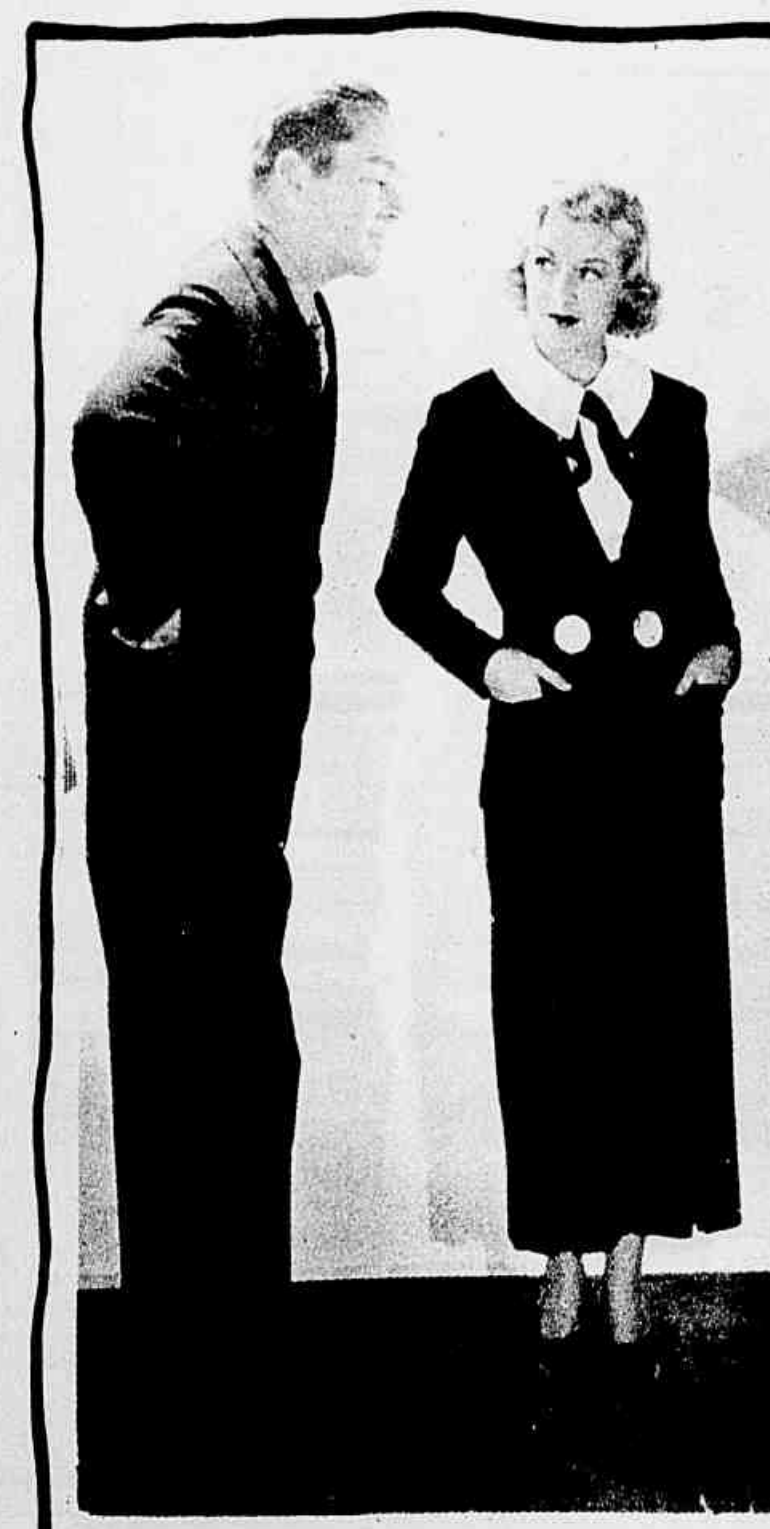
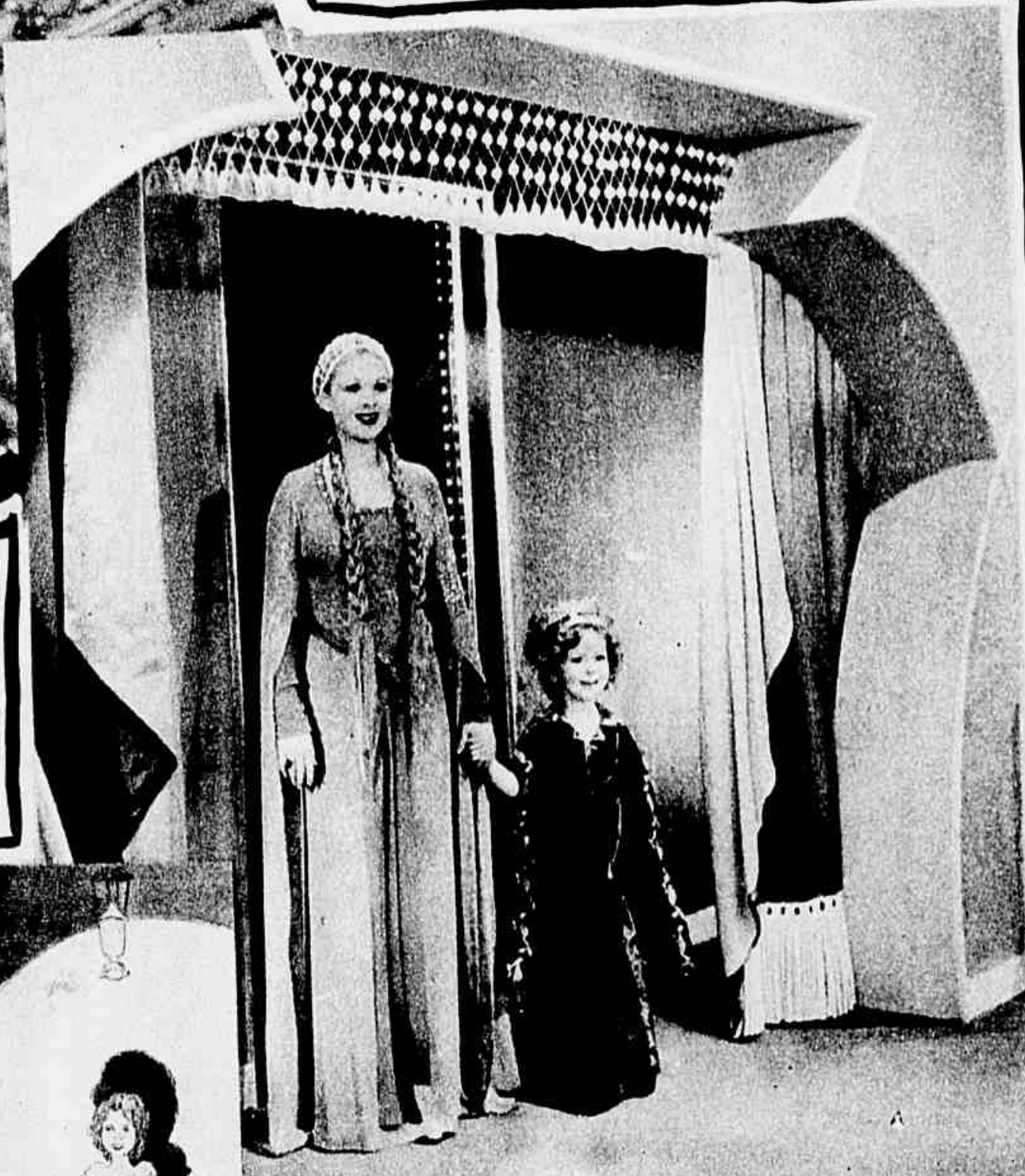
Ultimamente, Shirley anda com essa mania. Parece que assim que lhe "sobrar tempo", tera a criança, para representar com ella nas fitas... Tambem quer ser pintora. Costuma apparecer com uma caixa de lapis.

E representar?

— Tambem quero, mas o senhor sabe que vou andar muito occupada a vestir a creança!

Shirley não pára quieta um instante. Para mudar de roupa, é uma luta. Não

Shirley e Carole Lombard. Ao lado: com a malograda Dorothy Dell em "Litte Miss Marker", da Paramount. Em baixo: com James Dunn e Claire Trevor em "Baby, Take a Bow", da Fox.

Shirley e Gary Cooper.

UM viva a Shirley Temple!

Shirley é uma ingenua sem artificio, uma seductora sereia. E' uma garotinha de cinco annos, cujo irresistivel encanto, em "Alegria de viver", levou os criticos ao auge do enthusiasmo.

E' talvez a maior descoberta infantil, desde os tempos em que Mestre Coogan soube commover os corações com a sua arte pathetica e inolvidavel.

Embora se trate, indubitavelmente, duma menina prodigio, Shirley não tem o que geralmente se conhece por precocidade das creanças. E' esperta, mas não maliciosa. Não usa pomadas na pelle rosada, nem tem maneiras affectadas. Não se sáe com pilhe-

socega com os braços e com as pernas. Gosta de toda a gente e distribue sorrisos generosamente, grata a qualquer que a distingua com a mais leve caricia. Um pouco voluvel, não faz selecção de amizades, não se zanga com ninguem, mas anda sempre á cata de novas brincadeiras.

— Mamãe, não posso comer um sorvete coberto de chocolate?

— Podes, responde a mãe, sorrindo, se ficares quieta dois minutos!

ley

E' em vão que tentam fazel-a socegar. Para a fatigar, mandam-na dansar um pouco, entre as scenas, mas Jimmy Dunn explode:

— Irra! Quem precisa de descansar sou eu!

O horario de trabalho de Shirley não vae além de seis horas, mas a garota passa a maior parte do tempo a brincar no "stage", ou cá fora, ao sol.

Dirigir creanças, que representam, consiste simplesmente em fazel-as acreditar na "realidade" das scenas em que tomam parte. Shirley, porém, não se deixa enganar.

Quando um director a quer embrulhar, Shirley levanta a mão e diz.

— Já sei. Isto é de brincadeira, não é? Eu sou artista...

Shirley já não dá quasi nenhum trabalho a ensaiar. Apprehende o sentido das scenas por uma especie de raro instincto, modulando a voz de accordo com cada situação.

Nunca se atrapalha com as phrases compridas. Embora peça sempre que lhe leiam os argumentos, a mãe não a attende, para não a confundir. Depois do almoço, a sra. Temple lê, varias vezes, muito devagar, as palavras que a filha tem de dizer no dia seguinte. Já houve um film, no qual existia uma scena em que Shirley recitou tres paginas de dialogo, sem commetter um unico erro.

— Só ha uma difficuldade, diz a sra. Temple. E' quando no studio mudam as phrases do dialogo. Shirley possue memoria "photographica", de modo que quando tem de modificar palavras, que já decorou, atrapalha-se seriamente.

Embora a garota goste muito de cinema, não liga importancia ao seu proprio trabalho. Pergunta apenas: "Fiz bem?" Recebe resposta affirmativa e não pensa mais nisso. Dá preferencia, como espectadora, ás comicas, e mesmo no studio as scenas que mais lhe agradam são as de comedia. Os seus artistas predilectos são o "Camondongo Mickey" e a "Familia dos Porquinhos".

Quando tiver dinheiro sufficiente, diz ella que comprará uma casa para a mãe e um automovel para si.

Shirley não é tatibitate. Pelo contrario, tem uma pronuncia, que espanta. Ouve uma palavra, grava-a na memoria, e emprega-a depois com a melhor prosodia, embora muitas vezes não lhe conheça o verdadeiro sentido. Uma vez disse ao pae: "Acho que essa "sequencia" já está comprida"...

Nunca foi castigada e raras vezes soffre reprimendas.

— Sem duvida, a pequena tem defeitos e algumas birras, diz a sra. Temple, mas sem importancia maior. E' muito obediente.

Shirley, todas as manhãs, parte para o studio, muito contente, e tambem gosta de fazer compras. O que ella não quer é estar quieta num logar.

Devido á sua pouca idade, estreou no cinema como se nada fosse e ainda acha tudo muito natural. Gosta de Janet Gaynor, porque a estrella já a convidou para brincar.

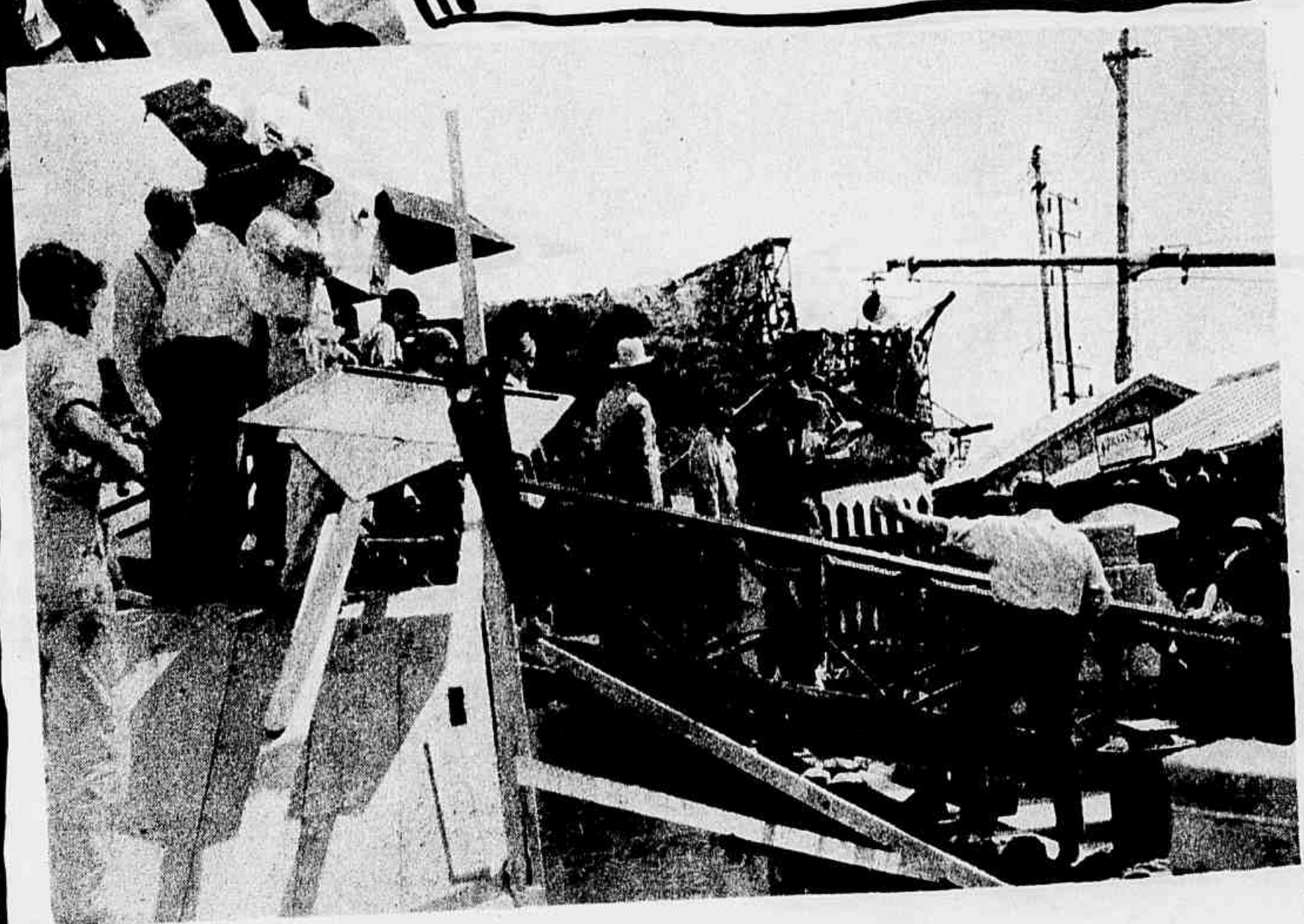
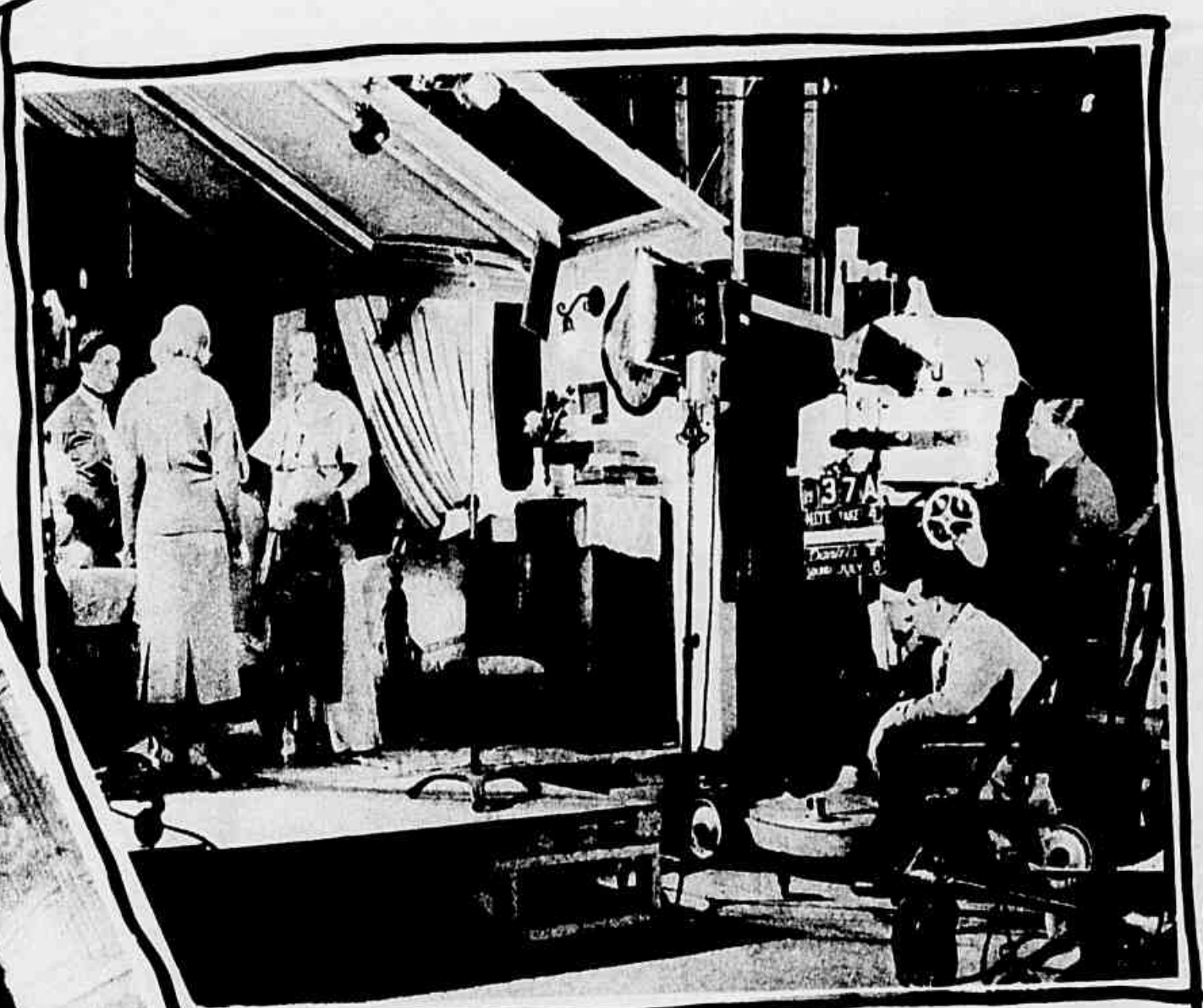
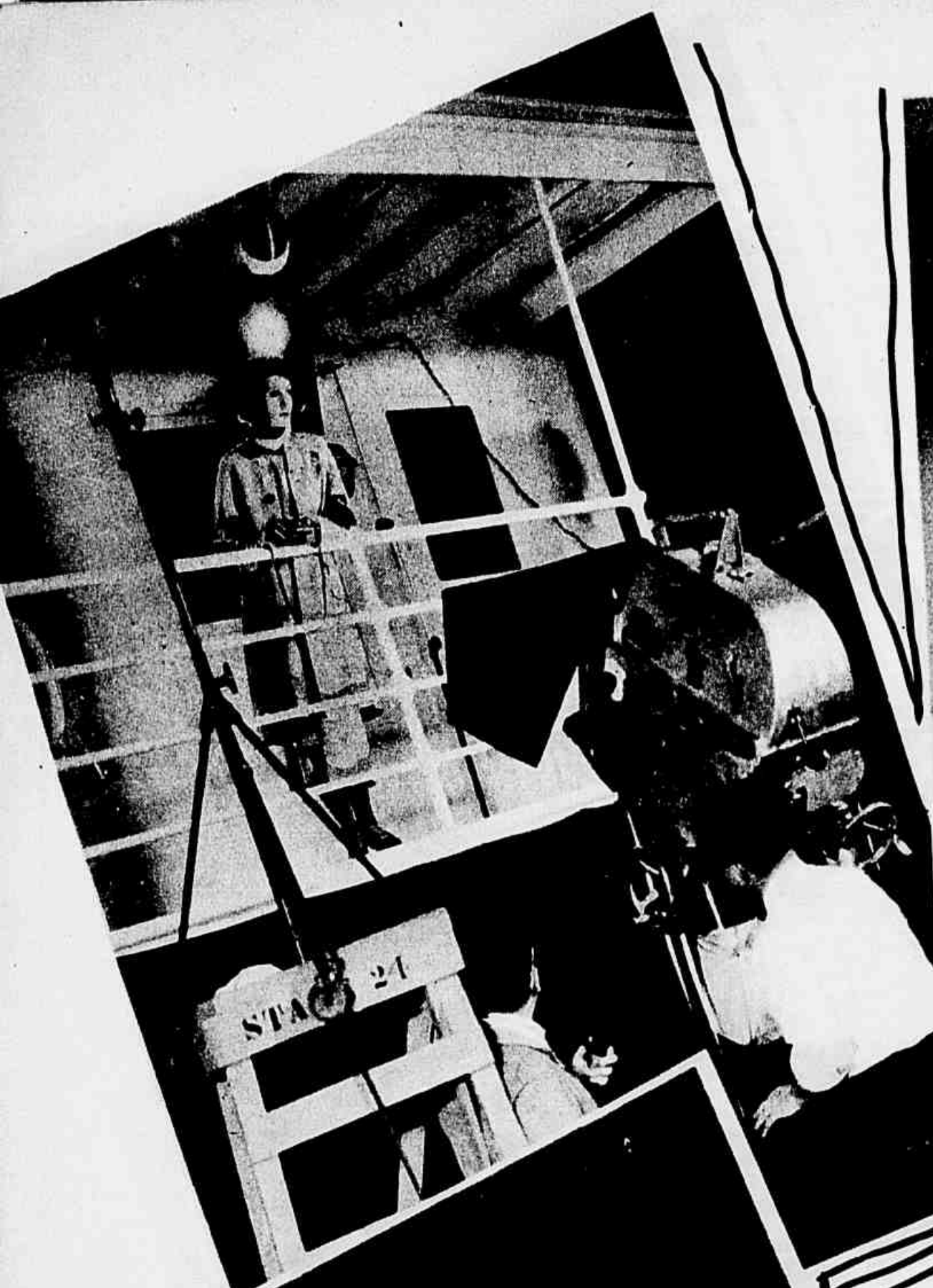
Tem coisas que surprehendem. No dia em que fez cinco annos, deu a sua primeira festa. A mãe ficou do lado de fóra do restaurante do studio, deixando-a dirigir a "solennidade" como entendesse. Quando alguem indicou a Shirley que o logar della era a cabeceira da mesa, a garota respondeu promptamente: "Oh! Mas eu não me posso sentar, emquanto os meus convidados não estiverem todos acommodados!" Sem duvida, apprendera a etiqueta nalgum film.

Shirley levanta-se ás sete e meia e almoça succo de laranja, cereaes, um ovo cozido e leite. Ao meio dia, come sopa, um bocado de frango e legumes. Ao jantar, dão-lhe legumes, uma salada, caldo de maçã e leite. Uma vez ou outra, toma sorvete.

Todos os dias, engole o seu oleo de figado de bacalhau sem fazer caretas, e, se a mãe se esquece, é ella propria quem o pede. Ao deitar-se, o pae tem que lhe ler uma historia. E' praxe.

Tem um cofre, onde junta os nickeis que pede a toda a gente, sem se importar com os olhares de censura da mãe. Gosta de ver o cofre "cheio", para o esvaziar e tornar a encher...

Sendo gerente dum banco, o pae naturalmente deposita todo o dinheiro que ella ganha em nome da filha.

(Termina no fim do numero)

Filmando "THE PAINTED VEIL" o novo film de Greta Garbo, dirigido por Boleslavsky. O operador é William Daniels...

Supplemento de CINEARTE
INFORMATIVO PARA O DISTRIBUIDOR E EXHIBIDOR

ANNO I RIO, 15 — OUTUBRO — 1934 NUM. 5

A que attribue o successo de "Symphonia Inacabada"?

"SUPPLEMENTO DE CINEARTE" PROMOVE UM LARGO INQUERITO NOS MEIOS CINEMATOGRAPHICOS LOCAES. — IMPORTADORES, EMPRESARIOS, PUBLICISTAS, JORNALISTAS, DÃO O SEU PARECER. — ONDE SE VÊ QUE É MUITO DIFFICIL ENCONTRAR DUAS OPINIÕES CONCORDANTES... — — — — — — —

O successo do primeiro film da Cine-Alliança foi memoravel. Difficilmente será ultrapassado. Dez semanas seguidas, no primeiro exhibidor valeram-lhe por uma consagração que ainda film algum attingiu em nosso mercado. Impunha-se saber, no meio cinematographico local, os motivos de tão acentuado triumpho. Seria elle justificado pela musica de Shubert? pela actuação dos interpretes? pelo romantismo do "scenario"? Pelo excellente apparelhamento sonóro do Alhambra? As opiniões dividiam-se. Cada qual dava a sua. "Supplemento de Cinearte", legitimo representante da industria do film no Brasil, quiz a coisa a limpo, e poz-se em campo. Ahi vão os resultados obtidos, sem nenhum commentario. Elles ficam a criterio do leitor.

———

Um concorrente de "Alliança": Al. Szekler, representante da Universal em nosso territorio. Assim se manifestou:

— *"De um modo geral, attribuo esse successo ao facto do film ter cahido mesmo no gosto do publico. E si cahiu no gosto do publico foi, particularmente, devido a Marthe Eggerth, senhora de uma garganta preciosa, cantando divinamente.*

———

Outro concorrente: A. Judall, gerente geral, no Brasil, da Metro-Goldwy Mayer. Falou assim:

— *"O film está muito bem feito. Cahiu na predilecção do publico. A musica muito contribuiu para isso, principalmente a "Ave-Maria final".*

———

Ainda outro representante de companhia cinematographica: Fritz Urban, que rége os destinos da Columbia Pictures. E' delle esta phrase:

Francisco Serrador

— *"Attribuo o successo verificado ao snobismo, muito perdoavel, do nosso carioca. Era preciso assistir o film do qual todos falavam tão bem. Uma, duas, varias vezes. E todos assistiram!"*

———

Um programmador: R. Paladine — da Paramount:

— *"Não sei a que attribuir. Cada dia se entende menos a preferencia do publico. Pelo mesmo facto que um film desagrada, esse agradou em cheio."*

———

O snr. Luiz Grentner, director do "Programma Urania", que tambem importa producções européas, como é sabido:

— *"Ha duas razões. Primeira, ao proprio publico, que se incumbiu de fazer a melhor propaganda. Segunda, ao excellente apparelho do Alhambra".*

———

O snr. Altamiro Ponce, que além de administrar, com seu irmão Generoso, o Broadway Programma, faz parte da empresa arrendataria do Broadway:

— *"Innegavelmente, entre outros factores, á musica".*

———

O snr. Emilio Lacoste, gerente da United Artists:

(*Continúa depois da dupla*)

NÃO É DOS PEIORES

(CELESTINO SILVEIRA)

Nos Estados Unidos, foi publicado que a Fox estaria disposta a installar aqui no Rio um pequeno studio ou laboratorio para a confeção do "Fox-Movietone" destinado a supprir mais efficientemente o mercado brasileiro e, talvez, os demais sul-americanos. O Rio ficaria sendo o ponto de referencia do continente. Aqui a Fox cuidaria de completar seus excellentes "jornaes" com noticiario local, e substituição definitiva das legendas por explicação falada em nosso idioma, além de copias faladas em hespanhol para os paizes vizinhos. Então a Fox poderia dizer, com fundamento, que seus "jornaes" eram especiaes para o Brasil.

Mas a agencia local nada nos disse a respeito. De nada sabe. Si algo existisse, o Sr. Harley devia estar informado. De um modo ou de outro, a noticia foi publicada nos Estados Unidos e não o seria sem algum fundamento. Reconhecemos que a inversão do capital para a installação desse apparelhamento teria de ser consideravel, mas não ignoramos que os mercados sul-americanos não são mais considerados um elemento inteiramente á margem, de ordem secundaria, uma "sobra" de receita. Esse tempo vae longe.

● ● ●

E que os "leaders" da industria concentram suas melhores attenções para estes lados, confirma-se ainda agora com a visita de Artuhr Loew. Foi em 1500 que um navegador lusitano nos descobriu, mas só quatro seculos mais tarde a nossa expressão economica pesa na balança dos lucros liquidos em negocios de films, fazendo com que individualidades do porte do vice-presidente da Metro, uma das mais importantes organizações mundiaes no genero, se desloque do seu gabinete de trabalho para uma visita demorada ao Brasil. Demorada, porque quinze dias, para o "business-men" da envergadura de Loew, valem por quinze annos para um homem de negocios da geração antiga. E em quinze minutos o primeiro resolve o que o outro não decidiria em uma existencia inteira...

● ● ●

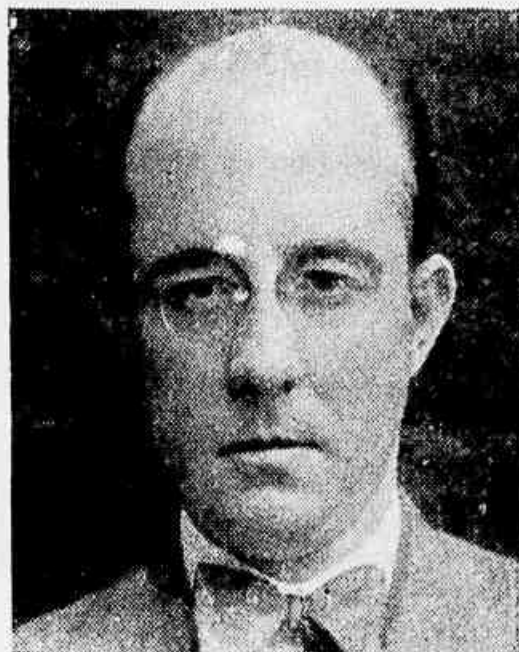
Mas ha outro indice. Na Argentina os exhibidores cerram fileiras, em "frente unica", impedindo a construcção de novos cinemas, embora enfrentando as disposições governamentaes que prohibem convenios dessa especie. Na Argentina ha cinemas demais e publico de menos, dizem os exhibidores. No Brasil, não se pensa em convenios semelhantes. A concorrencia é livre e cada um cuida de si. De resto, não é na construcção de cinemas que a metropolo platina leva a melhor sobre o Brasil, excepção feita nas installações electricas de refrigeração, o nosso antigo "tabu". Aqui, a Cia. Brasileira de Cinemas inaugura o Ipanema e promette erguer, quanto antes, o Carioca, na Tijuca. Luiz Severiano Ribeiro cuida do levantamento luxuoso do Lido e ameaça estender o seu contróle de cinemas por novos bairros e pelo interior. Ainda agora outro grupo controlado por Julio Ferrez parece disposto a entrar em campo, começando pelos suburbios. Isto, na Capital. Em S. Paulo — Benjamin Fineberg segue o exemplo. Nos demais Estados, articulam-se movimentos eguaes para dotal-os de novos cinemas.

Positivamente, o negocio de cinemas, no Brasil, não é ainda dos peiores.

Tanto melhor...

O publico é quem diz a ultima palavra...

A bondade do "Supplemento de Cinearte" bateu á minha porta para que eu dissesse o meu pensamento sobre o lançamento de Films nos Cinemas da Cinelandia carioca. Não sei se estou em condições de externar o meu ponto de vista, depois que varios chefes de publicidade já se manifestaram, focalisando de modo brilhante essa questão tão complexa, como é a apresentação de um Film. Respondendo á "enquête" que o "Supplemento de Cinearte" está fazendo, em nossos circulos Cinematographicos, sobre os motivos que possam ter concorrido para o successo d' "A Symphonia Inacabada", na tela do Alhambra, eu respondi com absoluta sinceridade, apenas com esta curta phrase: — "Não sei..."

Póde parecer a muita gente, á primeira vista, que a minha opinião seja exotica senão inadmissivel, porque tendo collaborado no lançamento e na manutenção, em cartaz, dessa producção, por dever de profissão, pudesse eu estar em condições de apreciar, com relativa facilidade, os motivos que tenham respondido pelo exito invulgar que obteve essa pellicula da Cine-Allianz. Tal, porém, não se dá. Quem acompanhou a publicidade desse Film, deverá ter notado que ella se processou de modo simples e honesto. Pelo menos, a reclame feita na imprensa. A propria "enquête", a que me refiro acima, pelo que já me foi dado saber, diverge muito e eu comprehendo perfeitamente essa divergencia que é logica e, em grande parte, corrobora a minha resposta:

Oswaldo Figueira (Chefe da Publicidade da "Alliança", "Urania" e "Programma Argus").

— "Não sei...". Os factos têm provado — e isso não constitue nenhuma novidade — que nem sempre a propaganda bem feita para um bom Film corresponde á espectativa do publicista, por mais sensato que esse collaborador seja na sua tarefa. Não resta duvida que é mesmo o publico quem diz a ultima palavra, mas como muito acertadamente disse o competente animador desta secção... "ha uma coisa muito séria que se chama publico". Esse problema, aliás é tido como difficilimo, em toda parte, como todos sabem, pelo menos aquelles que fazem propaganda de films. Parece, por isso, que resta ao publicista de cinema esta alternativa: dar-se por satisfeito, quando os seus esforços são coroados pelo favor do publico, ou consolar-se com a sorte, quando esse mesmo publico não confirma a espectativa que os lançadores de um film haviam reservado ao seu successo.

E, quanto ao modo de pensar sobre lançamentos de pelliculas, de molde a que tenham exito, eu repito, coherente com o meu ponto de vista: — "Não sei..."

Oswaldo Figueira, que hoje presta o seu depoimento ao inquerito promovido por CINEARTE junto aos publicistas cinematographicos cariocas, é um profissional consciencioso, pautando a sua norma de trabalho dentro de um rigoroso principio de discreção, honestidade e muita ethica. Quando Oswaldo Figueira se incumbe do lançamento de um film, o publico póde ficar tranquillo: não será nunca illudido. Homem viajado, culto, conhece os segredos da industria do film, européa ou norte-americana. Neste momento dirige a publicidade de "Alliança", da Urania, do "Programma Argus" e dá ainda uma efficiente parcella de sua actividade ao departamento de propaganda United Artists. Foi elle quem lançou "A Symphonia Inacabada", mas não se envaideceu com o successo memoravel registado. Antes, procura convencer-nos que toda a razão de ser, do mesmo successo, adveio de motivos outros, alheios ao concurso que realmente lhe emprestou. Será melhor dar-lhe a palavra. E' o que fazemos.

Curiosidades

—

O "capitolio", da empresa Xavier & Santos, de Pelotas, installou novos apparelhos Western, "Wide Range".

A estréa foi feita com o film "Da Broadway a Hollywood".

—

Em Belém do Pará, existem actualmente onze cinemas: — "Olympia", "Iracema", "Palacio - Theatro", "Popular", "Guarany", "Iris", "Poeira", "São João" e "Alegria", todos da empresa Teixeira Martins & Cia. "Independencia" da Empresa Cardoso & Cia. e "Ideal", da Empresa Octavio Mecedo.

O maior cinema da capital paráense é o "Poeira", com lotação para 1.800 espectadores.

Os cinemas da élite paráense são o "Olympia", "Iracema", e "Palacio", da Empresa Texeira Martins que aliás é a maior empresa cinematographica do Pará, proprietaria de varios outros cinemas no interior do Estado e tambem do "Moderno", "Eden" e "Odeon", de Belém, presentemente fechados. São exhibidos no Pará, os films da Fox, Radio, Paramount, United, Metro, Warner, e Ufa.

—

De uma carta do nosso leitor "Extra", de Porto Alegre:

"No cinema Central, durante a exhibição de "A juventude manda", platéa repleta, um espectador faleceu repentinamente, do coração. A morte deu-se quando o film ia na sequencia em que os tres estudantes invadem o quarto de Charles Bickford, o que é bastante significativo. A publicidade inevitavel foi contra-producente. No dia seguinte o cinema estava vasio!

Outro facto interessante produziu-se no cima Apolo. Numa "matinée" de Domingo, o desenho "A conferencia do desarmamento" causou tanto enthusiasmo na platéa que esta pediu calorosamente "bis". E o desenho foi novamente exhibido no fim da sessão. Si a moda péga...

—

Em Porto Alegre, a Empresa Castello tem quasi concluido o "Cinema Castello", no arrabalde Azenha cuja construcção foi iniciada em 1929.

Virá, breve, a televisão?

Nos Estados Unidos garante-se que sim, mas esbarra-se em serios problemas do alto custo do apparelhamento diffusor e na falta de programmas interessantes.

A televisão, de que tanto se vem falando e que tanto receio provoca na industria cinematographica, onde estão invertidos muitos milhões de contos de réis, parece que vem mais breve do que muitos suppõem. Segundo afirma um confrade norte-americano, a televisão podia estar já sufficientemente desenvolvida para funccionar como verdadeiro serviço publico, mas acredita-se que nessa, como em tantas outras actividades da sciencia moderna onde se adaptam finalidades francamente industriaes, occorrem coisas extranhas as quaes retardam seu progresso, ao passo que outros esforços tendem a impulsional-a, accelerando-a. E esses factores que se oppõem ao desenvolvimento da televisão exercem uma influencia muito forte no progresso pratico da mesma... Não se póde esquecer que em industrias semelhantes, eguaes á do Cinema, estão invertidos capitaes consideraveis que podem sentir-se am[illegible]ados com a inovação promettida.

Coisa semelhante ao que agora está acontecendo, succedeu não faz muito tempo, com o cinema falado. Durante alguns annos lutou-se decididamente contra a apresentação no mercado dos aperfeiçoamentos mais completos do "talkie". Algumas das patentes cahiram em mãos dos grandes empresarios que impediram a sua applicação immediata. Pois bem, o mesmo se repete agora com a televisão. Nella se vem trabalhando desde quasi dez annos, mas quasi todas as melhorias logradas são mantidas mais ou menos em segredo, temendo que causem prejuizos vultosos a uma industria ainda florescente.

"Supplemento de CINEARTE"

ULTIMOS PROGRESSOS TECHNICOS DA TELEVISÃO

Com a maior dedicação trabalha-se nos laboratorios para lograr o aperfeiçoamento dos apparelhos transmissores da televisão. Uma das mais recentes invenções realizadas é a do chamado "olho electrico" ou "iconóscopo", descoberto approximadamente ha um anno pelo Dr. Vladimir K. Zworykin, destacado technico que hoje presta serviços nos laboratorios da Radio Corporation dos Estados Unidos. Esse dispositivo veiu resolver um dos problemas mais importantes da televisão. Até agora tropeçava-se em muitos inconvenientes. As imagens appareciam em fórma um tanto imprecisa, ás vezes quasi imperceptivel. A projecção logra-se agora mediante a irradiação de ondas luminosas de intensidade variavel, mas que fazem cansar demasiado a vista.

Outra das difficuldades — e talvez a maior — com que se tropeça, é o custo elevado que exige a applicação e diffusão desse novo meio de communicação, que para o publico resultará instructivo, informativo ou simplesmente ameno. A principio, o custo seria tão alto que os apparelhos teriam que vender-se a preços praticamente prohibitivos para poder offerecer-se ao publico programmas de televisão compensadores. Calcula-se que para crear nos Estados Unidos a industria da televisão, seriam necessarios, pelo menos, 210.000.000 dollars. E esse seria apenas o gasto inicial, onde participariam, por exemplo, 700.000 pessoas com 30 dollars cada uma de salario, pois teria de ser levado em conta, ainda, o custo da construção das estações transmissoras e sua manutenção.

Segundo os calculos dos directores da Radio Corporation, é preciso installar oito poderosas estações em distinctos lugares do territorio norte-americano, estrategicamente escolhidos, cujo custo ascende a 40.000.000 dollars. Mas restaria ainda muito mais a juntar. Fariam falta, de prompto, outros 40 milhões para possuir a rede que ha de estabelecer a necessaria communicação entre as distinctas estações transmissoras. Finalmente, a attenção e funccionamento das mesmas representaria um gasto adicional de 50.000.000 dollars. Como é facil observar, as cifras apontadas só se referem ao indispensavel para crear o serviço de televisão e já se chega a sommas realmente assustadoras!

O ALTO CUSTO DOS PROGRAMMAS...

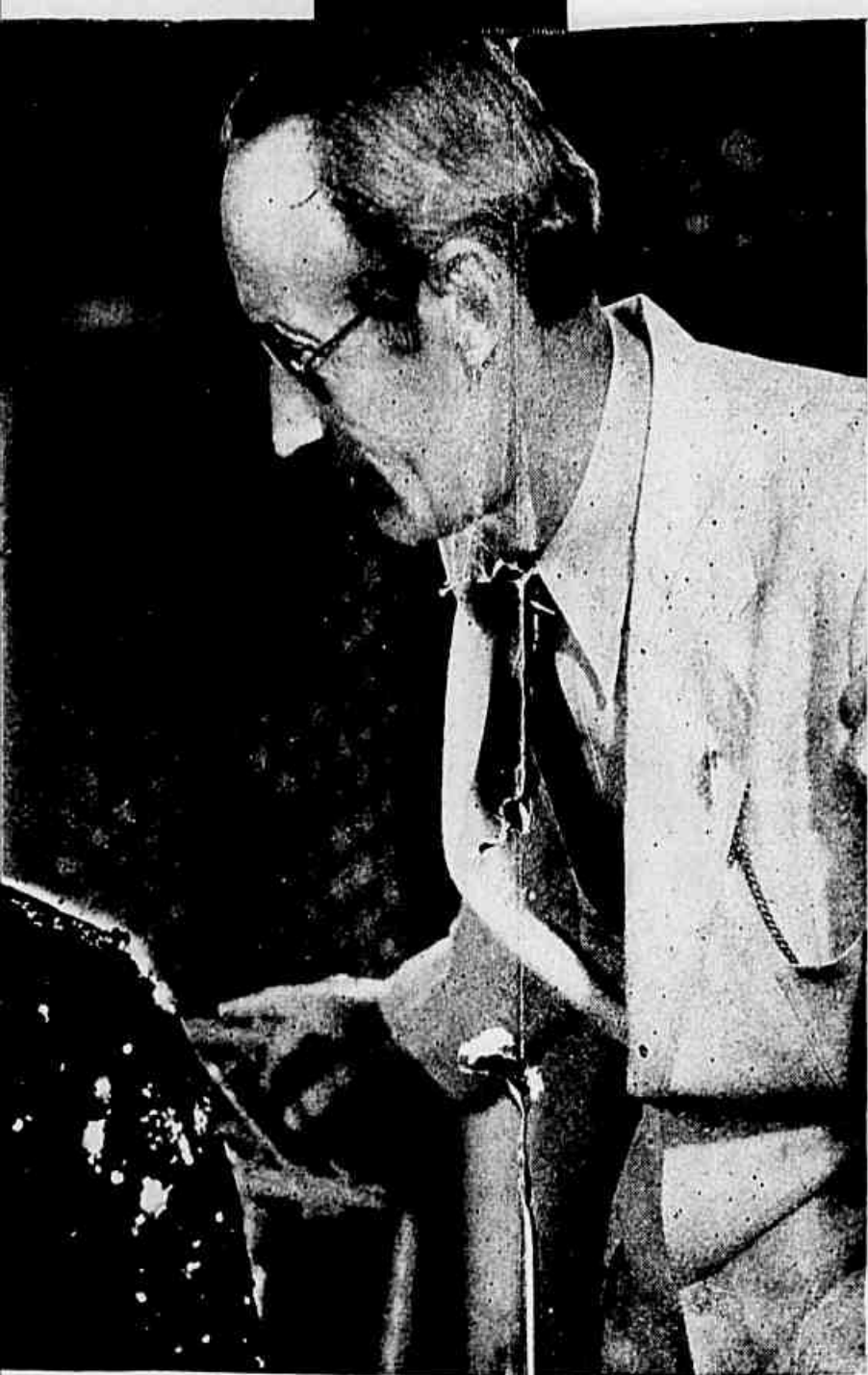
Outro dos mais serios problemas para levar ao publico esse invento seria o enorme custo dos programmas, sufficientemente attrhaentes, para dar verdadeiro interesse aos compradores de apparelhos. Qualquer estação transmissora de programmas radiophonicos funcciona annualmente durante 5.000 horas, mais ou menos. A transmissão de todos os films importantes, feitos annualmente nos Estados Unidos — uns 400, approximadamente — occuparia só um tempo total de 400 a 450 horas. Si a televisão estivesse o sufficientemente diffundida, é natural que a perda experimentada pelas empresas cinematographicas seria enorme. Por conseguinte, é preciso encontrar na televisão um meio de compensação.

Ha, portanto, razões substanciosas para acreditar que a televisão ainda demore. Só depois de solucionados estes e outros problemas de ordem interna, ella poderá ser dada a conhecer ao publico, embora esteja fóra de duvida que a descoberta, em si, está feita e medianamente aperfeiçoada para ser posta em pratica.

O "Programma Argus" distribuirá farwests sonoros

Estamos informados que os Srs. França Carvalho & Cia. Ltda., distribuidores do conhecido "Programma Argus" e que ha oito annos vêm mantendo uma linha de films, sendo que nestes dois ultimos annos se especializaram exclusivamente em farwests, resolveram importar farwests sonoros, tendo adquirido vinte pellicula seleccionadas entre as melhores produzidas nos Estados Unidos, producção 1933-1934, entre Lane Chandler, Rex Bell, Bill Cody, Bob Steele, Bob Custer e Tom Tyler. Já para este mez o "Argus" annuncia os dois primeiros, "O Delegado Furacão" e "A Quadrilha do Lobo", sendo que mensalmente a sua linha continuará a ser de quatro films, já agora, ao envez de silenciosos, sómente sonoros. No emtanto, o mesmo programma manterá até o fim deste anno sua linha de producções seriadas silenciosas, e na estação vindoura já estará com a sua linha de "seriados sonoros" em plena locação.

Com o infallivel
LUCIO VILLEGAS...

RAMON e o nadador argentino JOSE'
CARABALLO, foram visital-a
no "set".

Parec
que é
a
mesm
histor
de
"Mull
pinta
em q

ROU
LIE

fez u
nativ

BERTHA

SINGERMAN

no seu
primeiro film
"Painted Lady"
(Nada
mas que una mujer)
da Fox.

JUAN TORENA
é o galã.

No centro, numa
scena com
ALFREDO DEL
DESTRO.

E uma visita de
ROULIEN.

DE SÃO PAULO

S. Paulo recebeu, nos primeiros dias de Outubro, a visita de diversos cinematographistas cariocas. Entre elles: Francisco Serrador, Ugo Sorrentino, Tibor Rombauer e Enrique Baez.

●

Movimentam-se as emprezas exhibidoras para a syndicalização da classe. Teremos, assim, o Syndicato dos Exhibidores de S. Paulo, estando nomeada uma commissão para elaborar os estatutos da qual fazem parte: Ary Lima, Dr. Mathias Fortes, Renato Isolla, Vicente Barone e J. Joaquim Figueiredo (acclamado presidente).

●

Aldindo Gonçalves, actualmente na Columbia, viu passar as suas "bodas de prata" de actividade cinematographica. Ingressou no commercio de films em 1905, junto á Empresa Paschoal Segreto. Esteve na Paramount quasi quinze annos. Passou pela Metro e o P. Urania, sendo agora o programmador da Columbia.

●

A Distribuidora de Films Brasileiros, com seu escriptorio installado á rua do Triumpho, 36-A, está em franca actividade, fornecendo aos cinemas paulistanos os complementos nacionaes a que se refere o decreto federal em execução já em todo o territorio do Brasil.

(DO NOSSO CORRESPONDENTE)

A QUE ATTRIBUE O SUCCESSO DE "SYMPHONIA INACABADA"

(Continuação da 1ª pag.)

— *"Além de outros motivos de ordem artistica, ao magnifico apparelho de som do Alhambra".*

——

Um gerente de cinema, o snr. Isaac Frankel, do Broadway:

— *"Tudo no film é bom. Mas o final, com a Ave-Maria, concorreu bastante. O mundo está mais peccador do que nunca e o film deixa uma derradeira impressão altamente mystica e confortadora".*

——

Um critico cinematographico, Alfredo Sade, de "A Batalha":

— *"Film bom. Tem havido melhores, portanto só posso attribuir á mandinga".*

——

Outro critico, L. S. Marinho, de "O Radical", e Cine-Magazine":

— *"A' musica".*

——

Ainda outro critico, Mario Nunes, do "Jornal do Brasil" e "O Malho":

— *"A uma concordancia absoluta e em qualquer sentido com o que o publico deseja para sua satisfação artistica, espiritual e sentimental".*

——

Um chefe de publicidade, Leo Reisler, da Universal:

— *"A' simpathia do publico pela musica de Schubert".*

——

Ainda um importador de films, o snr. F. L. Harley, director geral da Fox no Brasil:

— *"Foi um bilhete de loteria premiado".*

Uma jornalista e publicista, Zenaide Andréa, chefe de publicidade da Columbia e redactora cinematographica da "Gazeta de Noticias":

— *"O mundo procura mergulhar de novo no romantismo. E "Symphonia" é summamente romantica... Tem, ainda, o elemento base desse successo concentrado em Martha Eggerth, que si continuar como estreou, virá revolucionar o cinema de maneira imprevisivel!"*

——

Um publicista e jornalista, Paulo Lavrador, de "A Nação":

— *"A' Ave-Maria final".*

——

Outro publicista e jornalista, Mario R. de Castro chefe de publicidade da Warner-First e redactor da "Scena Muda":

— *"Successo? Não sei. Talvez que o Serrador esteja á espera de que eu, um dia, tenha tempo para ir vêr o film..."*

——

Ainda um critico cinematographico, Augusto Mauricio do "Jornal do Brasil":

— *"A' musica de Schubert".*

——

Oswaldo Figueira, o publicista que teve a seu cargo o lançamento de "A Symphonia Inacabada":

— *"Não sei".*

——

E, finalmente, Francisco Serrador, presidente de Cia. Brasil Cinematographica que administra o Alhambra, onde o referido film bateu todos os "records" de permanencia em cartaz:

— *"Si não fosse "A Symphonia Inacabada" mantida em exhibição constante todo este tempo, apesar da excellencia do film e do apparelhamento do Alhambra, cuja perfeição tambem agora foi foi unanimemente reconhecida, o successo registrado não se poderia conhecer..."*

Curiosidade

Antigamente, todos os films eram estreados no Rio. Depois, com o advento da secção cinematographica Catarazzo, inumeras estréas passaram a ser feitas em São Paulo. E os films italianos, dessa agencia, eram estreados no Sul...

Hoje são communs as estréas em São Paulo até das agencias cariocas, tendo os paulistas o privilegio de assistir varios films da Fox e Metro-Goldwyn primeiro que a cinelandia.

O programma Art já estreou no Rio Grande as versões allemães de "Alteza, ás ordens!", "Homens sem patria", "Eu e a Imperatriz", "A Guerra das Valsas" e "Estrellas de Valencia", que o Rio assistiu nas versões francezas.

"Luzes da Cidade", de Carlito, teve a sua estréa no Brasil, em Pelotas e ha pouco, a Cine-Allianz, estreou "Dois Corações ao campasso de Valsa" em Porto Alegre.

A capital gaúcha tambem já assistiu "Casanova", "Ao som de uma valsa de Strauss" e outras producções do programma Urania. E o celebre film de Gloria Swanson, dirigido por Von Stroheim — "Minha Rainha", é conhecido de muitas cidades brasileiras, mas nunca passará no Rio...

DE BUENOS-AYRES

DIVULGA-SE QUE O CONVENIO CONTRA A CONSTRUCÇÃO DE NOVOS CINEMAS FERE EM CHEIO AS LEIS ARGENTINAS

Buenos Aires, Outubro — Em nossa correspondencia anterior noticiámos o convenio celebrado pela S. A. de la I. del Espectaculo, no sentido de impedir que durante cinco annos seja installado qualquer novo cinema nesta capital, facto que talvez venha a estender-se á cidade de Rosario. Agora, no emtanto, divulga-se que esse compromisso teria sido feito com certa precipitação, sem uma perfurante analyse do problema. por isso que as leis argentinas dispõem que será declarado delicto, "todo convenio, pacto, compromisso, amalgama ou fusão de capitaes tendentes a estabelecer ou sustentar o monopolio e lucrar com elle, em um ou mais ramos de producção, do trafico terrestre, fluvial ou maritimo, ou do commercio interior ou exterior, em uma localidade ou em varias, ou em todo o territorio nacional". Essas leis consideram actos de monopolio ou tendentes a elle puniveis por lei, os que "difficultem ou se proponham difficultar a outras pessoas a livre concorrencia", etc.

No emtanto, a administração do Theatro Opera desmentiu o "consta" de que se transformaria, de Theatro, em Cinematographo.

●

A Commisión de Coatroler Cinematographica prohibiu as exhibições do film argentino "Peccados de Amor", da Monogram, o que tem provocado commentarios de reprovação por parte da classe e da imprensa locaes.

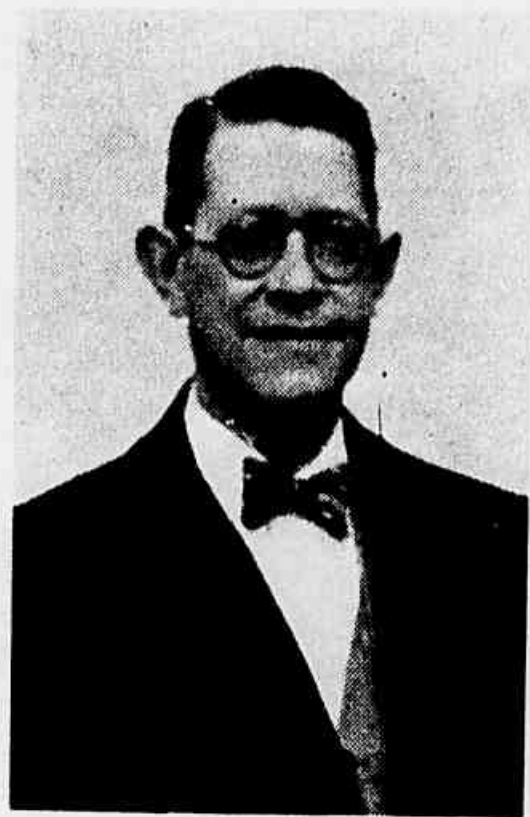
●

"La Nación" fez inaugurar no dia 30 de Setembro a sua possante estação de radio, em cujo programma figura uma "hora" cinematographica, diariamente, confiada ao chronista especialisado no assumpto, do importante orgão, Manoel Peña Rodriguez.

●

A empresa productora nacional "Lumitoa" fechou contracto para distribuir em territorio argentino films italianos da "Stampa Film".

(DO NOSSO CORRESPONDENTE)

"A Cia. Numero Um" não promette. Realiza e apresenta! -- declara William Fait, director da Warner-First.

William Fait

Essa foi a resposta, prompta, que nos deu William Fait, director geral para o Brasil, da Warner Bros. First National, á nossa pergunta:
— Que promette aos "fans" a Cia. Numero Um?

E a deu com naturalidade, sem emphase theatral, adiantando logo:

— Por isso mesmo, não adianta nada dizer-lhe dos films que "pretendemos" realizar, com os argumentos que "esperamos poder conseguir". A nós interessa e, certamente, ao exhibidor e ao publico em geral, saber o que já se tem feito ou se está terminando. Essa tem sido a nossa politica, e essa foi a norma de commercio que nos collocou no caminho da confiança e do exito, sob qualquer ponto de vista.

Fez uma ligeira pausa para proseguir:

— A companhia que represento no Brasil, comprehendeu que sómente com rapidez e ousadia de acção poderia quebrar o desanimo que começava a invadir a industria em todos os seus multiplos aspectos. Assim surgiram, com espanto e quasi escandalo de muitos, numa época de crise verdadeira e confessada, os films carissimos pelo argumento, a montagem e o numero de seus artistas. Todo o Brasil conheceu a série de sumptuosos films musicados que apresentamos. Os exhibidores continuam a reprisal-os, pagando bem, para poder receber, elles sabem, o premio certissimo de um esforço intelligente. O anno de 1933-34 além de uma grande victoria, foi uma grande lição. Assim, 1934-35 assistirá o augmento de cuidado, um esforço egualmente constante e ainda melhor orientado, corrigidos pequeninos senões. Ainda este anno, dentro da chave 1934-35, o Brasil conhecerá "Monica" de Kay Francis. Warren William, Jean Muir, Werree Teasdale incontestavelmente um dos episodios mais humanos que já se tem visto no écran; "O homem de duas caras", com Edw. G. Robinson, em que o grande artista tem dois papeis e não muda apenas de nome muda tambem de voz e de apparencia! Com elle estão Ricardo Cortez. Mae Clarke e Mary Astor; "O nome é tudo" com Warren William. Jean Muir. Kathryn Sergava. Phillips Reed, que revela o mais incrivel dos impostores capaz de enganar todas as mulheres!; "Here Comes the Navy" o mais emocionante film do genero, com a participação de toda a esquadra americana e do corpo de aviação da base naval de Springville film que se mantem em cartaz ha já nove semanas no Strang de N. York tendo James Cagney e Pat O'Brien nos primeiros papeis: "I've Got Your Number" com Pat O'Brien. Joan Blondell e Glenda Farrel: "Lady Killer" já exhibido em S. Paulo com James Cagney Margaret Lindsay. Mae Clarke: "O Alibi da Meia-Noite", com Richard Bartelmss Ann Dvorak: "Jimmy The Gent" com James Cagney Bette Davis e Alice White; "Commigo é assim", com Pat O' Brien. Glenda Farrell e Claire Dodd: "Havana Widows", com Joan Blondell, Glenda Farrel Guy Kibbee, Frank Mc Hugh e Lyle Talbot. Mais dez film, portanto, numa media de quatro lançamentos em cada um dos tres mezes que restam de 1934.

— E para a temporada vindoura? — atalhamos no primeiro intervallo.

O Sr. Fiat compulsou a sua papelada. E recomeçou, mais animado ainda:

— Diga pelo CINEARTE, que para 1935, citando apenas o que já está terminado ou com a filmagem iniciada, teremos "apenas" isto: "A Lost Lady", com Barbara Stanwyck, Ricardo Cortez, Frank Morgan, Lyle Talbot e Phillips Reed, film apparatoso; "Very Honorable Guy", com Joe E. Brown, Alice White, Robert Barratt; novamente a dupla James-Cagney-Joan Blondell em "He Was Her Man"; "The Big Shakedown", com Ricardo Cortez, Charles Farrell, Glenda Farrell, Bette Davis e um grande "cast"; "Firebird", da famosa peça de Jajos Zilahy; "Men Agairnst Death", inspirada na propria vida de Pasteur; "Roadhouse the magnificent Ambersons", da memoravel novella de Booth Tarkington; "Halfway to Heaven", super comedia; "Babbitt", da famosa novella de Sinclair Lewis; "The Little Big Shot-Hearth" e "Whorm Tractor", outra comedia do Bocca Larga; "I'll sell Anything", "The Story of a Country Boy", "A Present From Margate", "Traveling Saleslady", "Kansas-City Princess", com Joan Blondell e Glenda Farrell; "King of the Ritz", "Window Panes", "Glorious", com Jean Muir; "The Perfect Week-End", com James Cagney; "A Lady Surrenders Big Hearted Herbert", com Alina Mc Mahon e Guy Kibbee; "Applesance", "The Case of The Curious Bride", "Concealment", "Just out college", "Lost Beauty", uma historia alegre do amor ultra-moderno; "School Days" e mais os seguintes "supers": "Anthony Adverse", com Leslie Howard e Kay Francis; "Cavadoras de Ouro de 1935", que será mais deslumbrante que a de 1933; "A Esquadrilha Lafayette", classificado "big especial" e do mesmo autor de "Patrulha da Madrugada", o grande John Monk Saunders; "Sweet Adeline", féerie com historia romantica e a dupla Ruby-Dick Powell; "Capitão Blond", do grande Rafael Sabatini, com montagem carissima. "Casino de Paris", maior que Wonder Bar e com Al Jolson; "Blak Hell", "Border Town", "I'm Back in the chain gang", tres films de Paul Muni; "Sweet Music", outro musicado féerie com Ruby-Dick Powell; "Air Devils", outro grande film aviatorio, com James Cagney e Pat O'Brien; "The Case of The Howling Dog", com Warren William e Mary Astor; "Dames", o film mais faustoso e embriagador que Hollywood ainda fez, com Ruby-Dick-Powell, Joan Blondel e mais vinte astros, além de 300 bellezas de Busby Berkeley; "The Cinch", com James Cagney; "Farewell To Shangai", com Dolores Del Rio e Franchot Tone; "Oil for the lamps of China-Ride", "Em, Jockey", o film mais sensacional sobre o assumpto das carreiras do Derby; "The Six Day Bike Race", super do Bocca Larga; "War Lord", sobre as guerras da China; "Black Ivory", "The Skipper of Ispahan", "Go Into Your Danse", pelo autor de "Rua 42"; "Madame Du Barry", com Dolores Del Rio, e outros, entre elles, "Caliente", com a mesma Dolores, e ainda Franchot Tone...

Muito amavel, William Fait havia confiado ao "Supplemento de Cinearte", em primeira mão, a relação mais ou menos completa das pelliculas que a Warner-First está produzindo e apresentará no decorrer da temporada anterior. Convenhamos que o "material" da "Companhia Numero Um", é respeitavel! E ainda quando nos despedimos, o director-geral para o Brasil da Warner-First, repetia a phrase com que iniciára a nossa prolongada palestra:
— Não esqueça de frisar: A "Cia. Numero Um" não promette. Realiza e apresenta...

Reminiscencias: Durante uma convenção dos directores das Agencias da First National no estrangeiro, vendo-se William Fait e Coleen Moore.

Arthur Loew, vice-presidente da Metro-Goldwyn-Mayer, faz nova visita ao Brasil

E affirma que "o fan, hoje, pede musica". — Seu parecer sobre o movimento moralizador das Egrejas Protestante e Catholica

Arthur Loew

Pela segunda vez o Brasil recebeu a visita de Arthur Loew, vice-presidente da Metro-Goldwyn-Mayer. A primeira deu-se pelo carnaval de 1932, em Companhia de Hal Roach, realizando ambos, em companhia de William Melniker, um excellente raid aereo no apparelho do productor das comedias que lhe devem o titulo, consumindo pouco mais de quatro horas de Porto Alegre ao Rio, o que então veio marcar um "record" de velocidade. Arthur Loew não poude permanecer no Rio mais de vinte e quatro horas, deixando assim de assistir os festejos populares que se realizavam no momento. Prometteu voltar, o que fez agora, em companhia de sua esposa, com quem contrahiu nupcias já depois daquella visita que nos fez. Mas veiu pelo "Southern Prince", cautelosamente, talvez devido a ter o piloto que em 1932 o trouxe ao Brasil, soffrido um desastre fatal, na Europa, pouco tempo depois... Desembarcou, no Caes Mauá, sexta-feita, 5 do corrente.

— Viagem de recreio? — foi-lhe perguntado. Ferias?

Arthur Loew respondeu pela affirmativa. Mas com restricções:

— Passeio e negocios. Uma e outra cousa. Emquanto se descança, fazem-se observações, vem conhecer-se os mercados sul-americanos mais de perto, e dahi, de uma viagem mais tranquilla como esta que estou fazendo, pensando demorar-me por aqui uma quinzena, póde ser que surjam consequencias imprevistas, mas sempre de interesse para o cinema...

— Visitará alguns Estados?

— E' bem possivel — respondeu Arthur Loew. Irei a São Paulo, na certa, depois talvez ao sul si tiver tempo.

Não estava ainda resolvido si o nosso hospede iria á Argentina, ou seguiria, daqui, para a Europa, onde o chamam interesses principalmente na Italia. Precisará estar de volta aos Estados Unidos a tempo de apanhar a temporada e cuidar da distribuição dos elencos para a producção seguinte e dos interesses da Metro-Goldwyn-Mayer no estrangeiro, depois das observações colhidas durante a viagem que agora emprehende.

A' imprensa local, Arthur Loew fez interessantes declarações sobre dois assumptos de palpitante opportunidade: a campanha das Egrejas Protestante e Catholica em favor da moralização dos films, e a preferencia do publico universal por um determinado genero de espectaculos:

— Nesse negocio de censura — disse Arthur Loew — o melhor julgador é o proprio publico, e como este já está se externando, lá na America, a situação não é a mesma que com toda a razão deu causa a alarmes. O proprio governo sentiu a razão de ser dos protestos ouvidos de toda a parte e levou em consideração tambem a exposição feita por William Hays, presidente da Associação dos Productores. Os proprios dignatarios da campanha comprehenderam que não era preciso ir a um extremo. Já se chegou a um accordo pelo qual haverá um meio termo na maneira de julgar, não se permittindo films que possam ser julgados immoraes, nem mesmo aquelles que explorem escandalos de adulterio, e que esmiucem crimes, — mas nem por isso se poderá deixar de dar um tom da vida real aos trabalhos nem delles tirar a malicia que faz parte da vida quotidiana. Ha mais cordura na maneira de julgar...

Quanto ás preferencias do publico, assim se externou:

— A tendencia está bem definida para os fins em que haja musica. E' preciso um pouco mais de acção e menos dialogo. Talvez que seja em virtude do cansaço, mas certo é que o publico pede musica, isto é, comedias musicadas e operetas. A Metro está seguindo a moderna orientação. O exemplo ahi está com "A Viuva Alegre", que apenas foi censurada em uma pequena scena, aliás sem malicia remarcada. E já aproveitamos Jeannette Mac Donald para outro film do genero, "Naughty Marietta". Tambem Ramon Novarro será aproveitado nesse genero. Assim, publico e exhibidores podem ficar satisfeitos. Não ha motivo para alarme...

Em Santos vae ser construido o "Cine-Para Todos", de propriedade da empresa Cine-Roxy. Será na Avenida Anna Costa, 43, uma das avenidas elegantes daquella cidade. O novo cinema terá apparelhos Western e obedecerá a todos os requisitos de um moderno cinema.

Em São Paulo, o "Cine-America", reabriu sob a direcção da Empresa Cine-Brasil Ltda., inaugurando as suas novas installações com o film "Adoração", da Universal.

Seguiu para a Allemanha, o Sr. Maximiliano Stahlschmitt, chefe de publicidade do Programma Art em Porto Alegre.

Em Taquara (Rio Grande do Sul) foi inaugurado o cinema falado central, do Sr. Adolfo Faedrick. O film inaugural foi "Agarrando-os vivos".

Tambem no Rio Grande do Sul, em Taquara, o Cine-Theatro São João, passou a ser explorado pela firma Bizarro e Vienandta.

E ainda no Rio Grande, Livramento, a popular cidade da fronteira vae ser dotada com um modernissimo cinema. Trata-se do antigo "Colyseu—Brasil—Uruguay", que acaba de ser adquirido por uma nova empresa recentemente organizada da qual faz parte o Sr. Thales Garcia. O Colyseu vae ser completamente reformado devendo tornar-se um dos melhores cinemas modernos.

Fez annos a 27 de Setembro p. passado o Sr. Italo Cicala, do "Programma Art", em São Paulo.

KATE VON NAGY E VICTOR DE KOWA

SCENAS DE "DER JUNGE BARON NEUHAUS"

FUTURA ESTRÉA DA UFA

As Rebel

GANHAR fama de bolchevista em Hollywood é negocio bastante perigoso. Quando não nos apparecem para chorar sobre o nosso hombro lagrimas compridas de crocodilo, mettem-nos na mais escura casinhola de cachorro e fecham-nos a porta na cara. Doutras vezes, processam-nos ou falam mal de nós pelas costas, o que é o mesmo que dizer que nos calumniam miseravelmente.

Sylvia Sidney é uma "estrella" que, pela sua ousada independencia, desafia os poderes, se arroja ao perigo, o affronta, e não treme na luta, antes se apruma valorosamente e não recua um passo do seu irreductivel não-conformismo. Sylvia revolta-se, quando é preciso, e não mede consequencias. Não se curva aos codigos de Hollywood e jámais se curvará. E' uma "estrella" sobre a qual pouco se sabe, o que é raro em cinema. Pouquissimas vivem como ella uma vida tão retirada, em que só segue a sua vontade e os dictames da consciencia.

Segundo as leis rigorosas dos studios, Sylvia já devia ter sido banida dos films. Onde é que se viu uma actriz abandonar um film em meio e voltar depois, para continuar a sua carreira, como se nada fosse? Pois foi o que fez Sylvia ha um anno!

Para dizer verdade, a artista tinha razões para isso. Estava doente, abatida. Os studios, porém, não admittem essas bruscas partidas.

Quando se está a trabalhar numa producção na qual se despenderam milhares de "dollars", ha que morrer no posto de honra... Sahir, nunca! Os astros fazem reboliços com muita frequencia, mas ás horas proprias...

Pois Sylvia Sidney fez isso, incorreu na colera dos Deuses, desde o momento em que percebeu que se não se rebellasse poderia comprometter todo o seu futuro.

Certa vez, alguem chamou a Sylvia, por troça, "a pária de Hollywood". A actriz deu uma forte gargalhada. Ella, na realidade, não liga a minima importancia a Hollywood. Sempre que apanha uma folga, vae a New York. Detesta a vida machinal da capital do cinema e as coisas que fazem porque se têm que fazer.

Nesse ponto, foi precursora de Katharine Hepburn e Margaret Sullavan, que são mais espalhafatosas na manifestação das suas aversões, mas menos rebeldes e intransigentes. O anti-hollywoodismo parece fazer parte da bagagem das novas gerações de artistas e Sylvia Sidney foi uma das primeiras a exprimil-o.

Fóra da téla, a artista possue uma especie de curiosidade perversa, que a impelle a espetar um alfinete numa pessoa, só para ver se essa pessoa guincha ou berra... Numa festa, quando encontra um rapaz, que está todo cheio de si por haver trazido uma pequena bonita, de tal forma se conduz com elle, que o desgraçado, na volta para casa, não tem a honra de ouvir uma só palavra da tal de "outro mundo", que levou ao baile!

No studio, um photographo presenteia Sylvia com alguns retratos

Sylvia e Fredric March, durante a filmagem de "Good Dame", da Paramount.

magnificos, pensando em agradar-lhe, mas a actriz apenas lhe diz que não gosta de nenhum delles, só para "gozar" o encabulamento do homem.

Ella não se importa com a sociedade, odeia as multidões, que a assustam, e só faz o que lhe apraz.

Não é pintar um quadro mais diabolico do que ella apresenta de si propria e do qual gosta de falar em conversa. Sylvia tem qualquer coisa do Mau Menino, de Till Eulenspiegel, e doutras creanças travessas da historia e da lenda. Digamos, entretanto, que, por traz de tudo isso, ha outra Sylvia Sidney.

A aversão exterior pelas convenções é o reflexo da turbulencia interior. Desde a infancia, Sylvia tem estado sempre mais ou menos em luta contra uma coisa ou outra.

— Bebé ainda tive que lutar para não engordar como um elephante! Quantas vezes não me hei batido contra o augmento de peso! Se deixar um só dia de seguir rigorosamente a minha diéta, no dia seguinte amanheço com mais doze libras! Um especialista salvou-me de morrer de fome. Posso comer e não engordar, mas sei que a gordura para mim é uma eterna ameaça. Não me devo descuidar.

liões de Sylvia

"Pouca gente sabe em que estado me encontrava, quando abandonei o film "Lição de amor". O studio, depois, comprehendeu tudo. As pedras nas glandulas salivares causavam-me dores terriveis. Não podia comer. Demais, havia ainda a preoccupação moral de ver a minha carreira enterrada para sempre. Geralmente, o mal que me atacou exige uma operação, que deixa uma feia cicatriz no pescoço. Adeus, cinema! Fiz a operação e, para evitar a cicatriz, o cirurgião operou a glandula pelo interior da bocca. Que pesadelo! Passei tormentos com o sôro, que me applicaram na glandula. Nunca mais me esquecerei daquelle horror e que não me aconteça outra.

"Sou tambem obrigada a lutar contra a timidez, e creia que lutarei sempre. E' feitio meu ter medo das pessoas, e, por isso, ás vezes, faço coisas que não devia fazer.

Ha ainda, outra luta, mas sobre essa Sylvia não fala. Diz respeito ao seu falado romance com B. P. Schulberg. Hollywood torceu o nariz a esse amor, principalmente por ser o productor casado com uma senhora, que desfructa de grande prestigio na colonia. Hollywood quiz censurar Sylvia, mas, com o tempo, essa attitude abrandou-se.

Persiste a impressão, porém, de que Sylvia e Schulberg virão a casar um dia. Elle produz quasi todos os films della. Sylvia apenas diz, quando lhe tocam no assumpto:

— Não sei nada disso.

E' perigoso ser-se não-conformista em Hollywood, mas, evitando-se a gabolice, ha as suas compensações. Sylvia nunca fez alarde da sua ogeriza ás convenções do mundo do cinema. Sempre viveu arredia, sempre fez uso de reticencias, dando a impressão de querer fugir ao bulicio para melhor se dedicar á sua arte, á sua carreira. De resto, a não ser uma unica vez e por motivo justo, tem cumprido sempre as suas obrigações de artista.

(Termina no fim do numero)

Recordações do tempo em que trabalhava no Theatro Guild de New York.

Sylvia Sidney, é a mais independente das "estrellas" de Hollywood. Revolta-se quando quer, e a sua carreira continua firme... Segundo as leis dos studios, já devia ter sido banida delles. Demais Sylvia não liga a minima importancia a Hollywood. Dizem que até detesta a vida do cinema. Será verdade, mesmo?

VOCÊ

— Personalidade bizarra, talento inedito, sucesso sensacional — diz **KENNETH MC GOWAN,** da Radio — e eis calculado o meteorico exito de **KAT. HEPBURN**

SIM, se você tiver o que estes 7 importantes productores pedem.

O que faz a "estrella" de cinema? O que deve fazer para conquistar a fama cinematographica? Como obter uma opportunidade? Estas perguntas são diaraimente feitas por dezenas de rapazes e pequenas, homens e mulheres que sonham com as glorias do cinema, formando um retumbante côro que dá a volta ao mundo.

Infelizmente não ha regras, não ha uma formula definitiva para vencer este "goal". Uma cousa, porém, é bem clara: mesmo para obter uma "chance" afim de demonstrar as habilidades, você deve conseguir o O.K. de um pequeno grupo de chefões dos studios. E' do julgamento delles que depende o futuro de qualquer aspirante.

Este grupo de productores está sempre ansioso para descobrir novas personalidades cinematographicas, novos talentos que interessem ás platéas. E nesta procura são gastas, annualmente, altas sommas. Muitos são os descobertos mas poucos cos são os escolhidos para transpor as portas dos studios, penetrando no Rei Encantado.

Emquanto cada "executive" possa ter um differente methodo para seleccionar talentos, todos elles concordam num ponto: que a "personalidade cinematographica" é a chave do successo nos films.

Mas o que é "personalidade cinematographica"? E' difficil definir tal predicado, em palavras. E' uma subtil, enganadora e vibrante qualidade que certas pessoas possuem e faz com que as mesmas se sobresaiam da turba. Algo magnetico que attrahe a attenção, excita a imaginação, creia o interesse! Um subtilissimo poder magnetico que deixa sua lembrança imperecivel em todas as memorias.

A camera é o grande-Mogul nos processos para descobrir novo material cinematographico. E' uma amiga caprichosa, perigosa... Ella póde tomar uma poderosa personalidade e reproduzil-a sem o menor attractivo, aniquilando-lhe todo o valor. E tambem suas milagrosas lentes podem focalizar uma creatura, apparentamente desinteressante, e reproduzil-a com um brilho invulgar, desconhecido. Algo que ninguem sonhava a candidata possuir, até que a camera o revelou!

Emanuel Cohen, vice-presidente da producção da Paramount, é quem colloca o decisivo O.K. nos "players" que entram no studio. Elle declarou:

"O methodo de procura por novos talentos é complicado. Torna-se cada vez mais difficil para o simples "fan" e as pessoas inexperientes, o triumpho no cinema. Belleza é, sómente, um dos muitos pontos requeridos. Experiencia é o principal. Uso da voz nos dialogos, expressão de variadas emoções, tudo isto requer muita experiencia.

Nosso departamento de "descobertas" cobre todo o terreno de actividades artisticas. Organizamos concursos, inspeccionamos os theatros, as companhias do interior, concertos, "clubs" nocturnos, "cabarets", sempre na esperança de topar com alguma optima possibilidade, com uma nova descoberta.

Algumas vezes achamos talento aqui mesmo em casa, pelo modo de dizer. Mas, raramente, nas fileiras de extras. Eu sinto-me no dever de avisar aquelles que sonham com o Cinema, a ingressarem num theatro de amadores, numa companhia do interior, pois ahi, se não ha brilho, pelo menos poderão adquirir preciosissima experiencia; representando todas as especies de papeis.

Se tem qualidades proprias, descance porque o cinema o achará. Nossos agentes, nosso studio hão de descobril-o!"

Os leitores devem lembrar-se que foi Adolph Zukor, presidente da Paramount quem descobriu grande parte das mais brilhantes "estrellas" do cinema. Elle deu fama a Mary Pickford, deu a primeira opportunidade a Douglas Fairbanks e trouxe para a téla, Geraldine Farrar e Sarah Bernhardt.

No studio da Metro onde este intelligente Louis Mayer e seus ajudantes lançam os modelos para os Films e as temporadas, encontrei-me com Harry Rapf, um "executive" pioneiro neste studio.

"Onde achamos as "estrellas" de cinema?" responde elle a minha pergunta. "Mas em todos os pontos cardeaes, meu caro. Nunca se póde adivinhar onde está o brilho do genio. O que ninguem póde é **fazer** "estrellas!" Ellas nascem feitas. A qualidade artistica é um dom de nascença. Por exemplo, nosso ultimo achado, Jean Parker. Uma pequena que tem talento proprio a um tal gráu, que nada póde impedil-a de vir a ser um dos mais notaveis luminares da téla. Russell Hardie é outro principiante nas mesmas condições.

"Personalidade cinematographica" é algo que você possue ou não possue — não ha meio termo. Mas com regular treino, desenvolvimento e estudo póde-se muito ajudar e aperfeiçoar o artista. E' o que o nosso studio faz. Logo que descobrimos em algum debutante a semente do genio, da arte, proporcionamos-lhe todo o cuidado para desenvolver este talento então occulto e fazel-o desabrochar.

Eu descobri Joan Crawford. No dia em que a vi pela primeira vez, não sei o que percebi naquelles seus enormes olhos. Mas a verdade é que fiquei certo de que, no brilho de seus olhos, descobri uma chamma intensa, um signal de talento, que muito me impressionou. Joan tem sido cuidadosamente tratada, seu talento analysado como uma planta rara e delicada e assim ajudada por este guia, esta direcção, Miss Crawford justifica, hoje, a fé que tive no seu valor!

Lupe Velez é outra de minhas descobertas. Vi pela primeira vez esta irrequieta creatura nas diversões Shriners e 2.500 pessoas applaudiam delirantemente suas dansas. Ella possue uma magnetica personalidade, uma ardente chamma, um brilho de genio que é algo muito proprio, muito nato e que pertence exclusivamente a Lupe.

Ha muito talento para ser descoberto nas academias de theatro. Os theatros de amadores estão desenvolvendo novos artistas emquanto as companhias de interior continuam os melhores "trainings" que qualquer candidato póde ter. Hoje em dia, experiencia junta com personalidade e talento dará a todos a opportunidade decisiva para provar sua habilidade, suas possibilidades cinematographicas."

Jack Warner e Hal Wallis são quem decidem o destino dos candidatos nos studios da Warner e da First. Hal estava disposto a falar e assim ataquei-o em cheio:

— "Estamos sempre á procura de novas promessas" disse-me elle. E damos toda a attenção á cada uma dellas. Por exemplo, temos muita fé neste rapaz Donald Woods, sobre quem ouvimos falar quando estava em Denver, representando com uma companhia do interior. Sollicitamos sua vinda a Hollywood para um "test" e o contractamos immediatamente.

Jean Muir é outro achado do anno. Vimos um "test" de suas possibilidades num papel pequeno, em "A Humanidade Marcha". E todos os criticos em todos os pontos do paiz, citaram-na com relevo. Ha nella optimo material para "estrella".

Edward Robinson estava nos films mas sem successo até que o escolhi para

Harry Cohn diz que "glamour" é um peculiar e quasi ethereo predicado, que a lente da camera apanha no artista. Elle fala de Barbara Stanwyck e de outras "estrellas".

Carl Lammle diz que Margaret Sullavan, foi feita por um só film.

"Little Caesar". Elle convenceu-me logo. Era o typo ideal para aquelle homem pequenino mas com um enorme poder de ameaça. Robinson poz todo o seu coração no papel e veja o resultado.

Se alguem tem este indefinivel nada que chamam "personalidade cinematographica" e vontade de trabalhar — eis ahi uma optima "chance" para a fama nos films. Mas é preciso lembrar que atravez todas as idades, tem sido relativamente pequeno o nomero destas creaturas que possuem o magico predicado, que os faz sobresahir vivamente da turba!"

Pode ser Estrella!

Winfield Sheehan, vice-presidente da producção no studio da Fox, achou interessante a minha pergunta. Eis a resposta:

— "Descobrir artistas para emocionar os "fans" cinematographicos de todas as partes do mundo, eis ahi uma tarefa nada facil. E' preciso que o artista possua uma personalidade que enthusiasme todas as especies de platéas. O sentimento que elles inspiram deve ser definido.

Com o pensamento e os sonhos da juventude de todas as terras attrahidos para Hollywood, muitos pensarão ser facil achar notaveis "estrella" em cada canto da cidade. Mas a moiaria de nossas melhores "stars", foram descobertas em locaes dos mais distantes.

Ha a forma natural da belleza no ente humano, ha o apanhado photographico e ha tambem o film em movimento, que mostra a pessoa em acção. Todas estas impressões são differentes e o productor experiente deve rapidamente vislumbrar no candidato, as qualidades requeridas para o successo na téla."

Mr. Sheehan acredita que as favoritas da téla baseiam-se em 25% de belleza e 75% de talento. Elle crê, tambem, que o publico está farto e já chegou a hora final dos films cheios de brilho, luxo superficial, sexo e peccadores syntheticos. O publico está interessado em personagens humanas, honestas e reaes como as que Janet Gaynor, Warner Baxter, Spencer tracy e Heather Angel incarnam.

— O sentimento que ellas inspiram deve ser definido — diz W. Sheehan, da Fox que sentiu uma "estrella" em Janet Gaynor.

Insistindo que a personalidade é o requisito capital para o successo na téla, Darryl Zanuck, chefe da producção na nova Twentieth Century Pictures, da qual Joseph Schenk é o presidente, explicou:

— Existem creaturas com esta qualidade, mas isto nasce com ellas e com ellas morre. Não póde ser manufacturado, nem adquirido.

Nosso methodo de descobrir novos talentos é pelos "tests" e depois pequenos papaeis nas nossas producções. Ao chegar a epoca do film ser exhibido, o productor já sabe se o artista registra valor e personalidade ou não. O gosto do publico continua a mudar e as platéas não applaudem a mesma cousa por muito tempo. De outra maneira seria uma tarefa facilima, arranjar typos para agradal-as."

Carl Laemmle Jnr. o cabeça na cidade da Universal, diz emphaticamente que as "estrellas" da téla não podem alcançar o successo, se não possuem personalidades tão fortes e magneticas, que perdurem vivas na imaginação das platéas, mesmo depois de ter terminado o film.

— "Margaret Sullavan, a quem consideramos nosso melhor achado em 1933, foi feita por um só film: "Nós e o destino". Ella surgiu sem fanfarras, na téla. (perdão, Mr. Laemmle, mas isto não é exacto...) Apesar de ter trazido comsigo muita experiencia theatral e habilidade de representação, havia nella algo de mais vital: uma distincta, subtil qualidade que prendeu a imaginação.

Samuel Goldwyn, viu um retrato de Anna Sten num jornal e immediatamente viu nella uma grande personalidade.

Hal Wallis, da Warners, diz que viu um "test" de Jean Muir, no seu pequeno papel em "A Humanidade marcha" e encontrou nella um optimo material para "estrella"

Não existem regras para como vencer no cinema. E' preciso individual "glamour", personalidade, talento e experiencia para chamar até mesmo a attenção de um productor. Mas a procura continua, porque não temos "estrellas" bastante, com forte attracção, para supprir os nossos dramas."

Harry Raft, da Metro, diz que você não póde fazer "estrellas". Ellas nascem feitas. Elle fala de Jean Parker e de outras.

Kenneth Mc Gowan, productor associado na RKO., declarou-me: — "Belleza não é o requisito essencial, nos dias que correm, para o successo de um artista. Nas mais das vezes uma perfeita personalidade e talento original são as causas dos mais sensacionaes successos."

Mc Gowan fala com experiencia. Foi do seu studio que surgiu Katharine Hepburn para emocionar o mundo com sua "perfeita personalidade e seu original talento."

O dynamico presidente da Columbia, Harry Cohn, insiste ser "glamour" a qualidade primordial que elle procura nos seus candidatos. Explica elle:

(Termina no fim do numero).

A NOVA VIUVA ALEGRE

HA pratos que só posso comer, quando estou de bom humor, disse Jeanette MacDonald. Este pastel, por exemplo...

Uma expressão de desgosto profundo lhe perturbou o rosto bello e rosado. O creado acabava de pôr sobre a mesa um pastelão, guarnecido de queijo ralado.

— E olhe que não sigo nenhum regime alimenticio para emmagrecer. Faço questão de conservar o peso que tenho, porque, emmagrecendo, fico com o rosto muito comprido em relação á largura...

Eu esperava dois mezes para conseguir uma entrevista com Jeanette. A mais seductora prima dona do cinema andara muito occupada, a fazer as duas versões, ingleza e franceza, da "Viuva Alegre". A hora do "lunch", que é quando os artistas costumam receber os jornalistas, Jeanette deitava-se a dormir no camarim.

Agora, porém, a "Viuva Alegre" já dera entrada no "cutting-room". Jeanette fazia uma ligeira refeição.

Ainda bem que lhe deram o papel da "viuva". Estava com medo de que o entregassem a Joan Crawford.

— E eu tambem. Joan não tem o typo...

— Nem voz.

Jeanette é prudente. Não gosta de pisar terrenos perigosos. Desconversou.

— O guarda-roupa do film (escolhemos 1880 como epoca da acção) é simplesmente estupendo. Mostram-me os hombros e o peito do modo mais lindo possivel. Tenho o pescoço "bom", talvez devido ao exercicio das cordas vocaes...

— Canta todos os dias?

— Quasi. Sou naturalmente preguiçosa, mas faço por trabalhar. Canto diariamente quinze ou vinte minutos, acompanhando-me a mim propria. Quando chega o professor, canto então mais duas ou tres horas. Já descobri que a melhor maneira de fazer progressos em alguma coisa é pagar primeiro a um professor. Do contrario, perco dinheiro, o que não me permitte o sangue escossez que ha em mim.

"Meus paes não eram desses que se oppõe á vocação dos filhos. Eu e minhas irmãs, cada qual estudou o que quiz, e o resultado é que hoje uma é dansarina, outra, pianista, e eu, a mais moça, cantora. Bom seria que minha mãe me tivesse obrigado a applicar-me mais, quando eu, em pequena, estudava piano. Eu, porém, era preguiçosa, ella, indulgente... hoje, sempre que toco, é que comprehendo que a minha "base" musical não é tão completa como deveria ser.

Se por um lado, porém, Jeanette se descuidou das lições de piano, por outro, teve a voz admiravelmente educada. Na edade de seis annos, assombrava Philadelphia e adjacencias, e, por espaço de tres annos, o seu successo foi formidavel. Então a Natureza, talvez irritada, resolveu pregar-lhe uma peça. A voz de Jeanette desappareceu como por encanto. Toda a gente receou que nunca mais lhe voltasse, mas, aos quatorze annos, a voz reappareceu.

Seguindo o exemplo da irmã, Blossom, Jeanette foi para New York, onde entrou com ella numa revista de Ned Wayburn, no Capitol Theater. Papae MacDonald liquidou os negocios de empreiteiro e mudou com a esposa para New York, a fim de montar casa para as suas encantadoras filhas.

— Que sorte a minha ter casa, nos meus primeiros annos de theatro, murmurou Jeanette. Muitas moças com aspirações, quando o trabalho escasseia, vêm-se obrigadas a esmolar, a pedir emprestado ou a roubar. Pena meu pae haver morrido! Veria que, até certo ponto, justifiquei plenamente a confiança que depositava nas minhas possibilidades. Felizmente, elle chegou a assistir ao meu primeiro successo em New York, embora num papel secundario.

Apesar da sua liberalidade e tolerancia, Jeanette dá a impressão de ser um pouco conservadora. As audaciosas revelações de Mary McCormic e a defesa do amor livre feita por Gloria Swanson parecem-lhe um tanto "desnecessarias"...

A despeito, porém, do seu decoro, certos "fans" de coração ardente, enthusiasmados com a belleza appetitosa de Jeanette, têm-lhe escripto cartas "alarmantes", que são promptamente atiradas á cesta. A correspondencia da actriz é enorme.

— Uma pequena escreveu-me a queixar-se de não poder obter uma carta pessoalmente escripta por mim, ao passo que uma sua amiga, de mais sorte, já recebera uma, que exhibia a toda a gente. Junto, vinha a tal carta, e vi logo que se tratava duma falsificação. Respondi á minha admiradora que aquella letra não era a minha e que se a sua amiguinha me escrevesse lhe mandaria uma carta verdadeira, para evitar que ella recorresse a semelhantes expedientes.

"A moça escreveu-me, pedindo desculpas pelo seu procedimento e explicando que fizera aquillo apenas para metter inveja ás conhecidas. Respondi-lhe, aconselhando-a a não reincidir em tão feios "trucs".

Provavelmente, a pequena não se atreveu a mostrar ás amigas a verdadeira carta de Jeanette e foi esse o seu castigo!

Ha quatro annos passados, Jeanette foi segunda figura de Maurice Chevalier em "Alvorada do amor". Hoje, embora cartazeado como "co-star", Maurice é segunda figura de Jeanette.

— Maurice, afinal, não é propriamente cantor, observou a actriz. Na "Viuva Alegre", canta os numeros menos difficeis.

A supposta desharmonia entre Jeanette e o francez começou como boato, que cedo se transformou num excellente, golpe de publicidade, que fez exultar os fabricantes de propaganda da M.G.M.

— Parece até que estou sempre a brigar com toda a gente, queixou-se Jeanette. Como se eu fosse alguma pessoa intratavel! Se, ás vezes, me enfureço, é commigo propria, quando percebo que estou a representar mal, ou quando me esquece a letra das canções, coisa que, não raro, me succede.

"Ao fazer com Ramon Novarro "O gato e o violino" correram rumores de conflicto.

(Termina no fim do numero)

A ultima scena

MAIS figuras do cinema que representam a scena final no *lot* da vida...

George Hill, dirigiu na China o seu film derradeiro. Isto é — não chegou a dirigil-o. Sua ultima direcção ficou inacabada...

Um revolver paralysou o megaphone do homem que dirigiu alguns dos melhores film de "gangsters" do cinema... George Hill suicidou-se depois de ter filmado no Oriente "backgrounds" para um film que se chama "The Good Earth"...

George William Hill começou em 1908 no cinema como operario de studio. Principiou limpando palcos, depois auxiliar de mudança de scenas e deste cargo passou para departamento de "cameras", como reparador das mesmas. Assim chegou a operador, onde se especialisou no assumpto, tudo isso no velho studio da "Fine-Arts", com D. W. Griffith, o grande mestre hoje retirado da actividade, depois de uma carreira gloriosa desconhecida da geração actual que não assistiu o "Grande Amor", "Rua dos sonhos", "Corações do mundo"...

George Hill nasceu em Douglas, Kansas e era filho de Robert Boyd Hill, ferroviario — e — Isabel Mary Hill e foi educado em Los Angeles. Os planos de seus paes eram fazel-o ferroviario, porém Los Angeles estava pertinho do centro cinematographico e o joven George sentiu-se inevitavelmente attrahido pela arte das imagens, que já nesse tempo falavam tanto e diziam tantas cousas bonitas á nossa alma... e a protecção de Griffith decidiu o rumo de sua vida.

Durante varios annos, George Hill foi um notavel "camera man", photographando as producções de Griffith, Triangle, Bosworth, Kalem e Goldwyn.

Quando rebentou a guerra européa, Hill foi commissionado capitão nos corpos de signaleiros, servindo na Italia, Turquia e Gallipoli.

Voltando aos Estados-Unidos, retornou ao cinema, abandonando o trabalho de "camera" pela direcção.

Foi em 1921 que deu-se a estréa do novo director, no studio da Fox. Seus dois primeiros films foram — "Emquanto o diabo se ri", com o fallecido William Russell — e — "Escravo do dever", com Buck Jones.

Em 1923, dirigiu Jack Pickford em "The Hill Billy".

Mais tarde foi o director de Marion Davies em "A procura do paç", um dos mais interessantes films da eternamente jovem estrellinha da Cosmopolitan — e — "Meu Commandante", de Jackie Coogan, no tempo em que Toby Wing era uma garotinha e o "garoto" nem a conhecia... film este cuja historia foi da autoria do proprio George Hill. Foi o director de "Fuzileiros", um dos trabalhos mais humanos do saudoso Lon Chaney. Dirigiu Ramon Novarro em "Asas gloriosas" — e — John Gilbert, naquelle caracter covarde de "Cossacos".

Dirigiu Marie Dressler em "Callahans and the Murphys" e no inesquecivel "Lyrio do lodo". Além deste, foi George Hill director de mais três films de Wallace Beery, dois dos quaes com Clark Gable no elenco — "A guarda secreta" e "Gigantes do céo". O primeiro, entre todos os films de "gangsters" feitos em Hollywood, foi daquelles que ficaram celebres.

George Hill. Em baixo, recordação da filmagem de "Lyrio do lodo", quando Polly Moran fez uma visita.

A historia emocionante daquelle leiteiro que tornou-se "gangster" impunivel, protegido pelo advogado Lewis Stone, e só prestou contas a justiça depois de assassinar, covardemente o seu protector, foi das mais fortes que a tela já registrou. "Guarda-secreta" e "Lyrio do lôdo", foram talvez os grandes films do repertorio do fallecido director, se bem que "O presidio", tivesse sido um optimo film no seu genero. George Hill dirigiu ainda Mary Pickford em "Duds", da United, cujo titulo brasileiro não nos lembramos, "A mancha de um crime", com Norman Kerry, "O homem sensacional", com Lee Tracy e Benita Hume.

Era divorciado da scenarista Frances Marion.

Morreu aos quarenta annos. Estava noivo de Lila Lee.

—:o:—

O cinema allemão perdeu a sua "mascotte", Julius Falkenstein, aquelle artista que apparece na scena da picina de "Uma canção para você", cujo nome, foi esquecido nos annuncios do film e é a mais popular figura do cinema allemão...

O homem que tanto nos divertiu ás voltas com os ladrilhos da montagem de "Princeza das ostras", de Ossi Oswalda... lembram-se?

Julius Falkenstein era conhecidissimo. Appareceu em todos os antigos films de Lubitsch na velha "Union". Era o melhor "Mestre de cerimonias" dos films historicos.

Appareceu numa serie interminavel de films.

Era nosso velho conhecido muito antes da Ufa. Já na "Messter", com Henny Porten, nós nos habituamos a vel-o em cada film exhibido...

Trabalhou tambem na "Decla-Bioscop, na Maxim, na Defu, na Metropol, da qual o veremos breve em "Cuidado! Espiões", com Brigitte Helm.

Em "Varieté", elle apparecia num dos camarotes do "Winter-Garten", ajustando o binoculo para admirar Lya de Putti no "numero" do trapezio, com Emil Jannings e Warwick Ward... Em "Segredos do Oriente", era o astrologo do Sultão...

Appareceu em "Sonho de valsa", com Xenia Desni; com Jenny Jugo em "Rato azul" e "Esposas indiscretas"; com Lya Mara em "Mariposa do Danubio" e "Valsas vienenses", este ultimo com o americano Ben Lyon, no elenco: "Isabel Fraquinho", com Lee Parry; com Dina Gralla em "Nocturno de luxo" e "A garota da revista"; "O favorito de S. Ex.", com Olga Tschechowa; "Não ha mais amor", com Lilian Harvey; "Eu de dia, tu de noite", com Kate Von Nagy; "A noite é nossa", o primeiro film falado allemão exhibido no Rio; na versão allemã de "Eu e a Imperatriz", com Lilian Harvey e Conrad Veidt e em muitos, muitos, outros films mais...

Julius Falkenstein, desde os seus tempos no theatro era popularissimo na Allemanha. Com sua morte, desapparece para nós uma recordação suave dos velhos tempos do cinema allemão, nas telas do antigo *Odeon, Central* e *Palais*...

Um dos seus ultimos trabalhos foi em "Princeza das Czardas", com Martha Eggerth, annunciado no Rio ao escrevermos estas linhas.

—:o:—

Russ Columbo, o conhecido "rival" de Bing Crosby no "broadcasting" new-yorkino, que, como o heróe de "Delirio de Hollywood", passou a cantar para os microphones mais universaes do cinema... tambem disse adeus á vida. Morreu de um modo tragico, accidentalmente assassinado por um operador. Este, Lansing B. Brown, foi mais um imprudente do conhecido episodio da pessoa que examinando uma arma dá ao gatilho do revólver, traiçoeiro sem saber que existe uma bala prompta a attingir alguem... E desta vez a victima foi o namorado de Constance Cummings em "Luzes da Broadway", que no film escapava do revolver do "gangster" Paul Kelli...

Julius Falkenstein numa das suas caracterisações.

O seu typo em "Não ha mais amor".

Russ Columbo.

Russ Columbo, appareceu-nos depois em "Moulin Rouge", lembram-se? Elle era o galã da Constance Bennett morena, na representação do palco...

E pouco antes de morrer, havia terminado para a Universal — "Wake Up and Dream", ao lado da encantadora June Knight, que aliás era dada como o romance amoroso do mallogrado artista.

Mas antes de o vermos em "Luzes da Broadway", nós o "ouvimos" muitas vezes...

Russ Columbo cantou em varios films, sem apparecer. Ha alguns annos atraz, Russ Columbo vivia em Los Angeles, trabalhando no restaurante de seu pae, especialista em "spaghetti", onde muitas vezes as "estrellas" e os "executives" vinham comer...

Hollywood exercia fascinação sobre o empregado do restaurante do "Signor" Ruggiero! Mas, debalde, como tantos outros e outras, Russ Ruggiero tentou entrar para o cinema, ninguem o acceitava. Ninguem, salvo Abe Lyman, então um "mandão" nos circulos musicaes de Hollywood. Abe predisse que faria de Russ um "astro" se lhe dessem opportunidade de apresentar o seu protegido. Mas, nem mesmo assim, lhe deram opportunidade.

Russ nasceu em San Francisco a 3 de Janeiro de 1900, mas sua familia mudou-se para Los Angeles, onde o joven cursou a Belmont High School durante o dia e estudava violino, com Calmon Luboviski, durante a noite.

O dinheiro era escasso naquelles dias e Russ era o mais moço dos dez irmãos da familia (sómente seis delles sobreviveram).

A familia esforçou-se para dar a Russ lições de violino, não porque elle quizesse ser musico — desde pequeno elle desejou ser cantor. Mas, seu pae que fôra um maestro em Napolis, Italia, não concebia crear seu filho sem educação musical.

Depois que começou a ganhar dinheiro com o seu violino, Russ pagou um professor de canto...

Não conseguindo nada em Hollywood, elle foi para New York, onde os cantores de radio eram populares. Mas, Russ era barytono e só os tenores estavam em moda!

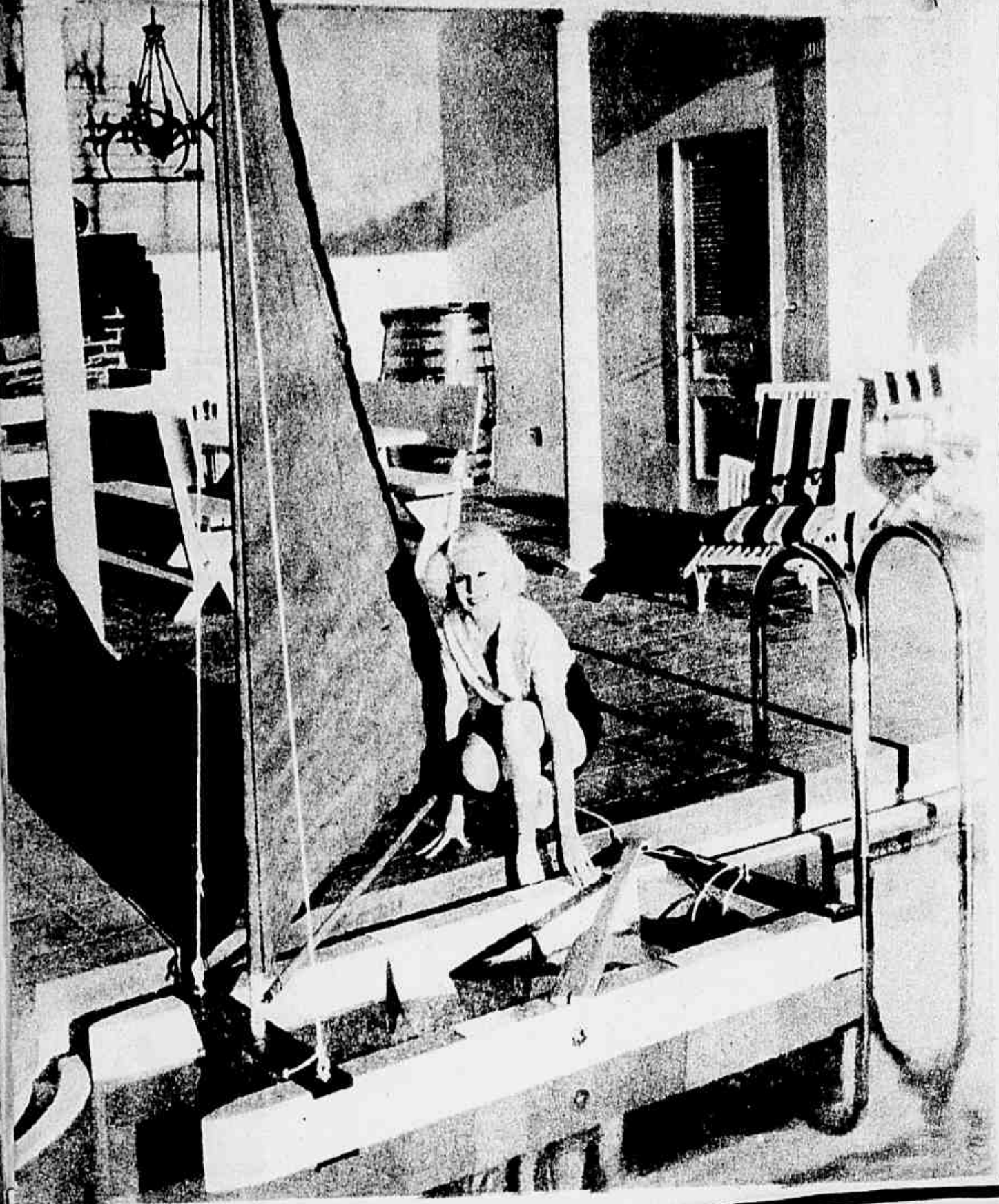
Procurando uma opportunidade, Russ solicitou cantar um mez em uma estação, sem receber pagamento.

Teve sorte. Não foi preciso usar do processo de Pat O'Brien com Dick Powell em "Vinte milhões de namoradas"... A sua proposta foi acceita e a sorte lhe sorriu de novo, uma semana depois, quando a estação de radio já tinha recebido mais de quinhentas cartas de ouvintes, festejando o novo "crooner". No fim do mez, a correspondencia era avultada. Todos o acclamavam e exigiam-no. Russ Columbo foi contractado.

Vencera! contou no "Lucky Strike programma", no "Maxwell House Coffee" e na "Listerine Hour". Formou depois uma orchestra propria e tocou no "Waldorf-Astoria".

Por dez semanas elle foi o grande successo no *Cinema Paramount*, de Brooklyn, e depois fez uma longa "tournée" pelo paiz.

(*Termina no fim do numero*)

Os Tres Maridos de Jean Harlow

TRES maridos lhe falharam.

E' essa a sua tristeza. A vida deu-lhe a adulação de milhões de homens, mas não lhe pôde offerecer um amor verdadeiro!

Aos vinte e tres annos, Jean Harlow olha para o passado e lembra-se de muitas lagrimas que chorou e doutros tantos desenganos, mas tambem conheceu alegrias, que não se esquecem, viu realizados muitos sonhos e teve exito em tudo, menos no amor!

Jean bem poderia considerar-se uma desilludida. Ella, que se entregou a tres homens, sem nada pedir em troca senão amor, não espantaria ninguem, se lhe desse, através das suas desditas, para odiar todos os homens.

Longe disso, porém, Jean sabe encarar as coisas com a necessaria dose de indulgencia. Casou-se tres vezes por amor. Tres vezes soffreu a mesma decepção e, apesar da intima certeza de não haver concorrido em nada para o infeliz desfecho dos seus tres casamentos, Jean não articulou uma unica queixa.

"Chuck" McGrew, Paul Bern, Hal Rosson...

Que sentimentos experimentará ella ao pensar nesses tres homens que entraram na sua vida? De que raizes profundas da alma tirará a coragem com que sabe vencer tantos desapontamentos?

A philosophia de Jean assenta na largueza de vistas, na sympathia e na tolerancia com que ella se habituou a olhar para a vida.

E' isso que a salva de qualquer cynismo de atitudes.

Ninguem seria capaz de lhe arrancar uma palavra de censura, contra esses tres homens que foram seus maridos, e mesmo occorrendo a hypothese de o mundo a condemnar pelo seu silencio. Quando Paul Bern, por exemplo, entendeu de resolver os seus problemas intimos de um modo tão egoista como é o suicidio, uma simples palavra bastaria para absolver Jean da menor sombra de suspeita, mas nem assim ella se dispoz a falar.

Por que razão o Destino a tratou tão bem na sua carreira profissional e tão mal nos seus casamentos? A Sorte deu-lhe e, ao mesmo tempo, tirou-lhe.

Jean cedo se fez mulher, desenvolvendo-se com aquella "vitalidade" que tão bem a caracteriza. Aos dezeseis annos, estava já prompta para o amor, mas conhecia pouca coisa a respeito dos homens.

Quando conheceu Charles Tremont McGrew, guapo rapaz, pertencente a uma familia rica de Chicago, Jean vivia internada num collegio, reclusa, vigiada, ignorante de tudo. Como quasi todas as meninas que amam pela primeira vez, julgava que o despertar dos sentidos ao contacto de beijos ardentes significava amor eterno.

Acabou por fugir com McGrew. Os gestos impulsivos são tambem bastante caracteristicos do temperamento de Jean.

— Eu sabia tão pouco naquelle tempo! Se tivesse andado com muitos rapazes e fosse como as pequenas de hoje, que tão bem distinguem attracção, "flirt", affeição, amor, todas essas emoções que nos assaltam, talvez as coisas se houvessem passado doutro modo. Infelizmente, porém, só muito tarde é que eu e McGrew comprehendemos que o nosso amor não era para casamento.

Estas palavras dizem bem da honestidade de Jean, um dos seus melhores predicados. Quem não a sentiu, quando da morte de Paul Bern?

No meio do ruido e da confusão, que rodeiam uma joven estrella, no auge da popularidade, Jean procurou em Paul o suave refugio e a doce amizade pelos quaes a sua alma ansiava.

Impulsivamente e de todo o coração, aceitou o amor que lhe era offerecido, retribuindo-o com o seu.

Se o marido possuise ao menos um decimo da coragem da esposa, talvez lhe houvesse confessado a verdade antes que fosse muito tarde.

Jean Harlow e seu ultimo marido — Hal Rosson...

Os codigos da vida social podem ser variaveis e, de certo, entre artistas, em questões de moral, os pontos de vista são bastante liberaes, mas Jean ainda acredita nas velhas normas, que muita gente já vae considerando caducas. Ella acha que, amando-se um homem e uma mulher, a união dos dois deve ser permanente e legalizada pelo casamento.

Na tela, Jean tem interpretado sereias e mulheres sem preconceitos. Sendo uma excellente actriz, sabe identificar-se com qualquer genero de papeis, o que, entretanto, não quer dizer que tenha affinidades espirituaes com elles. Jean entrou no segundo casamento tão innocente como da primeira vez. Cedo descobriu que a Sorte tornava a zombar dos seus coforços para encontrar a felicidade.

Jean não se insurgiu. O facto de o seu casamento ter que ser platonico não lhe modificou a attitude com relação a Paul Bern, como fatalmente succederia com outras mulheres menos indulgentes. O marido, porém, não deu provas da mesma coragem. Só encontrou uma solução: eliminar-se.

— Eu tinha-lhe dito que o mais importante era o nosso amor, que continuariamos a viver juntos e que seriamos felizes.

Nem uma só expressão de azedume pelo acto de loucura de Paul, o qual, escolhendo a sahida mais facil, deixou a esposa sózinha, face a face com a maldade e a suspeita de um mundo completamente ignorante da sua innocencia em todo o drama.

E assim falhou o segundo casamento.

Jean refugiou-se no trabalho, mas, apesar de todos os esforços para se deixar absorver inteiramente pela sua carreira, sentia-se muito só. Não obstante a tragedia, continuava a acreditar nos homens e no casamento.

Os que trabalhavam com ella nos Films eram todos seus amigos, desde o director ao aderecista, camaradas sempre leaes, que a animavam, quando a viam triste, que trocavam idéas de igual para igual e que se regozijavam, quando Jean representava uma boa scena. O photographo Hal Rosson adivinhou-lhe a solidão e offereceu-lhe a generosa sympathia de que ella necessitava.

Jogaram golf juntos, passearam, discutiram argumentos. Jean lia a sua parte do dialogo e, assistida por Hal, ensaiava o que tinha a dizer diante da objectiva.

Hollywood, porém, é a cidade dos mexericos. Começaram a correr boatos de que Jean estava compromettida com diversos pretendentes. Max Baer, naturalmente, figurava entre elles. Naquella epoca, o pittoresco pugilista era novo em Hollywood. Só mais tarde se veio a saber que Max não costuma dizer coisa com coisa a respeito de mulheres. No meio de beldades, enthusiama-se e fica ingenuamente convencido de que estão todas apaixonadissimas por elle. Põe-se a falar nos seus amores e não pensa em casamento. Já por diversas vezes, se tem visto atrapalhado por causa de promessas que algumas pequenas levam a serio. Max annunciou, por exemplo, em alto e bom som, que se ia casar com June Knight, e não casou coisa nenhuma...

Um jornalista escreveu que Jean visitara o Studio de Baer, durante a filmagem de "O pugilista e a favorita", e que lá se demorara algumas horas. Foi o bastante para que houvesse um grande falatorio em torno das duas celebridades.

O jornalista, porém, esquecera-se de mencionar o facto de quando Joan fôra ao Studio de Baer tambem lá se achava cincoenta trabalhadores, dezenas de visitantes e mais de cem artistas e extras...

De repente, Jean e Hal Rosson partiram de aeroplano para Yuma e voltaram casados!

Logo se disse que Jean casara para escapar a um processo de "alienation of affections".

Em Hollywood sempre ha quem acredite nas historias mais absurdas. Como se fosse possivel uma mulher "roubar" de outra mulher a affeição de Max Baer, o voluvel Max Baer, affeiçoado a todas ao mesmo tempo!

Jean não ligou importancia ás murmurações. Ella e Hal Rosson estavam resolvidos a tornar a sua união duradoura e a serem felizes.

Pobre illusão! Marido e mulher depressa comprehenderam, depois do casamento, que conviver no trabalho é uma coisa, e conviver em casa é outra! Como amigos sempre se tinham dado muito bem, mas casados...

Jean costuma dizer, muitas vezes:

— A gratidão é uma qualidade de muita importancia. No amor, ha sempre gratidão. Não é essa especie de gratidão que se contenta em dizer: "Obrigadinho pelos doces e pelas flôres". E' um sentimento muito mais profundo. Se marido e mulher não forem gratos um ao outro não poderão ser felizes no casamento.

Estas palavras explicam sufficientemente o matrimonio de Jean com Hal Rosson. Ella sabe ser reconhecida e quiz corresponder a Hal, dando-lhe a felici-

(Termina no fim do numero).

O Agente de Publicidade

QUANDO se lê que Marlene Dietrich tem as pernas mais bellas do mundo, que Mae West é o suprasumo do "sex-appeal", e que todas as mulheres estão apaixonadas por Gary Cooper, por Cary Grant ou Clark Gable, já se sabe que andou ahi dedo do agente de publicidade.

Isso, porém, não é nada. Se algumas das praticas reclamisticas desses "malucos do cinema" fossem apresentadas num film, que tivesse por assumpto as actividades delles, o publico ficaria boquiaberto e não acredtiaria. Porque os agentes de publicidade bem pagos fazem coisas que os directores de Hollywood nunca sonhariam em filmar.

Aqui vão alguns exemplos.

Passa um carro funebre pela rua pirncipal de Pittsburg. Não se sabe como, o caixão cahe, de repente, sobre o asphalto. Os transeuntes chamam a attenção do motorista aos gritos, mas o homenzinho não lhes liga importancia e a sombria viatura desapparece saudosamente á esquina.

O caixão fica no meio da rua, a interromper o trafego, até que a policia o leva para a estação mais proxima. Telephona-se para varias agencias funerarias, mas nenhuma perdeu o caixão. Acódem em tropel os "reporters" de todos os jornaes do burgo e a policia abre solemnemente o esquife para se identificar o defunto.

Assombro! um individuo com cara de cadaver levanta-se, envolto numa mortalha e dá uma gargalhada, emquanto o pessoal recúa, num movimento instinctivo de terror.

No dia seguinte, estreava num cinema de Pittsburg, "Zombie, ou a legião dos mortos", debaixo de formidavel reclame.

Os agentes de publicidade não recuam diante de nada para chamar a attenção.

A proposito de "Tarzan", vem a pelo recordar um reclame do fallecido Harry Reichensach, decano dos agentes de publicidade do cinema.

Foi quando appareceu o homem macaco no cinema mudo.

Dias antes da exhibição da pellicula, um homenzinho de expressão meiga tomou aposentos num dos melhores hoteis de New York. Assignou no livro o nome de T. R. Zann, recommendando muito cuidado com uma grande caixa que fazia parte da sua bagagem.

Nessa mesma noite, telephonava ao restaurente do hotel:

— Mande-me um copo de leite e dois ovos quentes. Sim. Olhe! Mande tambem um kilo de carne crua.

O "garçon" ficou admirado:

— Um kilo de carne crua? Para que?

— Mande! berrou o tal sr. Zann, dependurando o phone.

Poucos minutos depois, o criado negro entrava no quarto com o pedido. Mal entrou, porém, deixou logo cahir a bandeja, fez-se côr de bronze, que nos pretos coresponde ao amarello de terror dor brancos, e, largando um urro, fugiu a galope. Deitado tranquillamente no centro do aposento, estava um legitimo leão africano! O gerente e o detective do hotel foram certificar-se e, quando verificaram que era de facto um leão, chamaram a policia.

Interrogado pelos homens da lei, o sr. Zann confessou que aquelle não era o seu verdadeiro nome, e que o adoptara por ser um admirador fervoroso dos livros de Tarzan. Pregou mais outras mentiras cabelludas e, ao cabo, disse dos seus projectos de partir para a Africa com o leão, afim de viver á moda de Tarzan. Os "reporters" dos jornaes,

que nunca andam muito longe da policia, tomaram nota do facto, e, no dia seguinte, todas as folhas, de costa a costa, publicavam as coisas mais mirabolantes sobre o tal Tarzan. Imagine-se a publicidade que obteve o film!

A's vezes, porém, ha consequencias serias ou que os agentes de propaganda não esperam.

Houve um film que tratava dum enterrado vivo. Para provar como isso ero possivel, um agente descobriu um magico cuja especialidade consistia em deixar-se enterrar por espaço de quatro horas, e em companhia delle e de jornalistas, dirigiu-se para um logar solitario, onde se deveria realizar a experiencia. Mettido o magico numa caixa, abriu-se uma cova ao lado duma collina, e enterrou-se o homem com todas as formalidades, marcando-se o lugar com cal, afim de ser facilmente descoberto, depois de transcorridas as quatro horas.

E afastaram-se todos uma centena de passos para irem jogar as cartas, debaixo duma arvore, mas, subito, rebentou uma grande tempestade, e quando voltaram ás proximidades do lugar, para desenterrar o snjeito, verificaram, cheios de terror, que a chuva havia apagado todos os vestigios da cal!

Desorientados, começaram a cavar á doida, aqui e ali, por toda a parte. O proprio agente de publicidade não escondia a sua inquietação. Sabia bem em que consistia o "truc". A caixa possuia um compartimento secreto, que continha oxygenio, mas este só dava exactamente para quatro horas!

Quando finalmente deram com o lugar, depois de esforços desesperados, já era quasi noite. O magico esteve enterrado, mais de quatro horas e sahiu da caixa, mais morto do que vivo. O reclame foi então muito maior do que se esperava!

Outra, que teve graça, menos para o agente:

Um barão italiano foi para a America e, estando arruinado, pensou em realizar uma "tourneé" de conferencias. Chamou um agente de publicidade, que lhe apresentou logo um "plano de arromba".

O barão foi levado por elle para o Riverside Drive. Era em fevereiro e a neve accumulava-se nas ruas. Certificando-se primeiro de que não havia testemunhas, o agente amarrou as mãos e os pés do barão e, em seguida, amordaçou-o. O fidalgo ficou deitado no meio do caminho e o agente foi-se embora. Os primeiros transeuntes, que passassem, encontrariam a "victima", chamariam a policia, e o barão contaria então a historia que o propagandista lhe ensinara e que os jornaes sem duvida publicariam.

Passada meia hora, voltava o agente. O barão estava quasi congelado, mas nada de transeutnes. O agente resolveu, por conseguinte, ir elle proprio chamar um policia. O "cop" deu o alarme e a fita começou a deslisar.

Surgiram nada menos de seis carros de radio. De um delles, saltou um sargento, que entrou a interrogar a "victima".

— Eu passeava pela Broadway, quando uma linda mulher se approximou de mim. Disse que me conhecia e accedi em dar um passeio com ella até ao Drive.

— O senhor "atracou-a", pois não?

— E' verdade, mas quando chegámos aqui, ella deu um assobio e appareceram dois sujeitos que se atiraram a mim. Roubaram-me tudo que trazia nos bolsos e deixaram-me amarrado.

— O senhor póde apanhar uma constipação, disse o sargento. O melhor é telephonarmos para a sua familia.

— A minha esposa não está na cidade, replicou o barão.

O sargento piscou os olhos significativamente.

— Tambem sou casado e calculo o escarcéo que faria a sua senhora, se soubesse que o meu amiguinho andou a passear com uma pequena extranha! Barão! Vejo que o senhor é camarada e vou-lhe fazer um favor! Providenciarei para que não saia uma unica linha nos jornaes a este respeito!

Imagine-se a raiva do agente de publicidade!

A missão dos agentes, porém, não consiste, exclusivamente, em chamar a attenção do publico por meio desses "trucs". Elles tambem criam "personalidades" artisticas.

(Termina no fim do numero).

A casa dos Rothschild

O crime do vagão particular

A TELA EM

A CEIA DOS ACCUSADOS (The Thin Man) — M. G. M. — Producção de 1934 — (Palacio Theatro).

As producções de crimes mysteriosos e **detectives** do outro mundo já começam a irritar os **fans**. No fundo são iguaesinhas umas ás outras. O mesmo ar de mysterio envolve os crimes, as mesmas physionomias vagas e indefiniveis das pessoas suspeitas, a burrice espectacular dos representantes da policia official, a habilidade incrivel do detective-heroe, a atmosphera pesada de **suspense** ameaçador e **para fechar** o desfecho surprehendente em que fica provado mais uma vez que o heroe é um **detective** que não pertence a este planeta tal a sua habilidade em adivinhar tudo e reconstituir com a maxima exactidão os crimes mais mysteriosos em todos os seus minimos detalhes.

"A Ceia dos Accusados" é tudo isso muito bem feito, metade dialogo, metade cinema, e mais um tratamento delicioso de comedia dado por W. S. Van Dyke.

Tudo que os films do genero têm mostrado aos **fans** pretenciosamente, num estylo sobrecasaca, Van Dyke mostra aqui naturalmente, á vontade, accentuando os aspectos grotescos, as attitudes ridiculas, com optimas piadas, em ambientes alegres e descrevendos dois magnificos caracteres humanos, cheios de pequeninos fracos e toneladas de bom humor.

A solução do mysterio numa ceia offerece uma surpresa maior do que em qualquer das producções do genero que temos visto. As sequencias das investigações de William Powell com o cachorro "pello de arame" são estupendas. A recepção de Myrna e William, com os seus convidados, as telephonemas de Bert Roach e as visitas continuas dos interessados no crime. A scena do banheiro, Myrna e Bill no quarto. O invasor nocturno. E a sequencia do cachorro, na rua, com Nat Pendleton, Myrna Loy e William Powell? Estupenda!

William Powell é uma surprehendente revelação como policia-millionario e apreciador de "brasas". Myrna não lhe fica atraz na admiração pelas "brasas". Está linda, sincera e com muito espirito. Maureen O'Sullivan apresenta um trabalho sentimental. Os **fans** vão extranhar Maureen com tanta roupa, depois de "Tarzan e sua Companheira..." Minna Gombell e Nat Pendleton esplendidos.

Não percam. E' divertimento de facto!

Cotação: — MUITO BOM.

A CASA DE ROTHSCHILD (The House of Rothschild) — Twentieth Century-United Artists — Producção de 1934 — (Gloria).

Nunca um film foi mais opportuno do que este. Quando mais não seja é uma prova de que as perseguições movidas pelos nazistas aos judeus não são mais que a repetição de outras em varias phases da historia da Allemanha.

O assumpto não é dos mais interessantes, principalmente para os **fans**. E' um assumpto arido, secco e até certo ponto antipathico. O dominio pelo dinheiro provoca insopitavel repulsa em todos os corações bem formados. Por isso mesmo é digno de apreço o esforço empregado pelo director e pelo autor do scenario para apresentar os grandes millionarios numa especie de nevoa de sympathia em que só se consegue divisar o que havia de bom nas suas almas e as suas acções e attitudes humanas e dignas de nota.

O romance delicado de Robert Young e Loretta Young contribue em grande parte para o lado bom da vida do judeu que derrotou Napoleão negando-lhe dinheiro.

Alfred Werker conseguiu perfeitamente realizar esse intento. Só falhou em transformar o scenario em obra de cinema de facto. Não se póde considerar o film como theatro filmado. Mas encerra muita theatralidade. Theatralidade de representação e theatralidade na maneira de contar as coisas. Talvez por influencia do grande actor theatral que é e sempre será George Arliss.

A atmosphera do bairro judeu em Frankfort, o ambiente familiar israelita, os usos, costumes, a atmosphera londrina, os interiores palacianos e nobres, as recepções, as reuniões politicas, as figuras historicas, a maneira de apresentar os membros da familia Rothschild, o cheiro de polvora e sangue que rescende em todas as sequencias em que a guerra é apenas suggerida — tudo isso muito recommenda o director Alfred Werker.

Além disso, apesar da theatralidade — na téla enfraquece qualquer assumpto e é defeito gravissimo — Werker conseguiu fazer drama, drama real. Drama com uma bellissima moldura de film de costumes e historico.

A sequencia final, da recepção real é de uma sumptuosidade e de um esplendor maravilhosos. Está colorida com arte.

As scenas do bairro dos judeus são admiraveis. Assim as da Bolsa londrina e a da reunião de familia.

George Arliss tem um desempenho mais ou menos real. Não sei si por sua espontanea vontade ou por obra e graça do director o seu trabalho está quasi natural, esvurmado de grande maioria da theatralidade que lhe é peculiar. E' um **Nathan Rothschild** convincente. Robert Young e Loretta Young vivem um romance authentico em plena era do romance. Helen Westley faz a mãe dos irmãos **Rothschild.**

Boris Karloff desta vez não faz nenhum fantasma. C. Aubrey Smith é um esplendido **Duque de Wellington.** Reginald Owen e Holmes Herbert tambem figuram.

Vão ver um milagre que se operou em George Arliss. Elle reconheceu emfim que a autoridade do director no cinema é pelo menos um pouco differente da autoridade do **metteur en scene** do theatro.

Cotação: — MUITO BOM.

UMA CANÇÃO PARA VOCÊ (Ein Lied fuer Dich) — Cine Allianz — Producção de 1933 — (Alhambra).

Uma historia fraquinha tratada como comedia ligeira em que todos os absurdos servem para provocar o riso, como o de accelerar os movimentos do namorado que se veste para vêr a namorada, graças a um "truc" velho e fóra de moda.

Emfim, não se póde exigir muita coisa de um film, que foi produzido com um fim unico e exclusivo — levar ao mundo todo a voz do tenor Jan Kiepura, successo garantido deante das platéas amantes do bello canto.

Jan Kiepura, não ha duvida, é um grande tenor. Mas faltam-lhe elementos puramente photogenicos. Jenny Jugo está mais gorda e menos graciosa. O mallogrado Julius Falkenstein diverte.

E' uma comedia que póde ser vista sem aborrecimento.

Cotação: — BOM.

O SEU PRIMEIRO AMOR (Change of Heart) — Fox — Producção de 1934 — (Pathé Palacio).

Raramente os films apresentam uma dupla tão querida e photogenica como a de Charles Farrell e Janet Gaynor. O romance delicado tem nelles os seus melhores interpretes. Dahi a Fox não desistir nunca de os reunir em mais uma producção de vez em quando. Charles póde estar no fim do mundo e Janet trabalhando como "estrella" de fulgurante grandeza no outro lado do planeta. Nada disso tem importancia. Si fôr preciso a Fox pára tudo...

O assumpto desta vez embora sirva de pretexto a um romance delicado não está na altura de receber uma analyse profunda. E' tudo calculado mathematicamente para um final feliz. Estructura fraca. Logares communs. Em todo caso é acceitavel.

Charles Farrell Janet Gaynor, Ginger Rogers e James Dunn fazem quatro graduandos de uma universidade em busca de emprego em New York. O caso amoroso de Charles e Janet, delicado, sentimental, não chega a emocionar em virtude da sua construcção convencional. O mesmo, porém, não se dá com o caso de James e Ginger. Póde-se dizer que elles dois salvam um conto de fadas de fracasso certo.

John G. Blystone não podia fazer muito mais para melhorar o film.

Os idyllios de Janet e Charles, a doença deste, a sequencia em que Janet lhe faz a barba e o final mostram que Blystone é um bom director. São trechos de celluloide de grande delicadeza e sentimento.

Charles e Janet embora repetidos apresentam magnifico trabalho. Ginger Rogers e James Dunn entretanto quasi roubam o film. Mary Carr, Shirley Temple e outros figuram.

Póde ser visto por todos os "fans" do casal que Frank Borzage immortalizou.

Cotação: — BOM.

SOMOS DE CIRCO (The Circus Clown) — First National — Producção de 1934 — (Odeon).

Joe E. Brown de uns tempos para cá vem procurando imprimir um aspecto real aos seus papeis, transformando-os em caracterizações de valor accentuadas por um um cunho pathetico novo e interessante. As suas comedias não são apenas reuniões de sequencias super-lotadas de **gags** gosadissimos e ligadas por um fio amoroso insignificante capaz unicamente de estabelecer a ligação necessaria no scenario. Passaram a viver de situações comicas baseadas em factos reaes da vida de todos os dias. Mostram o lado grotesco e ridiculo dos acontecimentos mais sérios. E com a vantagem de apresentarem um estudo de caracter agradavel e sempre curioso.

Desta vez elle é uma figura de circo. Timido, franco, espontaneo, sincero. Ambicioso. Apaixonado. Patriccia Ellis encarrega-se do romance, que, aliás, é bem bonitinho.

Quasi todas as situações comicas desenrolam-se sob a lona do circo. Algumas são irresistiveis. Gosadissimas. Entre ellas o despertar de Joe pelo leão "Dynamite", a das facas, os seus encontros com a falsa "estrellą" de circo.

No final, numa sequencia inteira, Joe toma parte num numero de acrobacia aerea verdadeiramente sensacional. E' um grande numero de circo. Empolga.

REVISTA

A atmosphera de circo está muito bem cuidada. As barracas dos artistas, os carros, os numeros, os empregados. Ray Enright deve ter estudado a atmosphera circense. Ou então pediu conselhos a Joe, que já foi de circo...

Joe tem um trabalho de valor. Patricia Ellis linda. Dorothy Burgess atrapalha o romance dos dois com os seus olhos pretos.

O coitado do Lee Moran faz um papelzinho deste tamanho.

Só os saltos que Joe dá valem o film.

Cotação: — BOM.

BONS TEMPOS (Harold Teen) — Warners — Producção de 1934 — (Pathé).

A chamada "mocidade louca" dos Estados Unidos tem servido de pretexto para numerosos films de successo. Houve uma época em que os melhores films de Hollywood exploravam esse aspecto vibrante e bonito da vida **"yankee"**. Foi quando surgiram triumphantes Eleanor Boardman, Colleen Moore, Clara Bow, Madge Bellamy, William Haines.

"Bons Tempos" lembra ligeiramente algumas das mais bellas producções dessa epoca dourada do cinema. Mostra a mesma juventude irrequieta, alegre e sportiva, que estuda nas universidades, embriaga-se nos **bars**, canta e dansa com delirio — mas conservando sempre o mesmo temperamento franco, espontaneo e sincero.

O assumpto não obedece a todos os preceitos da logica. O romance de Hal Le Roy e Rochelle Hudson não offerece angulos novos. Os ambientes são nossos velhos conhecidos. Mas o film diverte e encanta apesar de tudo.

Tem o sabor de um **cocktail** delicioso que não sobe á cabeça. Mocidade, belleza, amor, sorvetes, festas loucas, farras, espectaculo de revista, canções, beijos.

Só falta um pouco de pimenta. Mas é bom que os **fans desde** já vão se acostumando. Os films de Hollywood graças á reacção religiosa que ora se opera nos Estados Unidos dentro em breve serão sómente agua com assucar...

Hal Le Roy tem sapateados formidaveis. Rochelle Hudson e Patricia Ellis dão encanto a tudo. Guy Kibbee e Hugh Herbert fazem a comedia. Só Chic Chandler destôa do conjuncto. E' uma figura falsa como as de theatro.

Cotação: — BOM.

VONTADE ESCRAVA (The Witching Hour) — Paramount — Producção de 1934 — (Gloria).

Film extrahido de uma peça de Augustus Thomas. O autor da adaptação cinematographica conhece cinema muito de longe. Deve ser ao contrario um profundo conhecedor de theatro.

A peça de onde foi extrahida nada apresenta de valor. Está nitidamente fóra da moda. Trata de um caso de hypnotismo, de um crime praticado sob influencia hypnotica. O romance quasi não tem representação. O **climax**, de tribunal, toma uma parte apreciavel do film. Tudo já velho. E conhecido.

Emfim, para resumir, é uma boa peça de theatro filmado, com a optima qualidade de possuir um elenco cinematographico, que representa como no cinema... John Halliday, Judith Allen, Tom Brown, Guy Standing e Olive Tell tomam parte.

Cotação: — REGULAR.

O CRIME DO VAGÃO PARTICULAR (Murder in the Private Carr) — M.G.M. — Producção de 1934 — (Palacio Theatro).

Ainda não descobrimos a razão de Harry Beaumont ter dirigido este film. Completamente fóra do seu genero. Só si elle pretendeu satyrizar todos os films de crimes mysteriosos...

Este, em materia de mysterios e crimes, bate todos os records. A sua atmosphera de mysterio é tão grande que a perseguição de que é victima a heroina, Mary Carlisle, não se esclarece nem no final. O que vale é que Charlie Ruggles e Una Merkel encarregam-se de fazer a gente rir e esquecer a falta de senso do assumpto, que reune todas as emoções conhecidas no genero e mais algumas.

Mary Carlisle vive com Russell Hardie um romance cheio de tropeços e com um gorilla para atrapalhar.

As sequencias do vagão particular têm mysterios fantasticos. Vozes mysteriosas. Janellas de aço. Assassinios e 60 milhas á hora.

O **climax,** parece de film em series. Imaginem vocês um vagão solto retrocedendo numa velocidade louca na direcção de um expresso e sem freios. Imaginem agora Charlie Ruggles, Russell Hardie, Una Merkel e Mary Carlisle dentro delle. E depois a passagem de todos para a locomotiva do expresso, que, avisado a tempo, caminha com toda a força de sua caldeira para traz...

Harry Beaumont não devia perder tempo com films assim. Isso é bom para directores que so dão para films de linha.

O "fan" que perder o film não perde grande coisa. Mas o que o vir não se arrependerá, pois recordar-se-á dos tempos em que apreciava "Em Palpos de Aranha", "Herança Fatal" e "A Seducção do Circo"...

Cotação: — REGULAR.

ALEGRES CONSORTES (Merry Wives of Reno) — Warners — Producção de 1934 — (Pathé Palacio).

Alegres consortes. Reno. Capital do divorcio. Divorciados e divorciadas em massa numa mesma cidade. Não tem duvida. Tem que ser um bom film.

Pois não é, não senhor. Você está muito enganado. Aquillo tudo, não quer dizer nada. E' apenas uma comediasinha modesta, demasiadamente modesta, feita de fraquissimo material de cinema. A sua melhor qualidade está no elenco que é esplendido. Muito acima do assumpto e da direcção.

Donald Woods e Margaret Lindsay fazem um dos casaes que procuram Reno para solução do seu caso. Guy Kibbee tem pedaços de ouro. Ruth Donnelly tambem. Hugh Herbert simplesmente fantastico. Frank Mc Hugh e Rosco Ates estupendos. Assim Hobart Cavanaugh. Glenda Farrell seductora como sempre.

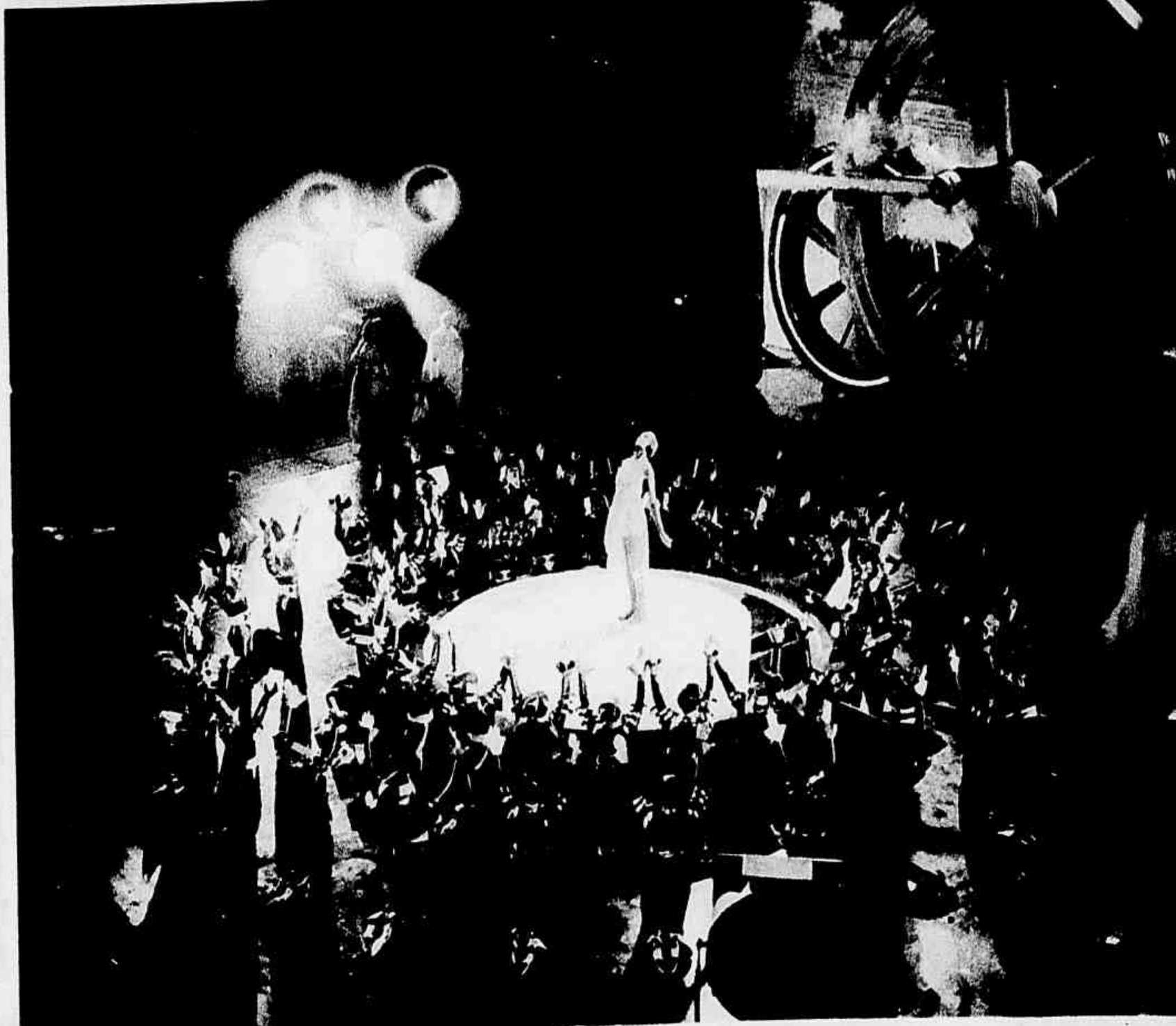
Comedia que vale pelo seu estupendo elenco de comediante.

Cotação: — REGULAR.

Uma canção para você

Vontade escrava

A ceia dos Accusados

Pearl Argyle em "CHU-CHI-CHOY", adaptação da lenda das mil e uma noites — Ali-Babá e quarentas ladrões — de grande successo nos palcos londrinos, já feito pelo proprio cinema inglez, ha anos, com Betty Blythe. Em baixo, uma scena do mesmo film Ann May Wong e o conhecido Fritz Kortner, o melhor Beethoven do cinema.

Scena de "Evergreen", comedia musical com a deliciosa Jessie Mathews, que se vê ao lado e qualquer dia irá para Hollywood... Jessie é tambem uma celebre artista theatral.

DOS STUDIOS DE ISLINGTON E SHEPHERD'S BUSH DA GAUMONT INGLEZA...

TRECHO de uma das mais interessantes cartas do nosso leitor "Zézé Sussuarana", de Jacarehy: — "O Cinema Sonoro tornou mais reaes os films, deixou-os mais iguaes á vida, principalmente com o auxilio da voz, que toma os artistas mais humanos, mas parece que foi justamente essa "humanização", essa realidade dos films que matou a poesia, a espiritualidade do cinema. Já reparou que a maioria dos films produzidos de 1930 para cá dirige-se mais ao cerebro do que ao coração?... Onde aquelles films que penetravam discretamente, silenciosamente, no coração da gente, e deixavam, na nossa alma, uma impressão tão grata, tão aprazivel, e que se gravavam em nossa alma com mais intensidade?... Hoje, quando, excepcionalmente, apparece um film que se dirige á alma, a gente não póde desfructal-o bem, não póde aprehender-lhe todas as emoções, porque o som atrapalha o espirito, distrae-o, não permitte que se forme aquelle ambiente de silencio (apesar da orchestra), de recolhimento, de concentração que havia no tempo do Cinema Silencioso. Apesar da orchestra, disse, por que naquelle tempo, embora existisse na sala de exhibição o "som" da orchestra, era como se não houvesse: a gente sabia que aquelle "som" era extra pellicula, era fora do film, e embora ouvisse, e se deleitasse, ás vezes, quando a musica era boa, isso não impedia que se dedicasse toda a attenção á tela. Agora, não. A gente sabe que o "som" vem do film, que faz parte da historia, que tem ou deve ter interesse no seu desenrolar, e fica na espectativa, com a attenção dirigida para os dois factores. Muitas vezes o "som" de uma scena é accidental, é secundario, está ali para não desmanchar a "realidade". Não reforça a scena, não augmenta o interesse da historia, é inutil. Nesse caso a attenção que a gente dirigiu ao "som" foi perdida, foi gasta sem proveito. O resultado é o que citei acima: a gente, com a attenção distrahida, perturbada, não aprehende, com a intensidade com que aprehendia no Cinema Silencioso, as emoções de um film.

Por isso, na minha opinião, os films sonoros deviam ser sómente os feitos "para os olhos e ouvidos", como as revistas, operetas, etc., quer dizer, as "musicaes", e as pelliculas feitas "para o cerebro", como os films de Von Sternberg, por exemplo. Os films feitos "para o coração", como os de King Vidor, Carlito, John M. Stahl e Frank Borzage, ficam melhor no silencio..."

—:o:—

A interessante M. D., de Maceió, mandou-nos estas palavras sobre a "Imperatriz galante"...:

— "Marlene... A Venus nascida das espumas alvacentas do Rheno... Loura como os trigaes da sua terra. Olhos que inspiram o bem e o mal; labios que foram feitos para o beijo... Amor... O Cantico dos Canticos...

E o viajante continúa a sua rota, mas, depois de ter olhado longamente aquella mulher que tem nos labios um sorriso tão triste não póde desviar o seu pensamento della: se, por acaso, divisa ao longe uma paisagem morta, lembra seu olhar amortecido; se vê as chammas que o sol lança sobre a terra esbraseando as campinas, lembra seus cabellos fulvos; se vê uma rosa rubra entreaberta, divisa as linhas ardentes de seus labios. Toda ella é amor, é o cantico dos canticos; sublime, divina feita para arrebatar o coração da humanidade inteira; mas, tambem vemos nella o anjo, de olhos meigos, de reflexo azul do firmamento onde póde nos transportar, e tem nos labios vermelho do fogo do inferno para onde nos conduz se algum dia tiver esse capricho...

Venus loura... Cantico dos canticos... anjo azul..."

—:o:—

A "Moreninha de olhos negros", de Lisboa, enviou-nos esta poesia sobre a Rainha do cinema:

"GRETA GARBO

Dizem — custa-me a crer — embora certo seja,
Que tu, Greta, és fatal e perigosa
E, se pódes parecel-o a quem teus films veja,
Eu supponho-te um pouco virtuosa.

Quando o "écran" reflecte o teu olhar, sorrindo,
O teu corpo fragil, esguio e onduloso,
E's qual lyrio que se vae partindo
Ao sabor do vento, breve e caprichoso...

Tua apparencia é triste; teu olhar dormente;
Mais parece um soluço, o teu falar.
Depõe esse mysterio, essa melancholia!

Sê alegre, ridente! Viva a alegria!
Desperta para a vida, desperta para amar,
Pois o que falta é um amor que te avivente!"

RAMANITA, de Nictheroy é a autora do interessante artigo abaixo:

"REFORMA E CONTRA REFORMA...

Ha bem poucos annos uma adoravel e endiabrada moreninha de immensos olhos negros, fazia proezas do arco da velha em "Reporter de Saias"... Essa mesma moreninha deixou muita gente louca com as suas incriveis traquinadas em "A Neta do Sheik"... Lembram-se de "Amor em Quarentena"?

Bebé Daniels fez sensação com o seu typo adoravel de moreninha tropical levada da breca... De repente, porém, surge-nos ella, depois de uma pausa na sua carreira, cheia de poses estudadas, languidas, e a cabeleira negra, inesperadamente loura, lourissima!... Sua personalidade soffreu uma integral reforma. Ella figurou assim em alguns films. Estava bonita assim, mas toda gente sentia saudades da Bebé morena e sapéca...

Ella propria parecia sentir saudades de si mesma... E voltou a ser morena outra vez, apezar de estar agora ajuizada e romantica... Quem sabe? Talvez o filhinho que a contempla do berço, tenha influido nessa radical transformação.

Outra reformada foi a incomparavel Carole. Si vocês olharem um retrato seu de uns seis annos, desconhecel-a-ão por completo. Seus escuros cabellos emolduravam um rosto cheio, de linhas curvas, e seus esplendidos olhos claros eram sombreados por sobrancelhas quasi direitas. Carole já era bella naquelle tempo, mas seu rosto era de uma belleza inexpressiva. Intelligente e ativa, Carole transformou-se radicalmente, tirando o melhor partido de sua mascara excepcional... Poz-se loura como as espigas, emagreceu. Seu rosto perdeu as linhas demasiadamente cheias, ficou mais espiritual...

Humberto Calixto, de Parahyba do Sul — e Edwan Alves, de Itapolis (S. Paulo).

Lauro Pavani, de Porto Alegre.

José Lourenço Corrêa, de Viseu (Portugal)

Pagina dos Leitores

E todos se extasiaram deante dos beneficios desta reforma. Carole adaptou-se á nova personalidade e jamais mudará. Ella não pedirá a contra-reforma como a sua collega Bebé...

Mae Clarke tambem experimentou modificar-se. Esteve por algum tempo com a cabelleira prateada, cheia de ondas e caracóes... Assim appareceu em "Mundo Noturno", "Ponte de Waterloo" e outros films seus.

Com certeza não se deu bem assim. Deixou escurecer novamente sua cabelleira e cortou-a vingativamente a... "l'homme"!... Seu rosto comprido e magro lucrou com o penteado e ella se nos afigurava mais cheia de rosto, e um arsinho petulante, juvenil que lhe ia esplendidamente.

Não ficou satisfeita, no emtanto, porque suas ultimas photographias nol-a mostram com a escura cabelleira já comprida, atirada para traz...

Voltou ao ponto de partida, isto é, voltou a usar seu cabello exactamente como no principio...

Ninguem melhor que Claudette Colbert poderá affirmar a importancia de um penteado, duma cabelleira intelligentemente usada e arrumada... Ella tambem submetteu seu mimoso rostinho a uma intelligente reforma. Claudette, não sei si já notaram, tem os olhos separados um do outro, um pouquinho além do usual. As sobrancelhas direitas deixavam perceber nitidamente essa anomalia. Claudette corrigiu-as, arqueando-as bem, e, usando cilios muito longos. Sua cabelleira usada num penteado banal, ella modificou-a e com uma franjinha engraçada, deu ao seu rosto encantador um arzinho feiticeiro e irresistivel...

Outra reformada foi Ginger Rogers. Ella já era um "perigo" antes da reforma, porém agora... Está realmente esplendida assim com os cabellos dourados, muito crespos... Joan Crawford soffre da volupia das reformas.

Desde que entrou para o cinema não figurou duas vezes com a mesma expressão phisionomica. Joan parece andar sempre insatisfeita.

Extremamente artista, Joan parece andar a procura de algo que a satisfaça plenamente. Não sorri duas vezes da mesma forma, não usa o mesmo penteado, e parece possuir uma collecção infinita e maravilhosa de personalidades... Já foi loura, morena, ruiva e castanho-claro... Desde que abandonou o nome de Lucille pelo de Joan, não se repetiu uma unica vez. Entretanto parece que foi para ella especialmente creada a palavra — *esplendida!*

De qualquer forma, sob qualquer personalidade, seus olhos expressivos gritam para o fan: Então? Estou assim, mas sou sempre a Joan!

Podem agora concentrar-se um minutinho e passar em revista os films da Ufa? Havia lá uma interessante artistazinha loura, roliça de um rostinho agradavel, porém quasi insignificante. Essa artistazinha emagreceu, seu rosto soffreu uma milagrosa modificação.

Suas sobrancelhas, os cilios, labios... E ella com um penteado novo e differente surgenos dinamica, arrebatadôra — Lilian Harvey!...

A propria Wynne Gibson si olhasse um antigo retrato seu, provavelmente perguntaria quem era aquella sisuda moça de cabelleira escura a cahir-lhe sobre os hombros...

Entretanto nada mais humano e louvavel essa ansia de perfeição!

Tenha a palavra Alice Brady a intelligente e admiravel Alice: —

"Estou differente de outr'ora. Muito differente. Sinto-me porém melhor assim..."

Até Greta Garbo, a magnifica, soffreu modificações absolutas ao enfrentar a camera, ha uns annos atraz...

E, em Hollywood, onde a perfeição é procurada, acatada, cultuada, as estrellas sabem perfeitamente o valor de uma opportuna reforma.

A's vezes falham... Não é possivel acertar infallivelmente e ellas então appellam incontinente para o remedio efficaz e acertado — a contra reforma, urgente...

William Le Baron, o conhecido productor de alguns films que levam a marca da Paramount, inclusive os de Mae West, vae produzir uma serie de films na Inglaterra, no British-Studio. Os artistas serão Ricardo Cortez, Charles Bickford, Gloria Stuart e John Boles. Clarence Brown, será um dos directores, naturalmente emprestado pelo seu studio.

—:o:—

Depois de "Little Women", Katharine Hepburn vae fazer "Little Minister"...

VOCÊ PODE SER "ESTRELLA"

(FIM)

"Glamour" é uma peculiar, unica substancia, quasi um ethéreo predicado, que é apanhado pela camera. Barbara Stanwyck tem "glamour" em larga escala e tambem Constance Cummings e Elissa Landi possuem esta indefinivel, radiante qualidade. E' algo que não pertence sómente á beleza physica, e mais espiritual, mais vital".

Samuel Goldwin, productor independente, é o mais ousado jogador da tela. Elle contractou Ronald Colman, quando este actor era uma incerteza Cinematographica. Elle trouxe Eddie Cantor para a tela. Mas sua cartada mais sensacional, foi o contracto que deu a esta linda russa, Anna Sten.

— "Vi um retrato de Miss Sten na secção de rotogravura de um jornal europeu e tive a impressão de ser ella uma electrificante personalidade. Procurei ver o Film allemão, "Irmãos Karamazov" onde ella apparecia e antes da segunda parte, eu já tinha feito todos os meus planos em relação á artista. Meu representante em New York foi enviado a Berlin para entrevistar Miss Sten. Elle telegraphou-me: "Interessantissima, mas não sabe nem palavra de inglez". Não me importei com isto e contractei-a. Se ella tinha personalidade e talento, todos os outros obstaculos seriam removidos. Depois de dois annos gastos em estudo de inglez e em educação do methodo de Hollywood á estrella, Anna Sten foi um retumbante successo no seu primeiro Film: "Nana".

Quiz primeiro estabelecel-a como uma "glamorous" personalidade. "Náná" já fez isto. Agora em "We Live Again", seu segundo trabalho, sua explendida arte e sua personalidade artistica, serão os primeiros valores do Film. Estou certo de que todo o seu successo na tela compensar-me-á da longa preparação".

Hal Roach, o productor de comedias, começou assim:

"Todos nós sabemos que é mais facil fazer uma platéa chorar, do que rir. Assim, nossos artistas devem ter o instinctivo senso de comedia, devem connhecer todos os "trucs" de arrancar todo o humor e a graça, de cada palavra e cada situação.

Um Studio de comedias é o melhor logar para os principiantes. Experiencia theatral não é tão necessaria como a habilidade em dizer e fazer as cousas de uma maneira divertida. Se eu estivesse começando uma carreira Cinematographica, hoje em dia, preferiria começar pela comedia. E' o melhor treino que você póde desejar e conseguir, para qualquer especie de trabalho cinematographico. E assim é que a nova artista viennense, Lillian Ellis, vae começar sua carreira na America, em minhas comedias.

Jesse Lasky, um dos pioneiros do Cinema e agora produzindo no Studio da Fox, assim respondeu minha pergunta:

"O meio mais rapido para triumphar em Hollywood é manter-se longe e esquecer os Films, até ter feito um nome para si mesmo em outro qualquer ramo artistico ou de diversão. Por exemplo, se você canta, tente o radio, faça o seu nome celebre neste meio, e de uma maneira tão importante que, os productores não hesitarão em mandar um trem especial para trazel-o á Hollywood! Se o seu talento é representar, vá para o palco, em qualquer logar, em qualquer companhia. Você ganhará experiencia e se tiver talento — successo.

Repito o que disse: successo em outros campos de actividade artistica é o mais rapido caminho para as glorias de Hollywood".

Assim, a opinião dos sabichões dos Studios e que "personalidade Cinematographica" harmonisada com experiencia e capacidade de trabalho, são as unicas varinhas magicas que levarão os aspirantes até o throno da fama Cinetographica.

A NOVA VIUVA ALEGRE

(FIM)

Tudo começou por perguntar alguem ao actor mexicano qual seria, na sua opinião, o vencedor de certa luta de box. Ramon responde que nem ao menos conhecia os contendores e que não lhe interessava a luta, porque lhe bastava a que tinha de sustentar no "set". Referia-se naturalmente ao seu trabalho no Film, mas entenderam que a "luta" era commigo e foi o que se viu de falatorio...

"Não faz muito tempo, o meu noivo Robert Bitchie foi á Europa á cata de talentos novos. Immediatamente se espalhou que haviamos brigado e desmanchado o noivado. Mentira. Leia este telegramma que ainda hontem elle me mandou!"

— Mas quando é o casamento? perguntei, olhando para o magnifica annel de noiva de Jeannette.

Tambem tem corrido que os dois já casaram secretamente.

— Receio que não seja tão cedo. Na minha presente situação, não acho possivel tornar-me uma esposa efficiente. Dentro de pouco tempo, farei uma "tournée" pela America do Sul. Eu, a viajar, Robert, a viajar... O casamento, assim, é difficil. Demais, tendo trabalhado tanto para aperfeiçoar a voz, sou sufficientemente pratica para procurar tirar proveito dos meus esforços.

"Já sei, entretanto, que todas as carreiras terminam, em seu devido tempo. Quando chegar a minha vez, abondonarei tudo para me dedicar á vida domestica e aos filhos. Se Robert se tornar productor, como pretende, residiremos, provavelmente, em Hollywood. Essa perspectiva não me alegra muito, porque ver os outros correrem e não poder tomar parte na corrida... Em summa, talvez de desse vontade de correr tambem!"

Actualmente, Jeannette mora em Beverly Hills, com a mãe, dois cães e um gato. Entre as pessoas da sua amizade, figuram Lily Pons, a celebre cantora, e Beery. As unicas pessoas que não a interessam são as que não trabalham. O trabalho, diz ella, apesar da sua confessada preguiça, é a cura de todos os males, inclusive os de amor. Não é de acreditar, porém, que a bella e jovial Jeaneette Mc Donald tenha tido desillusões no amor!

Os tres maridos de Jean Harlow

(FIM)

cidade que elle desejava. Assim se casaram os dois em Yuma, no dia 18 de Setembro de 1933.

Apesar, porém, de toda a sua boa vontade, Jean teve que reconhecer, logo depois, que ambos haviam commettido um erro. A sua innata honradez levou-a a ser franca com Hal. Juntos, discutiam o assumpto muitas vezes. Não havia outra sahida senão a preparação. Ao mesmo tempo, porém, sentiram-se hesitantes, pois o casamento, apesar de tudo, não destruira a amizade de um pelo outro.

E que diria o mundo? Ambos trabalhavam em Films e quem trabalha em Films não dá um passo que não seja attentamente acompanhado por todos. Os amigos aconselharam-nos que esperassem um pouco. Tentaram esperar. Mas não era honesto, explica Jean. Não era prova de coragem. Custe o que custar, não ter animo para desfazer um erro, é uma cobardia.

E assim se separaram. Falhou tambem o terceiro marido de Jan.

Hal não teve a culpa, como tambem a não tivera Paul Bern. Apenas o Destino fingiu que os ligava, em certo momento, á vida de Jean, para depois os separar brutalmente.

— Não admitto que ninguem fale mal de Hal, exclama Jean. Ha a mania absurda de se suppor que os homens mal succedidos no casamento não prestam... Eu e Hal não discutimos nem brigámos. Reconhecemos simplesmente a nossa incompatibilidade de genios e tivemos a coragem de nos separar.

Perguntaram a Jean se não se importava que lhe fizessem perguntas com relação á sua vida privada. Respondeu, com a sua habitual franqueza:

— O publico tem o direito de ser curioso a nosso respeito. Somos artistas, delle dependemos e não ha senão que lhe reconhecer certos privilegios. O artista, através do papel que interpreta na tela, faz os "fans" sahirem da propria personalidade e viverem num mundo imaginario de romance e de aventura. Não posso crer que tudo termine ahi. A curiosidade do publico não é mais do que o interesse pelo que representa aos olhos delle a pessoa chamada Jean Harlow.

Sobre o primeiro casamento de Jean:

— Se eu soubesse o que as moças modernas sabem sobre a vida e o amor, outro seria o resultado. Eramos ambos muito jovens para arcar com as responsabilidades do matrimonio. Aos dezesseis annos, nenhuma pequena sabe escolher marido. Muda-se muito.

"Antes do casamento, devia haver a amizade, apesar de que, mesmo assim, a gente se engana. Paul era um amigo ideal. A meus olhos, a affeição e o amor delle eram sagrados. Davam-me idéa perfeita do que podem ser duas pessoas em relação uma á outra.

"Póde parecer extraordinario áquelles que julgam igual aos typos que interpreto na tela, mas a verdade é que, na minha ignorancia, nem um só momento desconfiei que pudesse existir uma razão contraria ao nosso casamento. E mesmo ao saber que Paul jamais poderia a vir a ser meu marido, em toda a extensão da palavra, tentei desesperadamente convencel-o que aquillo não tinha importancia e de que o nosso

amor seria o mesmo. Homem, porém, duma sensibilidade extrema, cheio de bondade para toda a gente, Paul preferiu outro caminho.

"Hal foi outro amigo, o grande coração onde procurei refugio. Se não tivemos o amor que queriamos não nos cabe culpa. Tentámos".

Ella e Hal continuam sendo amigos.

— E depois de tudo isso, voltará ainda a casar? perguntaram-lhe.

Jean responde, sem hesitar:

— Ainda creio no casamento. As minhas idéas agora sobre o assumpto são até definitivas. Mas tambem sei que para uma estrella de Cinema o matrimonio é um problema difficil.

"Se, por exemplo, tivesse que escolher o meu trabalho e o casamento, preferiria o primeiro. Sempre temos muito amor a uma coisa que nos custou a conquistar. Trabalhei arduamente para vencer no Cinema e tenho em grande conta o logar que alcancei pelo meu proprio esforço. Não será absurdo, pedir a um escriptor para deixar de escrever, a um doutor para abandonar a medicina, a um aviador para renunciar á aviação? O mesmo pedir a uma actriz para não representar.

"Admiro muito os chefes de familia. Todas as esposas deviam ser gratas aos maridos pela luta que elles sustentam para manter a casa.

"As esposas que vivem a queixar-se da sorte deixam-me fria. Se ellas soubessem como os maridos se esfalfam para ganhar o pão de cada dia! Como não os achariam merecedores de tudo!"

E' por isso que os homens tanto gostam de Jean Harlow! Lembram-se do Film que lhe deu proeminencia no Cinema? Chamava-se "Anjo do Inferno" e tratava de homens cuja missão consistia em voar e morrer, num inferno de sangue e lama. A unica mulher era Jean, e, comtudo, os homens que entravam no Film estão esquecidos, ao passo que a "platinum blonde" chegou a estrella.

As mulheres podem gostar de Jean, mas os homens adoram-na. Todos vêem nella uma camarada, uma companheira, uma amiga, que comprehende bem as coisas do ponto de vista masculino.

Por essa razão, Jean viu falhar tres maridos, mas perdoou-os. E' incapaz de hostilizar qualquer pessoa de quem tenha sido amiga.

Isso é ser desilludida da vida, é ser sceptica? Nunca!

Jean pensa nos seus tres maridos que se foram com a tolerancia e a comprehensão de um homem. Ella tambem lutou para viver, ella tambem combateu valentemente pelos seus ideaes e pelas suas aspirações.

Os homens tratam-na de igual para igual. Vêem nella uma camarada e, ao mesmo tempo, uma mulher encantadora!

Cinearte
Propriedade da S. A. O MALHO

FUNDADOR:
Dr. Mario Behring

DIRECTOR:
Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS
Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. — (Registradas) 1 anno 60$000, 6 mezes 30$000.
As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.
Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registada, com valor declarado), deve ser dirigida á Travessa Ouvidor nº 34.
Telephones: Gerencia 3-4422 — Redacção: 2-8073 — Rio de Janeiro.
Representante em Hollywood.
GILBERTO SOUTO.

lanca vem conversar commigo. Ali dentro daquelle Studio eu era o unico de Hollywood, dessa cidade que ella ama. Precisava falar commigo. Fazer as perguntas de sempre — essas perguntas que nada "perguntam" e que, entretanto, tanto querem saber . . . "Como vae Hollywood?" A gente se acostuma a falar, assim, das cidades a que se quer bem — como se recordasse um amigo velho...

E ella tambem está contente porque dentro em breve voltaria ao sol bonito da California — ás suas noites de luar, frias e estrelladas... A's suas praias e ao seu mar verde e sempre rebelde...

Gardel diz-me que viria a Hollywood, dentro de dois mezes. Possivelmente em Setembro estará ali e apparecerá num Film em inglez. Trata-se de "O Grande Broadcasting de 1935", onde apparecerão varias das mais celebres personalidades do mundo do radio. Não está nada decidido a esse respeito — mas a sua presença num Film desse quilate já é uma garantia ao seu successo — assim como uma honra ao seu valor. Gardel volta a falar commigo, e me diz: "Padula é como que uma "mascotte" de meus Films. Sempre o tenho tido commigo, todas as vezes que posso. Agora mesmo, no meu primeiro trabalho para a Paramount nos seus Studios americanos eu o mandei buscar na Europa. Mandei-lhe apenas um telegramma: "Necessito de ti para um Film. Vem para New York no primeiro vapor. Gardel".

Por esse tempo, Padula estava na Hespanha, trabalhando num Film. Elle obtem do Studio que apressem a filmagem de todas as suas scenas e pega

GARDEL

O REI DO TANGO (Fim)

o primeiro navio — sem mesmo saber que papel, quanto iria ganhar... Somos amigos assim. Quando eu preciso delle — occupo-o e elle nunca o recusa, porque sabe bem que póde contar commigo sempre!

Gardel fala-me enthusiasmado do Film que está fazendo: "Este, posso affirmar, será muito melhor do que o primeiro que fizemos. O proximo ainda capricharemos mais e empregaremos ainda mais dinheiro. O titulo do meu Film será "O Tango em Broadway. (El Tango en Broadway).

"E' algo da sua propria experiencia? Indago.

"Não. Não terei neste meu papel nada que lembre a minha propria vinda a New York. Apenas a idéa do tango terra do jazz. Haverá talvez um conflicto de musicas... Nada mais".

Elle adora a Riviera — onde passa todo o tempo disponivel que póde conseguir. Adora os sports — principalmente as corridas de cavallos, que elle proprio cria e conhece como perito. Possue em Buenos-Aires varios e bellos, animaes, São a sua paixão.

Ama a Côte d'Azur pela sua luz brilhante. Pelo seu sol magnifico — pelo

azul do Mediterraneo e pela vida indolente que a propria Natureza pede de cada um... Apenas o cerebro trabalha — admirando a belleza do ambiente e... sonhando! remata elle.

Despedimo-nos com um abraço latino. O "camera-man" e os electricistas olharam surprezos. Sorriram — porque ali não havia "creanças para achar muita graça".

O abraço do brasileiro como do argentino é coisa rara nesta terra. Tão raro e encarado como exotismo que um escriptor americano, certa vez, num seu livro sobre o Brasil se deu ao trabalho minucioso de descrevel-o technicamente, com todos os seus menores detalhes! Parece mentira, mas é verdade!

Gardel deixou-me uma impressão agradavel. Elle é bem latino e nota-se nelle o artista e o bohemio mas não no sentido que a palavra tomou para certos conselheiros. Acacios que comprehendem "Bohemio" como significado de um cavalheiro que bebe até não poder mais e que "fala" e "cumprimenta senhoras...." como direi? — vocês comprehenlem? E' o que basta.

Gardel agrada pela sua sinceridade, pelo seu genio e pelos seus modos educados. Gostei delle. New York principia a querer bem ao rei do tango... Elle acabará convencendo a Helen Morgan de abandonar os "blaues" e soluçar um tanguinho...

Gardel tem futuro na America e o seu successo será garantido... Esperemos!

Shirley, o novo prodigio

(FIM)

Está orgulhoso e, ao mesmo tempo, acha graça na subita celebridade da pequena. Quando alguem insiste em conhecel-o pessoalmente, exclama, em tom de troça: "Isto é a gloria!"

Como se sabe, cada estrella tem a sua mania. Shirley colleciona pedrinhas, chapinhas de garrafa e bocados de papel. A mãe a toda a hora lhe esvazia os bolsos das coisas mais extravagantes.

Esta "vamp" de bolso dá a vida por "cozinhar" pasteis de barro e nunca perde a opportunidade de se sujar o mais possivel... Como todas as crianças.

Os seus dois cães de panno, o "Poochie" e o "Corky" recebem-lhe os abraços e as confidencias. Arrasta-os para toda a parte. As bonecas favoritas são uma "Anna" muito esfarrapada e uma "Princeza", que lhe deu a mallograda Dorothy Dell.

No proximo mez de Setembro, começará a aprender a ler, com um professor, que a ensinará no proprio "lot".

— Mas, primeiro, lembra ella, preciso ter a criança...

De certo, Shirley, e que seja tão adoravel como você!

O Gato Preto

(FIM)

'egast torna-se ameaçador mas é detido pelo aparecimento de um gato preto.

Na manhã seguinte Joan parece curada. Dois gendarmes chegam e obtêm uma descripção do accidente e alegram um pouco a atmosphera com o seu humoristico dialogo.

Peter e Joan decidem partir, mas descobrem que estão presos nesta casa.

Numa luta Peter é posto "knock out" e Joan levada para o quarto por ordem de Poelzig. Joan tenta fugir e entra noutro quarto onde descobre uma linda mulher, Karen, a filha de Verdegast, que é agora esposa de Poelzig. Ella avisa a Joan para sahir desta casa antes que seja tarde de mais.

Joan conta a Verdegast a presença de sua filha nesta casa. Indignado com isso elle jura vingar-se de Poelzig.

Os dois homens têm uma terrivel luta. Joan e Peter conseguem escapar desta malfadada casa deixando Poelzig e Verdegast num combate mortal.

As rebeliões de Sylvia

(FIM)

Faz poucos annos, surgiu-lhe a opportunidade de tomar parte em "Mourning Electra", em New York. Era a grande trilogia de Eugene O' Neill, que daria fama a qualquer actriz. George Jean Nathan offereceu-lhe o papel, que Alice Brady depois representou. Mr. O' Neill approvou a escolha.

Cheia de enthusiasmo, Sylvia telephonou de New York a Schulberg, dando-lhe conta de tudo. Ella julgava que o productor participaria da sua alegria, mas Schulberg via as coisas por outro prisma. Sylvia começava a obter exito nos Films. Não convinha afastar-se para outros dominios. Demais, representar no celebre Theatro Guild era de certo muito agradavel, mas o prestigio Cinematographico da actriz nada ganharia com isso.

Desse modo, talvez um pouco desapontada, Sylvia voltou a Hollywood. Ella pode ser não-conformista, mas sabe o que lhe convém. Comprehendia bem que era preciso aproveitar a maré de successo que, no momento, a bafejava no Cinema.

Sylvia tem uma expressão triste no olhar, uma especie de nevoa em que parecem brilhar lagrimas. E' essa particularidade que commove e encanta uma grande parte do publico.

Quando ella explodiu no Studio, muita gente a chamou de egoista e malcriada. O modo impulsivo por que abandonou Hollywood foi mal comprehendido. Entenderam que ella exaggerara a sua situação.

Era, porém, a unica sahida. Sylvia chegara a um extremo que já admittia delongas, nem mais conversa com os executivos. E tudo devido principalmente a más interpretações. A doença que a atacou é rara e pouco conhecida. A actriz quasi perdeu a cabeça. O seu gesto foi mais do que um simples impulso. Abalou para New York, numa crise de desespero. Sabia que se não partisse quanto antes, para ser tratada, estava perdida

Por tudo isto se vê que Sylvia Sidney corre sempre o perigo de ser mal comprehendida!

O estranho caso de Marlene

(F I M)

"Sternberg declarou publicamente que photographara umas seiscentas estatuas e mil pinturas, que mandara fazer. Marlene perdia-se no meio desse estranho labyrintho e impossivel lhe seria, diante do espectador, competir com tantos monstros e phantasmagorias. Atreveu-se a protestar. Houve discussão, o "Cantico dos Canticos" veio á baila e Sternberg ficou furibundo. Só muitos dias depois, actriz e director fizeram as pazes. Sternberg concordou, então, em apresentar menos symbolos. O resultado é que em "Imperatriz galante" Marlene apparece em segundo plano, ao lado de tantos monstros e cossacos, mas em melhores condições das que Sternberg a principio planejára".

Que pena não podermos separar as duas personalidades de Marlene! Von Sternberg ficaria com a parte mansa e obediente, para a amoldar á vontade aos seus mosaicos futuristas. A outra, a que possue belleza, magnetismo, talento, seria entregue a um director, que, sem ter que vender o seu peixe, lhe daria a "chance" que ella merece!

O romance de Anna Sten

(FIM)

"Fiquei gelado. "Para onde?, perguntei, pegando-lhe na mão. "Para aqui", respondeu ella. "Estou cançada de pagar aluguel, e, além, disso, gosto mais da tua casa"...

"Foi assim que nos casámos, no outomno de 1930.

"O casamento, no entanto, pouco influiu nas nossas vidas. Estavamos tão identificados um com o outro, que uma simples cerimonia nada poderia tirar ou accrescentar ao nosso amor. Mais tarde, quando se apresentou a opportunidade offerecida por Samuel Goldwyn, liquidei os negocios e acompanhei minha mulher á America. Nunca nos separámos. Fiz do Cinema a minha occupação e do exito de Anna a minha ambição maior".

Dizem os entendidos que para se chegar a ser grande astro é preciso primeiro passar por tudo na vida. Anna Sten galgou a posição, que hoje occupa, através dum sem numeros de vicissitudes. E' agora uma figura mundial. A sua grande arte floresceu entre tristezas, trabalhos e humilhações. Ella póde exprimir qualquer emoção, porque as conhece a todas por experiencia propria. A sua vida tem sido ao mesmo tempo amarga e suave. Anna conheceu o peor, mas tambem provou do melhor.

Como todos os artistas verdadeiramente grandes, Anna caminha para a frente sózinha. Ao fundo, comtudo, ha a figura dum homem, Eugene Frencke, seu companheiro. Por intermedio delle se projecta a arte que deu aos "fans" da America uma nova emoção. Anna não dispensa o apoio de Eugene, que é forte. Ella abrirá caminho de triumpho em triumpho, mas no intimo do coração é ainda a timida camponeza, que se sente em terra estranha. Humilde e altiva, acanhada, mas confiante, que estranha e fascinante mistura de contradicções!

Tal a historia da transfiguração de Anna Sten, inedita até agora!

Agente de publicidade

(Continuação)

Tomemos, por exemplo, Katharina Repburn. Os agentes de publicidade da estrella reuniram-se em conselho e chegaram á conclusão de que Garbo, a mysteriosa, é falada simplesmente porque não apparece a ninguem e não dá entrevistas. Logo, a Repburn devia fazer o mesmo. O peor é que os jornalistas americanos se supportam certas coisas ás actrizes estrangeiras, adoptam attitude muito differente com relação ás patricias. Onde a Garbo é mysteriosa e "glamorous", a Repbura, por fazer o mesmo, é idiota e cheia de vento... Os commentarios nas fo'has a respeito de Katharine tornaram-se desagradaveis e a popularidade da estrella desceu.

Não se lembram do casamento recente de Joel Mc Crea e Frances Dee? Todos os jornaes publicaram retratos dos noivos no City Hall, a linda noiva a receber a licença de casamento das mãos do escrevente, o encantador noivo pendurado do braço della. Naturalmente, não se deu a concidencia de estarem ali, no momento, todos os photographos das gazetas. Foram os homens da publicidade.

Elles estão sempre a suggerir idéas aos donos dos Cinemas. Quando se exhibiu "Flying Devils", United Artists forneceu uns paraquedas enormes que com o nome do Film pintado, cahiam em frente dos Cinemas, que apresentavam a producção. A fim de evitar accidentes, cada paraquedas era acompanhado duma folha de instrucções: "Estes paraquedas não são sufficientemente fortes para aguentarem o peso dum homem. Assim, não consinta que o seu agente de publicidade se atire em qualquer delles do alto do telhado". Pois o propagandista dum Cinema entendeu de ler as instrucções ao contrario. Chamou um carro de Bombeiros, fez estender uma rede na rua e desceu de paraquedas. Felizmente não morreu.

Para "Viva Vila!", os propagandistas descobriram uma linda moça, que se diz ser, e que provavelmente o é, filha do grande Pancho com a sua quarta mulher. Ella faz "personal appearances" nos Cinemas, que exhibem o Film e tem dado innumeras entrevistas, escriptas pelos agentes.

"A conquista da Belleza" teve um reclame dos mais collossaes. Organizaram-se concursos de belleza para homens e mulheres em todos os paizes de lingua ingleza, Canadá, Inglaterra, Irlanda, Escocia, Galles, Australia etc. Os vencedores foram levados para Hollywood e tomaram parte no Film. Para o Film "Eight Girls in a Boat", houve tambem dessas competições em dezenas de barcos de recreio.

(*Continúa no proximo numero*)

Ultima Scena

(FIM)

Foi ahi que aquella Hollywood que elle tanto procurára, foi procural-o...

Joseph Schenck procurou-o, mas a Universal contractou-o primeiro.

No entanto, o seu primeiro Film foi no "Seculo XX" — aquelle "Luzes do Broadway".

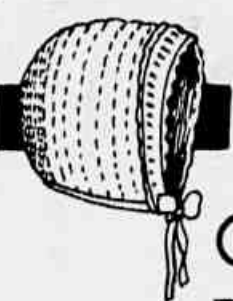
Era este o Russ Colombo.

Os mortos do Cinema. Sombras que continuam a passar pelas telas mesmo depois que desapparecem da vida...

Aventuras de Katrapuz e Raspassusto

UM livro para recreio da infancia, uma viagem cheia de empolgantes peripecias, um livro que interessa e diverte as crianças.

A' VENDA EM TODO O BRASIL **Preço 6$000**

Pedidos á Bibliotheca Infantil d'O Tico-Tico
TRAVESSA DO OUVIDOR, 34 - RIO

É UMA PRECIOSIDADE PARA AS MÃES

Traz uma infinidade de modelos e motivos os mais diversos para executar e ornamentar roupinhas de creanças.

Motivos de festões, pequenos lençóis, fronhas, babadores, sapatinhos, toucas, camisinhas de pagão, camisolas, mantas, etc, com explicações claras para a sua execução.

Em um grande suplemento, vém originalissimo risco para colcha de berço, bordada em linha branca com ponto inglez, outro para endredon, além de diversos de pequenas peças.

Os pontos empregados em todos os trabalhos são os mais simples--Ponto de Cruz, Cheio, de Haste. Ilhóses, etc.

COM

O ENXOVAL DO BÉBÉ

EXECUTA-SE O MAIS ORIGINAL E GRACIOSO ENXOVAL PARA BÉBÉ

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

PEDIDOS A "ARTE DE BORDAR" CAIXA POSTAL, 880 — RIO -- **PREÇO 6$**

PONTO DE CRUZ

Um lindo album contendo 100 lindos motivos de Ponto de Cruz

EDIÇÃO DE ARTE DE BORDAR

QUE APRESENTA UM FAMOSO ENCADEAMENTO DE MOTIVOS, DE TRABALHOS, DE SUGESTÕES, A SEREM FEITOS COM O SIMPLES E MAIS SINGELO DOS PONTOS — O PONTO DE CRUZ

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS **Preço 3$000**

Pedidos á Redacção de ARTE DE BORDAR-Trav. DO OUVIDOR, 34-Rio

Dê a sua senhora o presente que ella mais deseja:

UMA ASSIGNATURA ANNUAL DE **Moda e Bordado**

a mais completa, a mais perfeita, a mais moderna revista de elegancias que já se editou no Brasil.

Moda e Bordado

não é apenas um figurino: porque tem tudo quanto se póde desejar sobre decoração, assumptos de toilette feminina, actividades domesticas, etc.

PREÇO DA ASSIGNATURA, SOB REGISTO.
Anno . . . . 35$
Seis mezes . 18$

TRAVESSA DO OUVIDOR, 34
CAIXA POSTAL, 880
RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA INFANTIL
D'O TICO-TICO
VÔVÔ D'O TICO TICO
BIBLIOTHECA INFANTIL
SERIE I
HISTORIAS DE PAE JOÃO
PAPAE
PANDARECO, PARACHOQUE e VIRALATA
ZÉ MACACO e FAUSTINA
CHIQUINHO D'O TICO-TICO
NO MUNDO DOS BICHOS
CADA VOLUME 5$
O melhor presente para as creanças é um livro. Nos livros, cujas miniaturas estão desenhadas nestas paginas, ha motivos de recreio e de cultura para a infancia. Bons livros dados ás creanças são escolas que lhes illuminam a intelligencia. O bom livro é o melhor professor.
VÔVÔ D'O TICO-TICO
de CARLOS MANHÃES
HISTORIAS DE PAE JOÃO
DE OSWALDO ORICO
PAPAE de JORACY CAMARGO
PANDARECO, PARACHOQUE E VIRALATA
DE MAX YANTOK
ZÉ MACACO E FAUSTINA
de ALFREDO STORNI
CHIQUINHO DO TICO-TICO
de CARLOS MANHÃES
NO MUNDO DOS BICHOS
de CARLOS MANHÃES
Comprae para vossos filhos os livros da Bibliotheca Infantil d'O Tico-Tico, á venda nas livrarias de todo o Brasil.
PEDIDOS EM VALE POSTAL OU CARTA REGISTRADA COM VALOR A
Bibliotheca Infantil d'O Tico-Tico
Trav. Ouvidor, 34
RIO DE JANEIRO